

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A TRAJETÓRIA DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM *PORTANTO, POR ISSO, LOGO E ENTÃO*

Mayra França Floret

2022



A TRAJETÓRIA DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM *PORTANTO*, *POR ISSO*,
LOGO E *ENTÃO*

Mayra França Floret

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Rio de Janeiro
Março de 2022

A TRAJETÓRIA DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM PORTANTO, POR ISSO,
LOGO E ENTÃO

Mayra França Floret

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Examinada por:

MConcAPaiva

Presidente, Professora Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva – Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ (orientadora)

Erotilde G. Pezatti

Professora Doutora Erotilde Goreti Pezatti - Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos – UNESP

Professor Doutor Ivo da Costa do Rosário - Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem – UFF

Maria Luiza Braga

Professora Doutora Maria Luiza Braga - Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ

Maria Maura de C. Cezario

Professora Doutora Maria Maura Cezario - Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ

Violeta Rodrigues

Professora Doutora Violeta Virgínia Rodrigues - Programa de Pós-graduação em Letras vernáculas – UFRJ (suplente)

Professor Doutor Diego Leite de Oliveira - Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ (suplente)

Floret, Mayra França.

A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então / Mayra França Floret. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2022.

ix, 146f.

Orientador: Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Tese (doutorado) – UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de pós-graduação em Linguística, 2022.

Referências bibliográficas: f.149 – 155.

1. Construções conclusivas. 2. Conectores. 3. Portanto. 4. Por isso. 5. Logo. 6. Então. I. Paiva, Maria da Conceição Auxiliadora de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de pós-graduação em Linguística. III. A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então.

RESUMO

A TRAJETÓRIA DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM *PORTANTO*, *POR ISSO*, *LOGO* E *ENTÃO*

Mayra França Floret

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Resumo da tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Linguística.

O principal objetivo deste estudo é investigar a trajetória de quatro construções conclusivas representadas pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2]. Nessa construção, o *slot* CONECTOR pode ser preenchido, dentre outras formas, por *portanto*, *por isso*, *logo* ou *então*, que constituem o objeto desta tese. Procuramos verificar também a possibilidade de alternância entre elas, buscando evidências para a discussão do princípio de não sinonímia. Com base nos pressupostos dos Modelos baseados no uso e da Gramática de construções diacrônica, partimos da hipótese de que essas construções se inserem em uma rede e que os links entre elas se alteram ao longo do tempo. Para verificar essa hipótese, analisamos dados coletados em uma amostra de textos do século XIII até o século XXI, representativos, portanto, de diferentes períodos da história do português, considerando diversas propriedades relacionadas ao polo da forma e do significado/função dessas construções. Os resultados relativos a essas propriedades permitiram identificar mudanças e regularidades na trajetória dessas construções. Foram encontrados 291 dados, dentre os quais 173 fazem parte do período moderno, 72 do período arcaico e 46 do período clássico. A construção mais frequente em todos os períodos é a com *por isso*, e a menos frequente é a conectada por *logo*. Destaca-se a importância do domínio em que se realiza a relação de causalidade para a compreensão da relação entre as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*. A análise da organização da rede de cada período mostrou que, desde o período arcaico, as construções em foco se relacionam especialmente ao domínio referencial, embora se liguem também ao domínio epistêmico. Uma análise multivariacional forneceu evidências de que o princípio da não sinonímia pode ser relativizado. Em alguns contextos, as construções conclusivas focalizadas podem alternar entre si, já que nenhuma das propriedades analisadas favorece o uso de uma construção específica.

Palavras-chave: construções conclusivas; mudança linguística; Modelos baseados no uso; Gramática de construções diacrônica.

ABSTRACT
THE TRAJECTORY OF CONCLUSIVE CONSTRUCTIONS WITH *PORTANTO*, *POR*
ISSO, *LOGO* AND *ENTÃO*

Mayra França Floret
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Abstract da tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Linguística.

The main goal of this study is to investigate the trajectory of four conclusive constructions represented by the scheme [Segment 1 CONNECTOR Segment 2]. In this construction, the slot CONNECTOR may be filled by, among others, *portanto*, *por isso*, *logo* or *então*, which are the object of this thesis. We also check the possibility of alternation between them, searching for evidences to the discussion of the principle of no synonymy. Based on Usage-based models and Diachronic construction grammar assumptions, we consider the hypothesis that these constructions are part of a network and that the links between them change over time. To check this hypothesis, we analysed data collected in texts between XIII and XXI centuries, which represent different stages of Portuguese language. We considered many properties related to form and meaning of the constructions. The results related to these properties allowed us to identify changes and regularities in the trajectory of the constructions. We found 291 occurrences, in which 173 are part of modern period, 72 of archaic period and 46 of classical period. The most frequent construction in all periods is the one with *por isso*, and the less frequent one is connected by *logo*. One of the most important aspects to understand the relation between the constructions connected by *portanto*, *por isso*, *logo* and *então* is the domain of causality. The analysis of the organization of the network in each stage showed that, since archaic Portuguese, the constructions are mainly related to the content domain, although they are also related to the epistemic domain. A multivariate analysis provided evidences that the principle of no synonymy may be discussed. In some contexts, the four conclusive constructions may alternate with each other, concerning that none of the properties analysed favours the use of a specific construction.

KEYWORDS: conclusive constructions; linguistic change; Usage-based models; Diachronic construction grammar.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	14
2.1. Modelos baseados no Uso (MBU).....	14
2.2. Gramática de construções baseadas no uso (GCBU).....	21
2.3. Mudança sob uma perspectiva construcional.....	30
3. RELAÇÃO CONCLUSIVA: ASPECTOS SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS.....	37
3.1. Natureza semântica das construções conclusivas.....	37
3.2. Natureza sintática das construções conclusivas.....	42
3.3. Logo, portanto, por isso e então: função adverbial ou conectiva?.....	47
3.4. Características particulares dos conectores conclusivos.....	50
4. OBJETIVOS, HIPÓTESES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
4.1. Objetivos e hipóteses.....	57
4.2. Amostra e procedimentos metodológicos.....	60
5. PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM PORTANTO, POR ISSO, LOGO E ENTÃO.....	66
5.1. Distribuição de <i>portanto</i> , <i>por isso</i> , <i>logo</i> e <i>então</i>	66
5.2. Propriedades relativas ao significado.....	73
5.2.1. Domínio da causalidade.....	73
5.2.2. Modalização na oração conclusiva.....	79
5.2.3. Verbo da oração conclusiva.....	82
5.3. Propriedades relativas à forma.....	85
5.3.1. Sujeito da oração conclusiva.....	85
5.3.2. Posição do conector na oração conclusiva.....	92
5.3.3. Tipo de segmento conectado.....	97
5.4. Sequência textual.....	101
5.5. Correlação entre sequência discursiva e texto.....	111
6. A REDE DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS AO LONGO DO TEMPO.....	116
6.1. A trajetória das construções conclusivas com <i>portanto</i> , <i>por isso</i> , <i>logo</i> e <i>então</i>	116
6.2. A organização das construções conclusivas por domínio.....	127
6.3. Construções conclusivas com <i>portanto</i> , <i>por isso</i> , <i>logo</i> e <i>então</i> : variantes para a expressão de conclusão?.....	135
7. CONCLUSÕES.....	144
REFERÊNCIAS.....	149

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

- Figura 1 – Polo formal e funcional da construção – p.22
- Figura 2 – Relações hierárquicas entre construções propostas por Traugott e Trousdale (2013) – p.25
- Figura 3 – Herança múltipla – p.28
- Figura 4 – Herança única – p.28
- Figura 5 – Continuum de gramaticalização dos conectores conclusivos – p.49
- Figura 6 – Rede de construções conclusivas no período arcaico – p.128
- Figura 7 – Rede de construções conclusivas no período clássico – p.130
- Figura 8 – Rede de construções conclusivas no período moderno – p.132
- Figura 9 – Links verticais e horizontais entre as construções conclusivas – p.135
- Gráfico 1 - Distribuição de construções conclusivas ao longo do tempo – p.69
- Gráfico 2 – Posições iniciais ao longo do tempo – p.96
- Quadro 1 – Tipos de construção – p.24
- Quadro 2 – Tipos de mudança – p.35
- Quadro 3 – Testes sintáticos propostos por Quirk et al (1985) – p.46
- Quadro 4 - Amostra por período (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo) – p.62
- Quadro 5 - Trajetória da construção com *logo* – p.117
- Quadro 6 – Trajetória das construções com *portanto* – p.119
- Quadro 7 – Trajetória das construções com *por isso* – p.122
- Quadro 8 – Trajetória das construções com *então* – 124
- Quadro 9 – Trajetória de mudança das construções com *logo*, *portanto*, *por isso* e *então* – p.126
- Quadro 10 – *Continua* de centralidade por domínio ao longo do tempo - p.133
- Quadro 11 – Oposições consideradas na análise multivariacional - p.142
- Tabela 1 – Distribuição de construções conclusivas no período arcaico – p.67
- Tabela 2 - Distribuição de construções conclusivas no período clássico – p.68
- Tabela 3 - Distribuição de construções conclusivas no período moderno/contemporâneo – p.68
- Tabela 4 – Distribuição das construções por texto – p.71
- Tabela 5 – Domínio da causalidade no período arcaico – p.76
- Tabela 6 – Domínio da causalidade no período clássico – p.77
- Tabela 7 – Domínio da causalidade no período moderno/contemporâneo – p.78
- Tabela 8 – Modalização na oração conclusiva no período arcaico – p.80
- Tabela 9 – Modalização na oração conclusiva no período clássico – p.81
- Tabela 10 – Modalização na oração conclusiva no período moderno/contemporâneo – p.81
- Tabela 11 – Itens verbais encontrados nas orações conclusivas – p.83
- Tabela 12 – Sujeito da oração conclusiva no período arcaico – p.86

- Tabela 13 – Sujeito da oração conclusiva no período clássico – p.87
- Tabela 14 – Sujeito da oração conclusiva no período moderno/contemporâneo – p.87
- Tabela 15 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período arcaico – p.89
- Tabela 16 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período clássico – p.91
- Tabela 17 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período moderno/contemporâneo – p.91
- Tabela 18 – Posição do conector na oração conclusiva no período arcaico – p.93
- Tabela 19 – Posição do conector na oração conclusiva no período clássico – p.94
- Tabela 20 – Posição do conector na oração conclusiva no período moderno/contemporâneo – p.95
- Tabela 21 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período arcaico – p.99
- Tabela 22 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período clássico – p.99
- Tabela 23 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período moderno/contemporâneo – p.100
- Tabela 24 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período arcaico – p.105
- Tabela 25 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período clássico – p.106
- Tabela 26 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período moderno/contemporâneo – p.107
- Tabela 27 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período arcaico – p.108
- Tabela 28 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período clássico – p.109
- Tabela 29 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período moderno – p.110
- Tabela 30 – Cruzamento entre sequência discursiva e os textos da amostra – p.112
- Tabela 31 – Por isso *versus* portanto no período moderno/contemporâneo – p.137
- Tabela 32 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período arcaico – p.138
- Tabela 33 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período clássico – p.139
- Tabela 34 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período moderno/contemporâneo – p.140

1. INTRODUÇÃO

A relação de conclusão, que se insere no domínio mais amplo da causalidade, é uma das mais frequentes tanto no discurso oral como no discurso escrito e pode ser instanciada por diversos conectores. Dentre as diversas possibilidades, esta tese focaliza as construções conectadas por quatro deles: os de base adverbial, *logo* e *então*, e os de base preposicional, *portanto* e *por isso*, como mostram os exemplos a seguir.

(1) Assim a Madre Elena, sendo de Deos taõ mimosa, forçosamente hauia de ser do Demonio perseguida nas occasioens em que o seu zello em algumas contradicoens sahia vencedor, **logo este inimigo se lhe mostaua vingatiuo**, e dos golpes com que a maltrataua lhe ficavaõ os sinaes (Século XVIII – Vida e morte de Madre Helena da Cruz).

(2) Se alguus omees ouuere~ cartas que queyra~ renouar porq(ue) son uellas ou por out(ra) cousa guysada q(ue) semelhe, tragaas ant'o alcayde. E se o alcayde as achar dereytas e feytas p(er) mao do escriua~ publico e uir qua lli faz mest(er) p(er) algu~a daquellas razo~es sub(re)ditas, **ento~ façaas renouar a esse ou a outro scriua~ publico se uir q(ua) lhy [faz] mest(er)** (Século XIII – Afonso X, Foro Real).

(3) As bagagens de a corte , expostas a o tempo e quase abandonadas ocupavam desde a rua de a Junqueira até a o Cais , e as carruagens não puderam entrar em o largo de Belém , porque o Estado de o Príncipe , o imenso povo que estava em o largo, as bagagens, e o regimento de Alcantara que fazia a guarda de honra, impediam o trânsito . **Não pudemos , portanto, ver os nossos parentes que partiam** (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

(4) O projeto organizava o crescimento urbano, dividindo a ilha em ruas e avenidas numeradas, como numa enorme grade. **Por isso localizar-se em Manhattan é bastante simples** (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

No exemplo (1), o fato de a madre ter o apreço de Deus faz com que o inimigo se vingue dela. Nesse exemplo, o conector aparece em posição inicial absoluta. No exemplo (2), se o alcaide julgar necessário, as cartas devem ser renovadas pelo escrivão. Assim como no exemplo anterior, o conector *então* também aparece em posição inicial absoluta. O dado (3), em que o conector *portanto* está em posição medial entre dois verbos, um impedimento no trânsito também impediu o locutor de ver seus parentes que partiam. Por fim, em posição inicial absoluta e em outro período, o conector *por isso* estabelece a relação entre a organização de Manhattan e a facilidade de localização no local.

Empreendemos um estudo diacrônico que visa identificar a trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, com base em uma amostra composta por textos produzidos desde o século XIII até o século XXI, representativos, portanto, dos diferentes

períodos do português. Buscamos depreender não apenas as mudanças sofridas por cada uma dessas construções como também as possíveis alterações na rede de construções conclusivas do português ao longo do tempo, desde os seus registros mais remotos até estágios mais atuais da língua.

Nossa análise das construções conclusivas se insere na perspectiva teórica dos Modelos baseados no Uso (MBU) (KEMMER; BARLOW, 2000; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2010; BYBEE; BECKNER, 2010), que se opõem a uma visão da linguagem como um sistema exclusivamente baseado em regras e independente do uso. Dado o nosso interesse pela mudança, associamos a essa perspectiva os pressupostos da Gramática de construções baseada no uso e, mais especificamente, da Gramática de construções diacrônica.

Para os MBU, processos cognitivos de domínio não especificamente linguístico determinam a forma de organização do sistema linguístico e podem explicar aspectos regulares e irregulares das línguas (cf. BYBEE, 2010). Além disso, esses modelos enfatizam a centralidade do uso na organização, produção e processamento do sistema linguístico, assim como na variação e na mudança, colocando ênfase especial na frequência das formas linguísticas. Um outro ponto central na perspectiva dos MBU é o de que a gramática é composta por categorias emergentes e construções em constante mudança.

A *Gramática de construções baseada no uso* (GCBU) é uma vertente da Gramática de construções fundamentada em dois pilares: (i) a língua é um inventário de construções, ou seja, de pareamentos de forma e significado de variados níveis de esquematicidade, (cf. GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e (ii) as construções de uma língua estão associadas entre si por diversos tipos de elos (*links*), o que resulta em uma rede organizada (cf. GOLDBERG, 1995, 2006). Essa rede é dinâmica, sofrendo mudanças constantes, como o surgimento ou desaparecimento de construções e desenvolvimento de novos significados por construções já existentes.

Com base no suporte teórico construcional, principalmente no conceito de construção como um pareamento forma-significado, consideramos que a relação conclusiva envolve uma relação entre dois segmentos de discurso ligados por um conector, o que pode ser esquematizado como [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2]. Nessa construção, o *slot* CONECTOR pode ser preenchido por diferentes elementos de ligação, dentre eles, *portanto*, *por isso*, *logo* ou *então*, objetos de estudo desta tese.

A *Gramática de construções diacrônica*, que focaliza a mudança numa perspectiva construcional, tem se revelado um campo fértil e promissor, não só para a compreensão da forma como emergem e se expandem novas construções ao longo do tempo, mas também das

mudanças que essas construções continuam sofrendo ao longo de suas trajetórias. Consequentemente, também há interesse nas alterações da rede em que as construções se inserem. Como ressalta Hilpert (2018), mudanças podem afetar também a relação entre os diferentes nós de uma rede, com o fortalecimento de algumas construções.

Tendo em vista o princípio de não sinonímia, inerente à definição de construção, qualquer diferença na forma de uma construção corresponde a uma diferença de significado/função. De acordo com essa perspectiva, ainda que duas construções compartilhem muitas semelhanças, não constituem alternativas intercambiáveis em qualquer contexto de uso. Poderíamos pressupor que as construções em análise, apesar de terem o mesmo significado referencial, podem ter/desempenhar funções distintas. Por isso, analisamos diversos aspectos semânticos, formais e funcionais dessas construções com o objetivo de identificar as propriedades partilhadas por essas construções e os fatores que motivam o uso de cada uma delas em cada período do português.

Com base nos pressupostos teóricos sumarizados até este ponto, algumas questões podem ser colocadas no que se refere à trajetória e à relação entre as construções conclusivas focalizadas nesta tese:

- Quais construções conclusivas são mais frequentes em estágios mais remotos?
- Quais construções se fortalecem e quais construções se enfraquecem ao longo do tempo? Em que medida esse fortalecimento é impulsionado pela frequência?
- De que maneira as redes de construções conclusivas se diferenciam em cada um dos períodos do português (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo)?
- Quais são os fatores associados ao uso de determinadas construções conclusivas em cada período do português?
- Há especificidades funcionais entre as construções conclusivas em cada período do tempo?

Para responder a essas perguntas, analisamos uma amostra composta por textos produzidos desde o século XIII até o século XXI. Adotando a periodização proposta por Mattos e Silva (1994, 2007) e Castro (2013), consideramos a seguinte divisão: período arcaico (século XIII até primeira metade do século XVI), período clássico (segunda metade do século XVI até século XVIII) e período moderno/contemporâneo (século XIX até o estágio atual do português). A amostra é equilibrada quanto ao número de textos e número de palavras por período.

Para verificar a trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* e as mudanças ocorridas na rede de cada período, analisamos algumas propriedades

relacionadas ao significado/função e à forma dessas construções. No polo do significado, os dados são analisados quanto ao domínio da causalidade ou, em outras palavras, ao tipo de relação causal estabelecida pela construção. Consideramos também a ocorrência explícita e a frequência de elementos de modalização na oração conclusiva. A análise desses dois aspectos tem por objetivo verificar a hipótese de que a mudança semântica das construções conclusivas percorre um caminho na direção [- subjetivo] > [+ subjetivo]. Por fim, no âmbito funcional, analisamos o item verbal presente na oração conclusiva. Todas as ocorrências foram coletadas a fim de verificar se há correlação significativa entre itens verbais específicos ou classes de verbos e o uso de uma ou outra construção conclusiva.

Especificamente no que diz respeito à forma, são analisados três aspectos: as diferentes possibilidades de posicionamento do conector na oração, o tipo de segmento com que a oração introduzida pelo conector se liga e o sujeito da oração conclusiva.

Considerando a importância do contexto mais amplo em que as construções conclusivas se inserem, analisamos, ainda, a natureza discursiva dos trechos em que elas ocorrem, especialmente para verificar se diferentes sequências discursivas (narrativas, argumentativas, expositivas, descritivas e dialógicas) favorecem relações mais objetivas ou mais subjetivas, ou seja, referenciais, epistêmicas ou interacionais.

Além desta introdução, esta tese está organizada em 6 capítulos. No capítulo 2, detalhamos a perspectiva teórica que dá suporte às hipóteses colocadas, especialmente no que diz respeito aos Modelos baseados no uso e à Gramática de construções baseada no uso. No capítulo 3, tratamos especificamente da relação conclusiva, focalizando seus aspectos semânticos e sintáticos. No capítulo 4, apresentamos os objetivos e hipóteses que norteiam o desenvolvimento desta tese e detalhamos a amostra e os procedimentos metodológicos adotados.

Os capítulos 5 e 6 são dedicados à análise. No capítulo 5, apresentamos e discutimos os resultados encontrados no desenvolvimento da análise. A partir desses resultados, focalizamos, no capítulo 6, a rede de construções por domínio da causalidade em cada período, destacando possíveis alterações identificadas ao longo do tempo. Além disso, a partir dos resultados de uma análise multivariacional, discutimos a questão da possibilidade de variação entre as construções conclusivas, ressaltando a importância da relação entre elas. Por fim, seguem-se as conclusões finais.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No estudo da trajetória das construções conclusivas com *portanto, por isso, logo e então* e das alterações na rede em que se inserem, adotamos o pressuposto de que o uso da língua estrutura nosso conhecimento linguístico que, numa visão construcionista, pode ser entendido como uma rede de construções que estabelecem relações entre si (o construct-i-con). Sendo assim, neste capítulo detalhamos os pressupostos dos *Modelos baseados no uso* (seção 2.1) e da *Gramática de construções baseada no uso* (seção 2.2) e, por fim (seção 2.3), discutimos a forma como os conceitos e pressupostos centrais desses modelos podem ser aplicados ao estudo da mudança linguística, focalizando a corrente que vem sendo desenvolvida sob o rótulo de Gramática de construções Diacrônica.

2.1. Modelos baseados no uso (MBU)

Este trabalho se fundamenta na perspectiva teórica dos Modelos baseados no Uso (MBU), rótulo mais geral para diversas perspectivas que conjugam princípios da Linguística funcional e da Linguística cognitiva (BOYLAND, 2009; BYBEE, 2010; BYBEE; BECKNER, 2010; DIESSEL, 2015). Retomando uma perspectiva defendida em muitos estudos funcionalistas, os MBU também enfatizam a importância do uso que os falantes fazem da língua e a forma como esse uso repercute na abstração dos padrões linguísticos, na variação e na mudança linguística. Retomando princípios da Linguística Cognitiva, defendem o pressuposto de que processos cognitivos mais gerais e não específicos da linguagem estão na base do comportamento linguístico dos falantes e podem explicar tanto as regularidades como as irregularidades da gramática, a variação e a mudança, assim como a aquisição e o processamento linguístico. Os MBU colocam, portanto, a tónica na centralidade do uso, ou seja, na experiência linguística do falante nas diferentes situações comunicativas na organização e funcionamento dos sistemas linguísticos.

Como destacado por Ibbotson (2013), embora não exista uma definição consensual para os Modelos baseados no uso, é possível identificar algumas características comuns aos diversos trabalhos que reivindicam essa perspectiva teórica. Segundo Kemmer e Barlow (2000), os seguintes pressupostos mais gerais norteiam esses modelos:

- a) Íntima relação entre estrutura linguística e uso.
- b) Importância da frequência na abstração de esquemas mais gerais.
- c) Produção e compreensão como partes do sistema linguístico.

- d) Foco no papel da aprendizagem e da experiência na aquisição de linguagem.
- e) Representações linguísticas são emergentes, e não entidades fixas armazenadas.
- f) A importância dos dados de uso na descrição e construção da teoria.
- g) Íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica.
- h) Interconectividade do sistema linguístico com sistemas cognitivos não especificamente linguísticos.
- i) A importância do contexto na operação do sistema linguístico.

De forma resumida, os MBU destacam a centralidade dos eventos de uso e preveem uma organização *bottom-up* dos sistemas linguísticos. A experiência do falante com a língua é fator decisivo não só para a produção como também para o processamento e aquisição da linguagem. Os autores destacam também a importância da frequência e do contexto para o sistema linguístico, o que é uma consequência inevitável do foco dado às instâncias de uso. Além disso, a gramática é considerada um sistema emergente, e a linguagem sofre influência de mecanismos cognitivos gerais que atuam em outros sistemas cognitivos. Esses pressupostos se coadunam perfeitamente com princípios da *Gramática de construções baseada no uso* (GCBU), tal como proposta, por exemplo, por Diessel (2015) (cf. também GOLDBERG, 1995, 2006; DIESEL, 2019), uma perspectiva que detalharemos na seção seguinte.

Uma contribuição importante dos Modelos baseados no Uso é a concepção de que não há fronteiras rígidas entre categorias morfossintáticas e léxico, como já defendido por muitos modelos funcionalistas e, mais especialmente, pelos estudos de gramaticalização (cf. por exemplo HEINE, 2003; GONÇALVES et al, 2007). Para esses modelos, uma característica fundamental dos sistemas linguísticos é a gradiência, ou seja, as categorias linguísticas são fluidas, o que dificulta distinguir algumas classes de outras. Para Bybee (2010), essa gradiência resulta da mudança linguística, que acontece de forma gradual ao longo do tempo, levando os elementos linguísticos a caminharem em um *continuum* de uma categoria para outra. Como mostraremos no capítulo 3, os conectores analisados neste trabalho compartilham características tanto de conjunção como de advérbio, o que impossibilita classificá-los, de antemão, em uma ou outra classe.

Opondo-se ao pressuposto de existência de um módulo especificamente linguístico, os Modelos Baseados no Uso defendem a interconectividade do sistema linguístico com sistemas cognitivos de domínio geral. Assim, os fenômenos que ocorrem na linguagem podem ser explicados por processos cognitivos que estão envolvidos também em outras formas de cognição humana. Bybee (2010), por exemplo, destaca cinco desses mecanismos: (i) categorização; (ii) *chunking*; (iii) memória rica; (iv) analogia; e (v) associação transmodal. Já

para Diessel (2019), o uso linguístico é determinado por aspectos cognitivos de três domínios gerais: cognição social, conceptualização e memória.

O processo de *categorização* diz respeito à organização de elementos em categorias a partir da identificação de suas similaridades e diferenças. Em outros termos, elementos com propriedades formais ou semânticas próximas são agrupados juntos, formando uma categoria. Esse processo não é exclusivamente linguístico, visto que categorias dos mais diferentes tipos são criadas a partir da experiência dos seres humanos nos mais diversos âmbitos. Segundo Bybee (2010), a categorização é sensível aos efeitos de frequência, ou seja, categorização e frequência dos elementos linguísticos interagem entre si. A categorização depende da frequência na medida em que construções com maior frequência de ocorrência são mais fortemente representadas na mente do falante, são acessadas com maior facilidade tanto no ato de produção como de processamento e tendem a servir como base para a categorização de novas construções.

Ainda segundo Bybee (op. cit.), categorização pode ser entendida na perspectiva de um modelo de exemplares (*Exemplar-based model*). De acordo com essa perspectiva, cada instância de uso (um exemplar) com a qual o falante entra em contato é comparada a diversas outras já armazenadas em sua memória. Categorização é, portanto, um processo dinâmico, na medida em que o falante vai armazenando lembranças a partir de cada experiência linguística. Como essas memórias compartilham semelhanças entre si, formam categorias cujos membros são tomados como base para a interpretação de novas experiências (cf. CHANDLER, 2009; DIESSEL; HILPERT, 2016). Exemplares são reforçados pela repetição, ou seja, pelo aumento da sua frequência de uso. Dessa forma, exemplares mais frequentes tendem a ser interpretados como membros mais centrais de categorias e adquirir efeitos de protótipo. Os outros exemplares que fazem parte da categoria podem estar mais próximos ou mais distantes do membro central conforme o grau de semelhança semântica e/ou formal entre eles. Podemos dizer, então, que a frequência é representada na cognição dos falantes.

De acordo com Bybee (2006, 2010), exemplares registram os mais diferentes detalhes da experiência linguística, o que é possível pelo processo de *memória rica*. No caso da linguagem, o falante armazena, por exemplo, informações fonéticas de palavras e sintagmas, contextos de uso, significados, detalhes sociolinguísticos, etc. Por isso, são considerados representações de memória rica. Cada exemplar contém, pelo menos em princípio, toda informação percebida pelo falante em sua experiência linguística. Isso conduz a uma visão de gramática como um sistema não econômico, como pressupõem alguns modelos formais.

Um outro mecanismo cognitivo central na organização da linguagem é o *chunking*, um processo através do qual sequências de palavras que são utilizadas juntas passam a formar um todo significativo, ou seja, constituem uma única unidade associada a um determinado significado, tornando-se rotinas cognitivas. O processo de rotinização de um *chunking* é motivado principalmente pela repetição, já que, conforme Bybee (2010), se duas ou mais construções ocorrem juntas com alta frequência, então um *chunk* é formado contendo essas construções. Conforme esse *chunk* é repetido, tende a sofrer o efeito redutor da frequência, sofrer coalescência ou erosão fonética (cf. HEINE, 2003).

Os mais diferentes tipos de construções com múltiplas palavras podem ser considerados *chunks*, desde que esse grupo de palavras seja acessado e processado como uma unidade linguística que está armazenada na mente do falante. A formação de novos conectores intra-oracionais nas línguas humanas é um bom exemplo da importância desse mecanismo na mudança linguística. Dois dos conectores focalizados neste trabalho claramente se formaram a partir da autonomização de uma sequência de elementos inicialmente independentes: *portanto* e *por isso*. O conector *portanto* se formou a partir do encadeamento da preposição *por/per* com o pronome *tanto* e *por isso* resulta da junção da preposição *por* com o demonstrativo *isso* (cf. BARRETO, 1999). Ambos passam a ser acessados como uma unidade linguística ao longo da história do português.

O *status* do *chunk* é determinado por um *continuum* de frequência e recência. Se uma sequência de palavras foi utilizada por uma única vez, terá uma representação fraca e sua estrutura interna tende a se sobrepor à estrutura do todo. Por outro lado, um *chunk* muito frequente é facilmente acessado como um todo, ainda que suas partes possam ser identificadas.

Da mesma forma, um *chunk* que tenha sido utilizado mais recentemente tem maior probabilidade de ser repetido e, conseqüentemente, reforçado. Isso ocorre como um efeito do *priming*. Construções que tenham sido ativadas recentemente tendem a ser usadas novamente, ou, pelo menos, outras construções relacionadas. O *priming* ocorre tanto com construções lexicais quanto com construções gramaticais. No *priming* lexical, uma palavra é mais rapidamente identificada quando precedida de outra relacionada e, conseqüentemente, a identificação será mais lenta se precedida de outra palavra sem nenhuma relação. Diessel (2019) cita o exemplo da palavra *cachorro*, que tende a ser interpretada mais rapidamente quando precedida de outra palavra como *gato* ao invés de uma palavra não relacionada como *cidade*. O *priming* estrutural ocorre da mesma forma, mas relacionando estruturas; se um falante usa uma estrutura específica em um discurso anterior, ele tende a repetir essa estrutura ao longo de

seu discurso (cf. DIESSEL, 2019, p.33). Portanto, frequência e recência se relacionam e podem explicar a força de representação do *chunk* como uma unidade linguística.

O efeito *priming* muito se assemelha a um dos processos cognitivos de domínio geral citados por Bybee (2010) e Diessel (2019). No *priming*, a semelhança entre construções usadas mais recentemente é o que motiva o uso. No processo de *analogia*, novos enunciados são criados com base em enunciados já existentes, permitindo, assim, a expansão de esquemas através do preenchimento de posições esquemáticas de construções já existentes com novos itens.

A natureza dos elementos envolvidos na analogia não é aleatória; ao contrário, as analogias linguísticas são baseadas em similaridades semânticas ou fonológicas entre a nova forma convocada para uma posição e outra ou outras que já a ocupam. Sendo assim, o uso de um item novo em uma construção já existente requer conhecimento relacional por parte do falante. Retomando a relação entre categorização e frequência, um membro com alta frequência de ocorrência tende a ser o elemento central de uma categoria e a servir como base para formação de novas construções por analogia.

Por fim, o processo de *associação transmodal* diz respeito à habilidade de fazer associações entre elementos que não têm a mesma natureza. No caso da linguagem, é esse processo que permite relacionar forma e significado. É possível, ainda, que o falante faça associações entre uma forma e o contexto em que ela costuma ocorrer. De alguma forma, o falante identifica padrões de ocorrência e associa os elementos envolvidos. Sendo assim, se, por exemplo, todo dia de manhã ele escuta uma mesma frase, acaba por associar tal frase ao seu contexto de ocorrência (manhã). Diessel (2019) chama essas associações de *relações simbólicas*, que são conexões entre forma linguística e aspectos de interpretação semântica. Conforme essas conexões se repetem, se tornam automatizadas, o que aumenta a força de representação da relação (cf. também IBBOTSON, 2013).

Na perspectiva de Diessel (2019), alguns outros processos de domínio geral atuam na organização do sistema linguístico. O autor considera que esses processos operam em três domínios: o domínio social, os aspectos ligados à conceptualização e os aspectos ligados à memória.

Tendo em vista que a linguagem é uma forma de interação social, aspectos ligados à cognição social devem ser considerados na produção e compreensão linguística. De acordo com Diessel (2019), a comunicação é um ato que envolve a tomada de decisões por parte dos falantes, guiados por sua cognição social. Entre as várias formas de se expressar uma ideia, o falante, motivado por diversos aspectos, molda seu discurso de uma forma específica.

Diessel (op. cit.) destaca alguns aspectos ligados à cognição social que devem estar presentes para que o ato comunicativo ocorra. Em primeiro lugar, falante e ouvinte devem direcionar suas atenções ao mesmo evento (*joint attention*) para que a comunicação seja efetiva, o que pode envolver não apenas aspectos verbais, mas também gestuais. Além disso, a comunicação efetiva também requer que falante e ouvinte partilhem um *common ground*, ou seja, um conhecimento de mundo compartilhado. O falante constrói seu discurso com base na avaliação do que o outro sabe ou do que ele acredita que o ouvinte precisa ouvir para compreender o ato comunicativo (*audience design*). Entre as diversas possibilidades linguísticas a seu dispor, o falante escolhe aquilo que ele avalia que o ouvinte conheça, de forma que seu discurso seja compreendido. Esses dois últimos aspectos, *common ground* e *audience design*, não só afetam as escolhas do falante, mas também são determinantes para o desenvolvimento de uma língua. O autor cita o exemplo da estrutura informacional e das construções clivadas, que em muitas línguas surgiram como estratégias para suprir as necessidades do ato comunicativo.

O domínio da conceptualização é o domínio da construção do significado. Esse domínio, assim como os outros, não é específico da linguagem. Na verdade, as pesquisas ligadas à conceptualização surgem no ramo da psicologia. No âmbito linguístico, o significado das construções é determinado por diversos processos, incluindo metáfora e metonímia. O domínio da conceptualização é muito relevante para a compreensão da mudança linguística, visto que, no desenvolvimento das construções ao longo do tempo, processos de conceptualização como metáfora, metonímia e projeção dêitica levam à formação de construções gramaticais a partir de categorias como substantivos e verbos.

Por fim, o domínio da memória envolve diversos processos que, nas pesquisas mais atuais, têm estado relacionados principalmente à frequência e ao processamento, mais especificamente, ao armazenamento, à representação e à ativação de informação linguística na memória. Nesse sentido, estão incluídos aspectos como foco de atenção, fluxo de consciência, categorização, abstração, analogia, *priming*, aprendizado de exemplares e automatização.

Do que vimos até este ponto, a frequência desempenha um papel central na organização do conhecimento linguístico. Bybee (2003) aponta a relevância tanto da frequência *type* como da frequência *token* na organização dos sistemas linguísticos. A frequência *type* diz respeito ao número de formas licenciadas/autorizadas por um padrão (um esquema linguístico). A autora cita o exemplo do pretérito perfeito do Inglês que tem no sufixo *-ed* seu padrão com maior frequência *type*, no sentido de ser utilizado com a maior quantidade de formas verbais. Outras formas de marcar o tempo passado, como *break/broke*, têm frequência *type* menor, já que se

aplicam a um menor número de verbos. Por outro lado, a frequência *token*, ou seja, a frequência de ocorrência de uma determinada forma/construção no texto, é a responsável pela rotinização de construções.

A frequência *token* possui um papel fundamental na mudança linguística, tanto pelo seu efeito redutor como pelo seu efeito conservador (cf. BYBEE; BECKNER, 2010). O efeito redutor explica por que construções que são muito frequentes são mais propícias a sofrer redução fonológica do que construções menos frequentes. Tal redução se deve à ação da frequência, na medida em que a repetição favorece maior automatização de movimentos neuromotores e redução de gestos articulatórios que podem, até mesmo, não ser executados.

Por outro lado, a frequência pode gerar também um efeito conservador. De acordo com Bybee (2003, 2010), as construções muito frequentes tendem a ser mais resistentes às mudanças do que as menos frequentes. Como já destacado nos parágrafos anteriores, a frequência fortalece a representação da construção na mente do falante, tornando-a mais autônoma, o que faz com que ela se torne mais estável e mais resistente a, por exemplo, processos de regularização. Isso pode explicar o fato de formas irregulares muito frequentes na língua resistirem à força do processo de regularização, ou de analogização. No português, a forma de futuro do subjuntivo tende a ser regularizada em verbos menos frequentes, como *manter* (*se eu manter...*), mas não com o verbo *ser* (*se eu ser...*).

Para além do efeito redutor e do efeito conservador, Diessel e Hilpert (2016) apontam diversos processos linguísticos que sofrem influência da frequência. O primeiro deles é o surgimento de *collocations*, ou seja, expressões formadas por mais de uma palavra que são convencionalizadas e ganham autonomia em razão da sua repetição. Da mesma forma, as estruturas sintáticas também emergem da experiência do falante com grupos linguísticos que ocorrem frequentemente.

A frequência afeta igualmente o preenchimento dos *slots* das construções. Mesmo que um *slot* possa, pelo menos em princípio, ser preenchido com qualquer elemento que possua alguns dos atributos da sua categoria, itens mais frequentes em combinações se convencionalizam e servem como base analógica para a produção de novas construções. Nesse sentido, Bybee (2010) cita o exemplo da construção *quedarse* ADJ. Ainda que o *slot* ADJ esteja aberto a receber qualquer elemento da categoria adjetivo, os dados encontrados pela autora mostram que os adjetivos que de fato ocorrem nessa construção são semelhantes aos de combinações frequentes, como *quedarse solo*. O significado do adjetivo empregado na construção já rotinizada exerce influência sobre o significado de outros adjetivos que

preenchem o *slot* ADJ, que tendem a compartilhar semelhanças semânticas com *solo*, o que evidencia interação entre frequência e analogia.

Além disso, esquemas que permitem o preenchimento de *slots* com elementos de padrões variados (consequentemente com alta frequência *type*) são mais abstratos, o que facilita sua extensibilidade. Por exemplo, o esquema preposição + pronome é um padrão mais geral para a formação de conectores, dando origem a várias possibilidades, como *portanto*, *por isso*, *entretanto*, *no entanto*, entre outras (cf. seção 3.4; MEDEIROS, 2017).

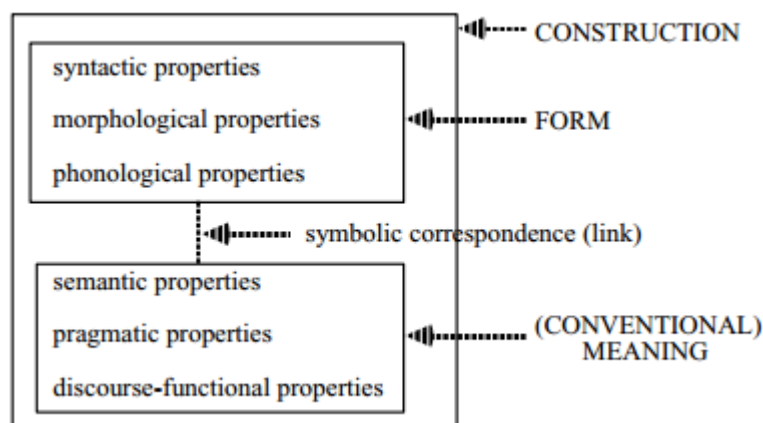
Muitos dos pressupostos dos MBU discutidos nessa seção são incorporados pela Gramática de construções baseada no uso (GCBU), cujos fundamentos serão discutidos mais detalhadamente na seção 2.2.

2.2. Gramática de construções baseadas no uso (GCBU)

A *Gramática de construções baseada no uso* (GCBU) partilha com os MBU o pressuposto de que a gramática é um sistema formado por categorias emergentes e construções fluidas que estão em constante mudança. Segundo Diessel (2015), dois princípios fundamentais norteiam a visão de língua proposta pela GCBU. Em primeiro lugar, a estrutura linguística é um inventário de construções, ou seja, unidades linguísticas, lexicais ou gramaticais, em que uma forma é associada a um significado ou função específica. Nos termos de Goldberg (2006), construção é um pareamento de forma e significado (cf. também TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). O segundo princípio postula que essas construções estão relacionadas entre si por diversos tipos de *links*, o que resulta em uma rede de construções, *o constructicon*, nos termos de Goldberg (2006).

Construção implica, portanto, uma relação simbólica entre dois polos. De acordo com Croft (2001), o polo do significado inclui todos os aspectos ligados à função da construção (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). O polo da forma, por sua vez, engloba propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Nessa perspectiva, se dilui a fronteira entre os componentes semântico e discursivo-pragmático. O *link* simbólico pode ligar toda a parte formal a toda a parte funcional, como também pode ligar um aspecto formal a um aspecto funcional. Essa perspectiva é representada na figura 1, retomada do autor (op. cit., p. 18).

Figura 1 - Polo formal e funcional da construção



Fonte: Croft, 2001, p.18

Uma questão que pode ser discutida diz respeito ao papel da composicionalidade e da frequência na definição de construção. A definição inicialmente proposta por Goldberg (1995) coloca o foco no critério de não composicionalidade, considerando que uma construção possui um significado próprio (o significado construcional) que não corresponde à soma do significado das palavras que a compõem. Construções são, portanto, não composicionais. No entanto, esse critério é revisto em Goldberg (2006), em que a autora admite que mesmo sequências mais composicionais podem ser armazenadas como construções desde que ocorram com frequência suficiente. Traugott e Trousdale (2013), por sua vez, desconsideram a frequência como um critério para distinguir uma construção, em razão da dificuldade de precisar o *quantum* equivaleria à frequência suficiente apontada por Goldberg. De fato, o conceito de construção mais frequentemente evocado na perspectiva dos MBU engloba desde padrões mais idiomáticos até padrões mais abstratos, de alto grau de esquematicidade¹. Todo padrão linguístico que associa uma forma a um significado é tratado como uma construção que se relaciona com outras em uma rede. Além disso, diferentes construções podem ser combinadas de maneira a formarem novas construções.

Tanto na perspectiva de Goldberg como na de Croft, a definição de construção está baseada no *princípio de não sinonímia*². Retomando Goldberg (1995, p.67):

1 Diessel (2019) caracteriza as construções como signos, tendo em vista que todas combinam uma parte estrutural com um significado.
2 Ver “Princípio do contraste” (CROFT, 2001, p.111).

Se duas construções são sintaticamente distintas, então são distintas semântica ou pragmaticamente. Os aspectos pragmáticos das construções envolvem estrutura informacional (tópico e foco) e aspectos estilísticos adicionais da construção, como registro.

Corolário 1- Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, não podem ser pragmaticamente sinônimas;

Corolário 2- Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, não podem ser semanticamente sinônimas.³

Dessa forma, se duas construções são formalmente distintas, obrigatoriamente terão alguma diferença no nível do significado, seja ela semântica ou pragmática. Portanto, o princípio da não sinonímia exclui a intercambialidade entre construções.

Essa perspectiva se aproxima do que Haiman (1980) denominou *isomorfismo*, ou seja, a correspondência de um para um entre um significante e um significado, independentemente de ser um item lexical ou gramatical. Assim, não existe sinonímia total entre duas construções, já que uma forma diferente implicaria, necessariamente, um significado diferente.

Essa questão ocupa um espaço central nesta tese, tendo em vista que focalizamos quatro construções conclusivas – as conectadas por *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* - que poderiam ser, pelo menos em princípio e em alguns contextos, consideradas como alternantes possíveis de expressão da relação conclusiva. Um dos objetivos de nosso trabalho é verificar se cada uma delas possui contextos/ambientes linguísticos semânticos e pragmáticos exclusivos ou se podem alternar entre si.

Quanto ao seu conteúdo, construções podem ser lexicais ou gramaticais, uma dimensão gradiente, visto que construções lexicais podem se tornar gramaticais ao longo do desenvolvimento de uma língua. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), uma construção lexical é uma construção com conteúdo, que costuma ser um substantivo, adjetivo ou verbo. Por outro lado, construções gramaticais são procedurais, servem para estabelecer relações linguísticas e tendem a ser mais abstratas do que as lexicais. Costumam estar relacionadas a categorias como artigos, flexões, demonstrativos, marcas aspectuais, entre outros.

Para Traugott e Trousdale (op. cit.), uma caracterização mais completa dos diferentes tipos de construção requer considerar outras dimensões, igualmente gradientes: tamanho e esquematicidade. Em termos de sua extensão, uma construção pode ser atômica (composta por

3 The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct. Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register. Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous. Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

um único morfema), complexa (composta por *chunks*) ou pode se situar entre os dois extremos⁴. Uma outra dimensão gradiente que caracteriza uma construção é a especificidade fonológica. Uma construção pode ser totalmente especificada, isto é, substantiva, totalmente esquemática ou pode ter uma parte preenchida e outra parte esquemática. Uma construção esquemática, por sua vez, é abstrata, já que tem *slots* ou partes abertas que podem ser preenchidas por termos diversos (cf. também CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2014, 2018).⁵

De uma certa forma, essas dimensões se superpõem como mostra o quadro abaixo, adaptado de Goldberg (2013) por Pinheiro e Ferrari (2015, p.287) para o português.

Quadro 1 – Tipos de construção

Construção	Exemplos
Palavra	a, abacaxi, gato
Estrutura morfológica	des-V (ex: desligar), N-eiro (ex:jornaleiro)
Expressão idiomática preenchida	chutar o balde, bater as botas
Idiomatismo formal (parcialmente preenchido)	dar uma de ADJ (ex: dar uma de maluco); que mané X (ex: que mané descanso; que mané “não vai ter copa”)
Construção bitransitiva SUJ V OD OI	SUJ V OD OI (ex: Francisco deu uma peteca para o gato)
Construção passiva	SUJ AUX SV _{PARTÍCIPIO} PP _{POR} (ex: A peteca foi comprada pela Liana)

Fonte: PINHEIRO E FERRARI, 2015, p.287

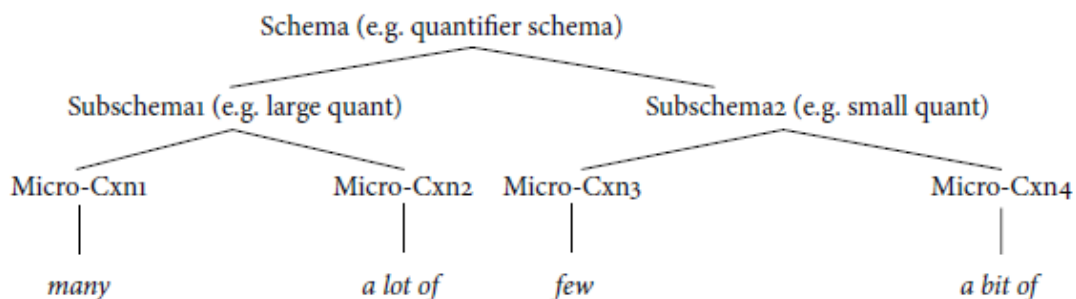
A dimensão esquematicidade é um parâmetro central na perspectiva da GCBU. Esquemas são abstrações que dão conta das similaridades entre diversas construções que são percebidas pelos usuários da língua como taxonomicamente relacionadas na rede construcional. O grau de esquematicidade pode ser maior ou menor a depender do nível de abstração da construção. Quanto maior é a capacidade de um esquema capturar padrões gerais, maior a esquematicidade da construção. Traugott e Trousdale (2013) propõem uma organização taxonômica baseada em três níveis de esquematicidade: esquemas, subesquemas e microconstruções. Os esquemas licenciam/sancionam subesquemas que guardam propriedades semânticas e/ou formais do esquema mais alto com que se ligam e, por sua vez, licenciam

4 Conforme apontam Traugott e Trousdale (2013, p.11), uma construção pode ser composta por um *chunk* reconhecido e por outra parte que não é reconhecida.

5 Traugott (2014) cita a construção bitransitiva como exemplo de construção totalmente abstrata (SUJ V OBJ1 OBJ2) e a construção *X is the new Y* como construção parcialmente abstrata.

microconstruções, as quais são instanciadas por construtos, isto é, instâncias de uso. A figura abaixo ilustra a proposta dos autores.

Figura 2 – Relações hierárquicas entre construções propostas por Traugott e Trousdale (2013)



Fonte: TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.17

Essa divisão em três níveis é, no entanto, discutível. Assim, Traugott (2018) defende que as construções abstratas são esquemas, que podem ter subesquemas. Tanto no nível do esquema quanto do subesquema, há partes abertas (*slots*). Portanto, os esquemas podem ter vários níveis de abstração, a depender da proposta do linguista (conferir também TEIXEIRA E ROSÁRIO, 2016).

Para além da dimensão esquematicidade, Traugott e Trousdale (2013) apontam dois outros parâmetros relevantes na análise das construções: composicionalidade e produtividade, fatores fundamentais para explicar, inclusive, a trajetória de uma nova construção linguística. Composicionalidade diz respeito à relação entre o significado das partes e o significado do todo. Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), composicionalidade pode ser entendida tanto em termos semânticos, considerando o sentido das partes e o sentido do todo, como em termos de analisabilidade sintática e morfológica das partes constituintes de uma construção. Não deve ser considerado apenas o sentido das partes, mas também a forma como as partes se combinam para a formação do todo.

Para Traugott e Trousdale (2013), se um construto é semanticamente composicional, o receptor, entendendo o significado de cada parte combinada sintaticamente, será capaz de compreender o significado do todo. Se é não composicional, a compreensão do sentido das partes não permitirá ao receptor compreender o sentido da construção como um todo, impondo-se, nesse caso, o significado construcional. Em português, podemos citar o exemplo da expressão *chutar o pau da barraca*. Por mais que o receptor entenda o significado de cada palavra da expressão, isso não permitirá que ele entenda o sentido da expressão como um todo.

Por outro lado, uma sentença como *ele montou a barraca* pode ser perfeitamente compreendida através da interpretação de cada elemento que a compõe. Portanto, a sentença *ele montou a barraca* é mais composicional do que, por exemplo, *ele chutou o pau da barraca*.

Bybee (2010) atenta para a necessidade de se distinguir entre analisabilidade e composicionalidade. Analisabilidade diz respeito à capacidade de distinguir as partes que formam a construção na conceptualização do todo. Nesse caso, o falante consegue identificar as partes componentes da construção, sejam elas palavras ou morfemas. Um dos exemplos citados é o composto *ar condicionado*. Os falantes são capazes de reconhecer as duas palavras que formam a construção, o que a torna analisável. Por outro lado, a construção não é totalmente composicional, visto que, na maioria dos contextos, será entendida como o aparelho cuja função principal é modificar a temperatura do ambiente. Portanto, ainda que sejam relacionadas, composicionalidade e analisabilidade são duas dimensões independentes uma da outra.

O segundo fator apontado por Traugott e Trousdale (2013), a produtividade, considera a capacidade de os esquemas sancionarem outras construções menos esquemáticas. Apesar de ressaltar que o termo *produtividade* pode ser entendido de diversas formas na literatura da área, Barðdal (2008) caracteriza esse conceito em termos de extensibilidade, que é a possibilidade de um esquema atrair itens lexicais novos, ou seja, de sancionar itens não utilizados originalmente. Na medida em que um esquema passa a abranger novos itens, aumenta sua frequência *type* e, conseqüentemente, sua produtividade. Traugott e Trousdale (op. cit.) citam o exemplo de *be going to*, marcador de futuro que foi expandido a outros verbos do inglês, e hoje é uma forma generalizada de marcação de futuro no Inglês.

De acordo com Barðdal (op. cit.), a produtividade ou a extensibilidade de um esquema é o resultado da frequência *type* e da coerência do esquema. Como já mostramos anteriormente, a frequência *type* tem relação com a quantidade de formas que podem ser instanciadas por um esquema. A coerência do esquema tem a ver com a consistência entre os elementos que o formam. Por exemplo, uma forma não pode preencher o *slot* de uma construção se ela não for coerente com o sentido da construção. Essas duas dimensões se relacionam inversamente na extensibilidade do esquema; quanto maior é a frequência *type*, menor é a coerência semântica, já que há um grande número de formas que pode preencher a construção. Por outro lado, uma construção com baixa frequência *type* requer alta coerência semântica, já que os itens que podem preencher essa construção são muito mais restritos.

Nesse sentido, maior produtividade estaria ligada ao nível mais alto de frequência *type* e mais baixo de coerência semântica. No outro extremo, está a analogia, no menor nível de frequência *type* e maior nível de coerência semântica. Formações analógicas são extensões

baseadas em um modelo, de maneira que novos itens podem preencher um esquema com base em sua similaridade com o item original. Assim, a produtividade e a analogia são, de certa forma, extremos do mesmo *continuum*, o que indica que a produtividade é uma medida gradiente.

Como destacamos no início desta seção, um pressuposto central da Gramática de Construções Baseada no Uso é o de que as construções de uma língua se organizam num inventário estruturado de acordo com vários princípios. Além do já citado princípio de não sinonímia, Goldberg (1995) propõe que a rede de construções se estrutura em função de princípios que maximizam a motivação (princípio da motivação maximizada⁶) e o poder expressivo do inventário de construções (princípio do poder expressivo maximizado⁷), de forma que o número de construções seja reduzido (princípio de economia maximizada⁸).

Nessa perspectiva de rede, o conceito de *herança* mostra-se fundamental para entender como as construções são interligadas. De forma resumida, a relação de herança se estabelece entre construções mais especificadas, situadas em um nível mais baixo e construções mais abstratas, situadas no topo de uma hierarquia construcional. Dessa forma, e de acordo com o princípio de motivação maximizada, construções que estão em posições mais baixas da hierarquia herdam propriedades formais e semânticas de construções mais esquemáticas (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014; LEITE DE OLIVEIRA, 2017), numa relação taxonômica. Hilpert (2014) cita o exemplo da construção abstrata *sujeito-predicado*, que tem como característica formal a concordância em número e pessoa entre o sujeito e o verbo. Outras construções oracionais mais específicas herdam essa característica da construção que está no topo da hierarquia.

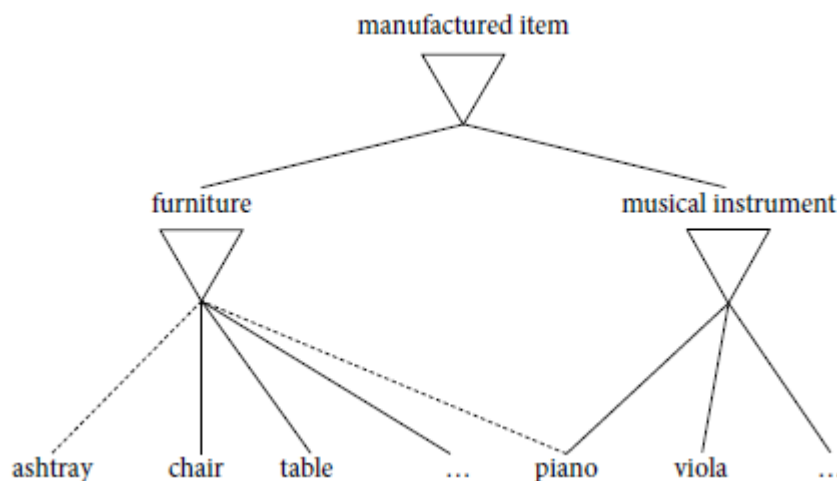
Uma relação de herança pode ser múltipla, quando um elemento mais concreto compartilha propriedades de diversas categorias mais abstratas, ou única, quando um elemento mais concreto herda propriedades de apenas uma categoria mais abstrata. As figuras abaixo ilustram esses dois tipos de herança.

6 O princípio da motivação maximizada prevê que, se duas construções são relacionadas sintaticamente, são, também, motivadas semanticamente.

7 O princípio da poder expressivo maximizado prevê que o número de construções aumenta de acordo com as necessidades comunicativas.

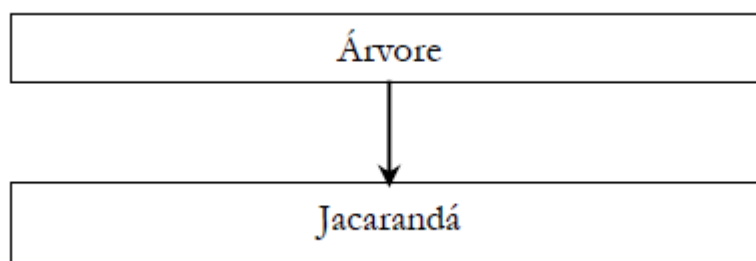
8 O princípio da economia maximizada prevê que o número de construções será minimizado de maneira que respeite o princípio do poder expressivo maximizado.

Figura 3 – Herança múltipla



Fonte: Traugott e Trousdale, 2013, p.10

Figura 4 – Herança única



Fonte: Leite de Oliveira, 2017, p.20

Como mostra a figura 3, o item *piano* compartilha propriedades de duas categorias diferentes: *instrumento musical* e *mobília*, o que caracteriza uma relação de herança múltipla. Já a figura 4 ilustra um caso de herança única, em que o item mais específico *Jacarandá* herda propriedades de uma única categoria mais abstrata, a de *árvore*.

Na perspectiva de Goldberg (1995), além de estabelecerem relações taxonômicas, verticais, as construções de uma língua se relacionam entre si com base em diferentes tipos de links: (i) links de polissemia, (ii) links de extensão metafórica, (iii) links de subparte e (iv) links de instância. O link de polissemia captura a relação entre o sentido de uma construção e outros sentidos que são extensões deste. O link de extensão metafórica, como o nome sugere, trata da relação metafórica entre duas construções. Nesse caso, há uma relação de dominância em que a semântica da construção dominante é mapeada sobre a construção dominada. A forma como ocorre esse mapeamento é determinada pela metáfora envolvida. O terceiro tipo, o link de subparte, diz respeito aos casos em que uma construção é uma subparte de uma outra construção

e existe de forma independente. O último tipo descrito pela autora, o link de instância, engloba os casos em que uma construção é um caso especial de uma outra construção.

Para Diessel (2015), além do link taxonômico que relaciona construções em diferentes níveis de abstração, outros links são relevantes para a compreensão da arquitetura da rede de construções: os links horizontais, os links sintáticos e os links lexicais. O link horizontal relaciona construções no mesmo nível de abstração, e tem como exemplo a associação entre itens lexicais dentro do léxico mental. O link sintático trata da relação entre construção e categorias sintáticas. Esse link é semelhante ao link taxonômico se pensarmos que construções são generalizações a partir do uso e categorias sintáticas são generalizações a partir de partes recorrentes de construções. Nesse sentido, relações gramaticais emergem a partir da estrutura linguística adquirida através da análise de construções (cf. também DIESEL, 2019). Por fim, o link lexical associa construções esquemáticas a expressões lexicais concretas. Nesse sentido, a experiência do falante com as expressões lexicais concretas é a base para a estrutura linguística de uma língua.

Posteriormente, Diessel (2019) estabelece que cada signo linguístico se define por três tipos de relações: simbólica, sequencial e taxonômica. A relação simbólica conecta o significado e a forma da construção. Já a relação sequencial conecta os elementos linguísticos em sequência e, por fim, a relação taxonômica conecta padrões linguísticos de diferentes níveis de abstração. Todos esses signos, por sua vez, são interconectados em uma rede de nível mais alto de organização cognitiva. Nessa rede, as construções se relacionam entre si através de outros três tipos de relações: lexical, construcional ou de preenchimento de *slot*. A relação lexical indica a associação entre itens lexicais através de categorização. A palavra *céu*, por exemplo, se conecta a outras como *sol* e *nuvem*. A relação construcional conecta construções de mesmo nível de abstração, enquanto a relação de preenchimento de *slot* relaciona lexemas a *slots* específicos de esquemas construcionais.

Para além das denominações de Goldberg (1995) e Diessel (2015), Smirnova e Sommerer (2020) focalizam dois tipos de *links*, os verticais e os horizontais. O primeiro tipo estabelece ligação entre construções com diferentes níveis de abstração, ao passo que *links* horizontais relacionam construções com o mesmo nível de abstração. No que diz respeito aos links horizontais, existe uma divergência entre autores da área. Alguns consideram que construções no mesmo nível de abstração têm diferenças na forma, mas o mesmo significado. Outros, consideram que essas construções são diferentes semanticamente. Este é um ponto central para esta tese, visto que um dos objetivos é verificar até que ponto as quatro construções

conclusivas analisadas podem ser variantes. Essa questão será retomada de forma detalhada na seção 6.3.

Em uma visão construcionista baseada no uso, considera-se que o sistema é dinâmico e emergente, ou seja, vai se moldando às novas experiências do falante com a língua. Novas formas surgem, outras desaparecem, algumas mudam seus sentidos e outras ganham novos sentidos. A todo momento, nossa rede de construções sofre mudanças. Nesse sentido, os fenômenos de mudanças constituem um campo fértil para a verificação de hipóteses centrais da GCBU, uma questão abordada na próxima seção.

2.3. Mudança sob uma perspectiva construcional

Como já defenderam inúmeros autores, a mudança é um fenômeno inerente a todas as línguas como consequência natural da variação linguística em diferentes níveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994; BYBEE, 2010; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019, entre outros). Como destacado por Traugott (2014), a perspectiva construcionista foi desenvolvida especialmente sob um ponto de vista sincrônico. No entanto, mais recentemente, muitos trabalhos têm procurado demonstrar empiricamente que a incorporação do conceito de construção e de alguns pressupostos da GCBU pode lançar luzes sobre diversos fenômenos de mudança, em especial, sobre aqueles que foram objeto de estudo sob a ótica da gramaticalização, como é o caso da formação de novos conectores. Noël (2013), por exemplo, ressalta o fato de os estudos com base na Gramática de construções diacrônica serem, em grande parte, continuação de trabalhos sobre gramaticalização. Para Trousdale (2012a), no entanto, uma perspectiva construcional da mudança é mais abrangente, pois permite dar conta de forma mais integrada de fenômenos considerados distintos como gramaticalização e lexicalização (cf. também TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Para muitos autores, o próprio conceito de construção – um pareamento forma e significado/função – permite superar de forma mais plausível muitos problemas colocados por uma certa separação entre mudança formal e mudança semântica (cf. por exemplo TROUSDALE, 2012a; FRIED, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014). Além disso, como destacado por Fried (2013), a noção de construção colabora para o entendimento do processo de mudança, na medida em que a construção é fonte de motivação analógica. Uma construção já existente é comumente o combustível para o surgimento de uma nova construção através de analogia. Além disso, a construção é o próprio resultado do processo de mudança.

Colocando no centro da atenção a mudança diacrônica, sob o ponto de vista construcional, a *Gramática de construções diacrônica* (*Diachronic construction grammar*) se interessa não apenas pela forma como as construções se tornam construções e como elas podem continuar sofrendo mudanças durante a sua trajetória, mas também pelas relações que se estabelecem entre novas construções e aquelas que já preexistem na rede (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; SMIRNOVA; SOMMERER, 2020). No entanto, como discutido por Hilpert (2018), a transposição de conceitos e alguns pressupostos da GCBU para o estudo da mudança diacrônica não deixa de suscitar alguns problemas. Uma questão levantada pelo autor é o *status* das construções entendidas como representações mentais/psicológicas da estrutura linguística. Considerando que a pesquisa diacrônica trabalha com dados históricos, não se sabe até que ponto podemos fazer afirmações sobre o conhecimento linguístico de gerações passadas. Assim, é possível que qualquer hipótese sobre essas representações seja apenas uma aproximação de como a língua era usada em seus estágios anteriores. Dessa forma, o autor aponta que a prioridade da Gramática de construções diacrônica não é necessariamente descrever a realidade cognitiva desses falantes, mas sim oferecer uma estrutura para descrições sobre mudanças linguísticas. Como sustentado por Hilpert (2014), se o objetivo central do enfoque diacrônico construcional é verificar as mudanças ocorridas no conhecimento linguístico dos falantes em diferentes pontos do tempo, necessariamente são colocadas questões ligadas à forma como o inventário de construções (*constructicon*) evolui/se desenvolve ao longo do tempo (cf. também NOËL, 2013, 2016).

Embora reconheça a inegável contribuição dos estudos de gramaticalização, Traugott (2014) defende que os fenômenos frequentemente estudados em termos de gramaticalização, e ainda outros que dificilmente podem ser explicados nestes termos, podem ser abrangidos de uma forma mais integrada através de uma distinção entre dois tipos de mudança: mudança construcional e construcionalização.

Mudança construcional é aquela que afeta o polo da forma **ou** do significado de uma construção já existente. Uma construção já existente pode sofrer mudanças semânticas, fonológicas, sintáticas, colocacionais ou, ainda, de acordo com Hilpert (2013, p.16), de frequência e distribuição na comunidade linguística, **ou qualquer combinação desses aspectos**. Essas mudanças não resultam, porém, na criação de uma nova construção,

A construcionalização, por sua vez, resulta em um novo pareamento forma - significado, ou seja, cria uma nova construção, a partir de construções já existentes. Nesse tipo de mudança, tanto o polo do significado quanto o polo da forma são afetados e um novo nó na rede é criado. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização pode resultar tanto na emergência

de uma construção gramatical (ou procedural) como de uma construção lexical, ou seja, de conteúdo mais referencial, mais próxima do léxico. Em geral, uma nova construção gramatical é criada de forma gradual, enquanto uma construção lexical pode surgir de forma instantânea.

Construcionalização envolve mudanças pré-construcionais, pequenos e sucessivos passos, até que se crie o novo nó na rede, e uma vez criada, a nova construção pode se submeter a mudanças pós-construcionais. As mudanças pós-construcionalização podem ativar uma nova construcionalização e, assim, o processo pode ocorrer de forma recursiva. O surgimento do conector conclusivo *portanto* parece constituir um caso de construcionalização, a partir de um *chunking* formado pela preposição *por/per* acompanhada do pronome *tanto* com sentido de “por tudo isso”, “por todas essas coisas”. O conector não só sofreu mudança na forma, como também passou de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato como conector conclusivo (cf. BARRETO, 1999).

Construcionalização é um processo impulsionado por um mecanismo de neoanálise, decorrente de um *mismatch* entre forma e significado que não implica uma mudança imediata na expressão da construção. O falante produz uma construção em que forma e significado são incompatíveis tendo em vista a relação forma – significado já conhecida. O ouvinte, com base no contexto em que se dá o ato comunicativo e em seu conhecimento prévio, interpreta o novo pareamento. Essa incompatibilidade inicial é resolvida durante a comunicação por uma negociação entre falante e ouvinte considerando um contexto específico (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; DIESEL, 2019). Entretanto, o novo pareamento decorrente do *mismatch* só pode ser considerado uma nova construção a partir do momento em que passa a ser aceito e usado em uma comunidade de fala.

Segundo Traugott e Trousdale (op cit.), o desenvolvimento de *a lot of* como quantificador no inglês, envolve neoanálise na medida em que a mesma sequência, originalmente indicativa de “uma parte”, passa a indicar “grande quantidade”. Inicialmente, *a lot* era um partitivo e o núcleo (*head*) de um sintagma como *a lot [of land] – núcleo [modificador]*. Esse sintagma sofre uma neoanálise que modifica a relação entre os elementos da construção, mas não acarreta mudanças na superfície. Então, esse sintagma passa a ser interpretado como *a lot of [land] – modificador [núcleo]*, em que *a lot of* indica grande quantidade. O que permite a emergência dessa nova construção é a ideia de quantidade envolvida no sintagma inicial.

No fluxo comunicativo, a negociação entre falante e ouvinte permite que esse novo pareamento seja interpretado, de maneira que possa indicar quantidade até mesmo de elementos não quantificáveis (*love*, por exemplo). Sendo assim, não só muda o significado, já que *a lot of*

passa a indicar grande quantidade, como também a forma, visto que a preposição passa a fazer parte do quantificador e a relação núcleo - modificador também muda. Como essa inovação foi adotada pela comunidade de fala, ocorreu construcionalização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que é a criação de um novo nó na rede das construções quantificadoras.

A construcionalização, seja lexical ou procedural, implica aumento de produtividade e de esquematicidade, fatores necessariamente relacionados entre si. Construções mais esquemáticas tendem a constituir padrões de maior frequência *type*, pois estão mais disponíveis para receber diferentes itens em cada uma de suas posições. Isso faz com que elas sejam mais produtivas, já que possuem maior extensibilidade, maior capacidade de sancionar diferentes *types*, ou microconstruções nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Uma vez construcionalizada, a nova construção pode passar por diversas formas de expansão, como é o caso da expansão da classe hospedeira, nos termos de Himmelmann (2004)⁹. Isso significa que se estendem as possibilidades colocacionais da construção. Se diversos itens passam a ocorrer numa construção que antes era restrita a itens específicos, há indicações de que ela aumentou seu nível de abstração, ou seja, de esquematicidade. Além disso, uma nova construção está susceptível também a uma expansão sintática e semântico-pragmática. Todas essas formas de expansão, que podem ser entendidas como mudanças pós-construcionais, implicam certo relaxamento das propriedades iniciais da construção. Se uma construção se restringia a *collocates* de um tipo específico, ocorria em estruturas sintáticas específicas e com sentido específico, e amplia suas possibilidades, ocorrendo com novos itens e em novas estruturas formais e funcionais, ela está mais aberta e mais produtiva, já que passa a constituir um esquema que licencia maior número de padrões.

Diversos autores discutem a distinção entre construcionalização e mudança construcional, conforme propostos por Traugott e Trousdale (2013) (cf. HILPERT, 2018; SMIRNOVA; SOMMERER, 2020). Para Hilpert (2018), por exemplo, a forma como os autores definem esses dois fenômenos faz parecer que existe um limite claro entre eles. Entretanto, não é fácil determinar com clareza em que ponto uma mudança construcional se torna construcionalização. Em outras palavras, em que momento a construção deixa de sofrer mudanças em um de seus polos e passa a constituir um novo nó na rede, ou seja, um novo

9 De acordo com Himmelmann (2004, p.32), gramaticalização é um processo de expansão contextual. A classe dos elementos que ocorrem na construção junto com o item em gramaticalização (classe hospedeira) pode se expandir, permitindo, assim, a co-ocorrência desse item com elementos com os quais não poderia co-ocorrer anteriormente.

pareamento forma-significado? Um outro questionamento envolve o número de mudanças construcionais (micropassos) necessários para que emergja uma nova construção.

Smirnova e Sommerer (op. cit.), por sua vez, destacam que o próprio conceito de construção implica inseparabilidade entre forma e significado: não é possível pensar em uma construção que só tenha uma forma ou um significado. Dessa forma, qualquer mudança sofrida, ainda que seja em apenas um dos polos, alteraria esse todo inseparável e, portanto, a construção. Além disso, quando um pareamento sofre uma mudança em um de seus polos, já houve construcionalização, visto que novos construtos não podem mais ser sancionados pelo pareamento anterior.

Os autores questionam também a gradualidade na criação de um novo nó na rede, já que, em um modelo de rede, formado por nós e *links* entre os nós, é muito problemático pensar em uma nova construção surgindo de forma gradual. Para lidar com isso, alguns autores (cf. por exemplo HILPERT, 2018; SMIRNOVA E SOMMERER, 2020) entendem que construcionalização é apenas o resultado final de sucessivas mudanças graduais.

Um terceiro problema relacionado a essa divisão é que o conceito de construcionalização, conforme proposto por Traugott e Trousdale (2013), prevê mudanças no grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Entretanto, quando uma construção entra no *constructicon* de forma abrupta, como é o caso de *Netflix*, por exemplo, não tem outra construção anterior a partir da qual mudam esses três componentes. Portanto, pode-se questionar se o conceito de construcionalização se aplica a qualquer tipo de construção.

Um ponto importante a se considerar quando tratamos do conceito de construcionalização se refere ao nível de uma hierarquia construcional em que ocorrem as mudanças. Teixeira e Rosário (2016), por exemplo, postulam que construcionalização é o tipo de mudança que se dá no nível da *microconstrução*¹⁰. Se a construcionalização é a criação de um novo pareamento forma-significado, fica muito difícil estabelecer um nível formal ou funcional em esquemas altamente abstratos. Apenas no nível da microconstrução é possível estabelecer de forma precisa os polos da forma e da função. Na perspectiva dos autores, construcionalização seria, na verdade, *microconstrucionalização*. Em níveis mais abstratos, operariam outros processos, como esquematização, por exemplo. No entanto, para Cezário e Alonso (2019), a proposta de distinguir diferentes tipos de mudança (no nível do esquema, do subesquema e da microconstrução) é problemática. Para as autoras, tanto a formação de um esquema como a formação de uma microconstrução são fases do mesmo fenômeno. Portanto,

10 Para os autores, os processos de criação do esquema e do subesquema não constituem casos de construcionalização, mas de esquematização e subesquematização, respectivamente.

seria pouco econômico, especialmente do ponto de vista cognitivo, considerar um tipo de mudança diferente para cada nível de abstração. É necessário considerar, no entanto, que, como ressaltam diversos autores, mudanças se iniciam e se efetivam no nível do construto, ou seja, no nível mais concreto das instâncias de uso (cf. por exemplo FRIED, 2009; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Como já destacamos, a rede linguística envolve não apenas relações verticais (taxonômicas) mas também relações horizontais entre construções. Segundo Hilpert (2018) e Smirnova e Sommerer (2020), mudanças nas conexões entre as construções de uma rede têm recebido menos atenção. Ao longo do tempo, novas conexões podem surgir, quando, por exemplo, formas já existentes passam a se associar a novos significados e conexões existentes em períodos anteriores de uma língua podem desaparecer em estágios subsequentes. O que ocorre, nesses casos, é o fortalecimento ou enfraquecimento dos links entre os nós de uma rede.

Nesse sentido, Hilpert (op. cit.) sugere que todos os tipos de mudança sejam tratados como mudança construcional. A diferença mais importante é entre *mudanças de nó* e *mudanças na conectividade* entre os nós de uma rede. O primeiro tipo abarca mudanças no nível da forma e do significado. O segundo tipo trata das situações em que há alterações nas conexões entre as construções, decorrentes de mudanças ou na forma ou no significado. Esses diferentes tipos de mudança são sintetizados pelo autor no quadro 2, abaixo, traduzido para o português por Oliveira (2020). A destacar, no entanto, que os tipos relacionados não esgotam todas as possibilidades de mudança que podem ocorrer na rede de construções.

Quadro 2 – Tipos de mudança

Tipo de mudança	Forma	Significado	Conexão
<i>Emergência</i>	Novas formas aparecem	Novos significados/conceitos aparecem	Novas conexões são formadas
<i>Fortalecimento</i>	Formas ganham em força de representação	Significados/conceitos ganham em força de representação	Conexões ganham em força
<i>Enfraquecimento</i>	Formas perdem em força de representação	Significados/conceitos perdem em força de representação	Conexões esvanecem em força
<i>Desaparecimento</i>	Formas desaparecem	Significados/conceitos desaparecem	Conexões desaparecem

Fonte: HILPERT, 2018, p.30
Traduzido por OLIVEIRA, 2020, p.32

Conforme o quadro 2, as colunas de *forma* e *significado* indicam mudanças no nó, que podem ocorrer separadamente ou simultaneamente. A terceira coluna diz respeito a mudanças

de conexão/ligação. De forma resumida, o quadro mostra que a rede de construções passa por mudanças de forma constante: novas construções surgem, outras se fortalecem, enfraquecem e até mesmo desaparecem, ou alteram suas conexões com outras construções.

No capítulo 3, focalizamos os aspectos semânticos e sintáticos das construções que expressam conclusão, especialmente as que são constituídas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*. Além disso, discutimos a forma como alguns pressupostos apresentados neste capítulo podem ser aplicados ao estudo das construções conclusivas.

3. RELAÇÃO CONCLUSIVA: ASPECTOS SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS

As construções conclusivas, esquematizadas como [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2] são pareamentos de forma e significado, de acordo com a definição de Goldberg (1995, 2006). Por isso, neste capítulo tratamos de alguns aspectos relacionados ao significado (seção 3.1) e à forma (seção 3.2) dessas construções, com base em trabalhos anteriores. Em seguida, discutimos mais detalhadamente a natureza e as características dos elementos que são sancionados no *slot* CONECTOR, mais particularmente *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, e as propriedades dos segmentos de discurso que eles encabeçam. Na seção 3.3, retomamos a discussão sobre a natureza adverbial e/ou conjuncional desses elementos, tradicionalmente chamados de conectores, e na seção 3.4 descrevemos alguns aspectos particulares de cada um dos quatro conectores focalizados.

3.1. Natureza semântica das construções conclusivas

De forma ampla, a relação conclusiva é o elo de ligação entre fatos ou constatações e conclusões autorizadas ou deles decorrentes. Em outras palavras, construções conclusivas codificam uma relação entre um segmento de discurso que expressa um fato ou uma constatação e um outro segmento que expressa uma conclusão possível a partir da informação apresentada no discurso anterior, num esquema que pressupõe uma relação de implicação lógica (necessária), ou pelo menos possível. Assim, como destaca Oliveira (2011), a conclusão se estabelece a partir da consideração de argumentos ou premissas e de um raciocínio inferencial, como é o caso no exemplo (5):

(5) diz Vegecio no "Llyvro da Arte da Caval(a)r(i)a" que aos ((p140)) príncipes & rregedores da oste pertemçe mais a prudemçia que a cada hu~ dos outros cavalleiros, porque na~o soomemte o seu emxemplo & doutrina a'-d'ap(r)oveitar a todollos outros, mas aynda o seu dano pode empeçer a muitos. E por tanto dize~ laa (e)sses sabedores que nom deve~ escolher os moços pera guiadores dos (e)xerçitos guerreadores, porque no~ sabem ne~ ham v(is)to esperemçias das cousas (Século XV – Crônica de D.Pedro de Meneses).

No exemplo (5), a premissa de que príncipes e regedores têm mais prudência (porque são exemplos para outros e porque podem causar danos a outros) leva à conclusão de que jovens não podem ocupar posições de maior poder, já que não têm experiência suficiente (e, portanto, a prudência necessária).

A premissa implícita só pode ser recuperada através da pressuposição dos falantes. De acordo com Lopes et al (2001), essa premissa pode ser parte do conhecimento de mundo compartilhado entre falante e ouvinte, assim como pode ser uma relação amplamente aceita ou um conhecimento local. Em todos os casos envolve sempre algum tipo de pressuposição que é acionada no momento da enunciação.

Em certa medida, a relação conclusiva pode ser entendida em termos de uma relação de causa - consequência, como destacam diversos autores. Assim, de acordo com Kury (1993), a segunda oração do período conclusivo pode expressar tanto uma *conclusão* como uma *consequência*. Matos (2003) também destaca que os conectores conclusivos estabelecem relação de causa e efeito, sendo o segmento introduzido pelo conector uma consequência ou efeito do termo anterior. Marques e Pezatti (2015) também apontam para uma possível aproximação entre os valores semânticos de *conclusão* e *consequência*, ainda que os conectores utilizados para uma e outra relação sejam específicos, como é o caso dos que entram na constituição das construções analisadas neste trabalho (cf. também ANTUNES, 2014).

Um exemplo da aproximação entre os valores de conclusão e consequência pode ser observado em (6)¹¹:

(6) Maria mora muito longe de seu trabalho. **Por isso, precisa acordar cedo.**

Em certa medida, a segunda oração da sequência em (6), *por isso, precisa acordar cedo*, codifica o efeito, ou seja, o estado resultante do estado de coisas expresso na primeira oração, ou seja, o fato de Maria morar longe do trabalho.

No entanto, as construções conclusivas se diferenciam das construções prototipicamente causais sob vários aspectos. O primeiro deles diz respeito à posição do elemento conector. Nas construções conclusivas, o conector introduz a oração efeito/consequência, como foi ilustrado no exemplo (6). Já nas orações causais, o conector introduz a oração que expressa a causa, como no exemplo (7).

(7) Maria precisa acordar cedo **porque mora muito longe de seu trabalho.**

O enunciado (7) apresenta, sob certos aspectos, a mesma informação codificada no exemplo (6), estabelecendo uma relação causa - efeito entre “morar longe do trabalho” e “precisar acordar cedo”. Apesar da similaridade semântica entre os exemplos, eles se

¹¹ Os exemplos (6) e (7) foram criados para ilustrar a explicação em questão.

diferenciam no que se refere à forma de perspectivização. Em (6), o foco recai sobre o efeito (Maria precisar acordar cedo), enquanto em (7) o foco recai na causa (Maria morar muito longe de seu trabalho), supondo, inclusive, que a informação na oração efeito (Maria precisa acordar cedo) constitui informação compartilhada.

Um outro aspecto que distingue/particulariza as construções conclusivas diz respeito ao tipo de relação causal realizada. Diversos autores (PAIVA, 1996; AMORIM, 2016; OLIVEIRA, 2016, 2020; FLORET, 2018; entre outros) já mostraram que causalidade é um conceito amplo que recobre relações um pouco distintas, como causa, explicação, justificação, razão e evidência.

Neves (1999)¹² propõe uma distinção binária de tipos de relação causal: causa do enunciado e causa da enunciação. A causa do enunciado é a que relaciona estados de coisas a fatos possíveis, enquanto a causa da enunciação corresponde à ligação entre atos de fala distintos. Em outras palavras, o primeiro tipo se relaciona aos eventos externos à comunicação, enquanto o segundo, aos eventos internos ao ato comunicativo. Lopes (2012) também considera duas possibilidades de relação de causa – a causa do dito e a causa do dizer. Se, por um lado, a construção causal pode servir para estabelecer a causa de uma situação no mundo real, por outro também pode servir para justificar a fala do interlocutor. Nesta tese, também entendemos que as construções conclusivas podem instaurar relações de diferentes tipos com base na proposta apresentada a seguir.

Buscando explicar a ambiguidade dos conectores causais, especialmente de *because*, em uma perspectiva cognitiva, Sweetser (1990) propõe que a relação causal pode ser instaurada em três domínios distintos (conteúdo ou referencial, epistêmico e atos de fala) que não dependem da forma, mas sim de uma escolha pragmaticamente motivada. Sendo assim, é o contexto de ocorrência da construção que determina a forma como ela será interpretada.

O domínio *referencial* (ou do *conteúdo*) engloba ocorrências de relação causal entre estados de coisas do mundo real. Nesse caso, relacionam-se fatos comprováveis, ou pelo menos possíveis, de forma que a relação entre eles é válida e verificável. Nesse caso, há pouco ou nenhum envolvimento da opinião pessoal do emissor. O domínio epistêmico abarca os casos em que um fato ou uma evidência autoriza uma crença ou conclusão. Esse domínio dá conta dos casos mais subjetivos, em que ficam claras as opiniões e crenças do falante. Portanto, é o domínio das inferências. No domínio dos atos de fala ou interacional, Sweetser (1990) considera as relações causais em que uma justificativa é apresentada para um ato de fala direto.

12 Com base na proposta de Dik (1989).

A causa referencial, conforme a proposta de Sweetser (op. cit.), se aproxima do conceito de causa estrita ou causa real. De acordo com Paiva (1996) e Silva (2008), consequências tendem a ocorrer a partir da realização de condições necessárias ou favoráveis. É possível, ainda, que a consequência seja resultado de uma condição suficiente, mas casos desse tipo costumam ser menos frequentes. Já a relação de conclusão opera mais frequentemente no nível do raciocínio inferencial e, portanto, da possibilidade. Causais e conclusivas também se diferenciam em termos do segmento introduzido pelo conector.

Para alguns autores, como Lopes et al (2001), a relação conclusiva constitui uma causa que opera mais especificamente no domínio epistêmico, expressando uma forma de causalidade mais subjetiva. Nos termos das autoras (2001, p. 209):

Nas construções conclusivas, a relação causa/consequência opera no nível do domínio epistêmico: o conector assinala que a proposição que introduz é a conclusão (ou consequência lógica) de uma inferência dedutiva legitimada pela articulação de uma premissa implícita com a premissa expressa.

Nesse caso, há uma relação indireta entre os segmentos ligados. A relação entre p e q se dá por meio de uma premissa que, apesar de não estar explícita no texto, pode ser inferida pelo falante, a partir do contexto e de seu conhecimento de mundo. Assim, a associação de uma premissa implícita a uma premissa explícita autoriza um raciocínio inferencial. Em outros termos, a premissa implícita assegura a possibilidade de uma conclusão, como no exemplo (8):

(8) O Infante vista a carta chamou logo os do seu Conselho, e amostrou lhe a, dizendo: Amigos que vos parece de isto , ou que devemos fazer. E todos acordaram, que para andarem correndo a terra, não era bem perder se tal Vila, como era Beja. Então pareceu ser bem, que o Infante tomasse de sua gente até mil e quatrocentos de cavalo dos melhores em cavalgados para logo partirem com eles (Século XVI – Crônica do Rei D.Afonso Henriques).

Os membros do Conselho, ao se depararem com a possibilidade de perda da terra, concluem que o melhor a se fazer é partir para lá com um grande grupo. A premissa implícita que permite o estabelecimento da relação de conclusão é a de que, diante de uma ameaça, a luta com o maior exército possível pode impedir a derrota.

Para que os interlocutores se entendam no ato comunicativo, especialmente no que diz respeito ao que não está explícito na relação de conclusão, é preciso que tenham um *common ground*, ou seja, que compartilhem conhecimentos. A comunicação efetiva envolve o conhecimento dos interlocutores acerca da situação comunicativa, o conhecimento que um

interlocutor tem sobre o outro e os conhecimentos de mundo partilhado pela díade dialógica. Na comunicação, o falante convida o ouvinte a identificar suas intenções e a compreender a comunicação de uma forma específica, o que naturalmente atualiza o *common ground* compartilhado entre os dois (cf. VERHAGEN, 2007; DIESSEL, 2019).

No entanto, como já vimos mais acima e assumido por Marques (2014), os conectores conclusivos podem introduzir não propriamente uma conclusão, mas sim uma consequência. Nesse caso, dois conteúdos se relacionam, e o segundo é uma consequência lógica que resulta do conteúdo expresso no segmento antecedente, como é o caso no exemplo (6) acima, e no exemplo (9), a seguir.

(9) Importante refúgio de leões marinhos, o povoado é uma área de preservação ambiental, com a população limitada a cerca de 40 famílias. Carros não entram lá. **Por isso, os visitantes deixam seus veículos estacionados na entrada do parque e pegam jardineiras**, que percorrem cerca de 7km de estradas de areia até o povoado (Século XXI – Matérias de capa da revista Azul Magazine).

Em (9), a oração *por isso, os visitantes deixam seus veículos estacionados na entrada do parque e pegam jardineiras* apresenta um estado de coisas decorrente do estado de coisas codificado no período imediatamente anterior, *carros não entram lá*. Se o parque não permite a entrada de carros particulares, a única opção possível é a utilização dos veículos disponibilizados pelo local. Tem-se, portanto, uma relação de causa e consequência e dados desse tipo podem ser considerados instâncias de relação causal no domínio referencial.

Os conectores conclusivos podem, ainda, introduzir uma causa no domínio interacional (atos de fala), como mostra o exemplo (10).

(10) Mays se pella uentura aq(ue)l a q(ue) for feyta a doaçõ~ a receb(er) ou se lhi foy dada p(er) carta e a carta ouu(er) en seu poder e depoyz destas cousas ou algua dellas daquellas que lhy fore~ dadas, der aaquel que llas deu, que as tenha en seus dyas e lhy soffrer que as tenha, **p(er) isto no~ p(er)ça nada do seu d(er)eyto q(ua)ndo quer q(ue) moyra o outro**. (Século XIII – Afonso X, Foro Real)

No exemplo (10), a oração iniciada por *p(er) isto* introduz uma instrução, ou uma ordem, acerca do recebimento de uma herança. Nesse caso, a oração conclusiva opera no domínio interacional, ou seja, na relação entre o interlocutor e o ouvinte (leitor), no caso, todas as pessoas do reino, visto que o objetivo do locutor é estabelecer regras de conduta.

Neste estudo, tomamos a função/significado da construção causal como um ponto de partida do desenvolvimento da análise das construções conclusivas focalizadas, considerando as seguintes possibilidades: domínio referencial (causa - consequência), domínio epistêmico

(premissa – conclusão) e domínio interacional¹³. Essa classificação será retomada de forma mais aprofundada no capítulo 5.

Na próxima seção, abordamos os aspectos formais das construções conclusivas, em particular o tipo de articulação de orações realizado pelos conectores *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* assim como a natureza morfossintática desses elementos.

3.2. Natureza sintática das construções conclusivas

Os períodos formados com orações conclusivas têm sido tradicionalmente tratados como casos de articulação de orações por coordenação. Numa perspectiva mais tradicional, Cunha e Cintra (2008)¹⁴, por exemplo, entendem que períodos compostos por coordenação são formados por orações autônomas, ou seja, que não funcionam como termos de outras orações. Uma primeira questão que pode ser colocada diz respeito ao próprio conceito de coordenação, entendida nessa perspectiva em oposição à subordinação, ou seja, casos em que uma das orações é sintática e semanticamente dependente de uma oração núcleo. Para Matos (2003), coordenação é o processo que combina constituintes de mesmo nível e que desempenham as mesmas funções sintáticas e semânticas. Além disso, a *coordenação* (i) pode operar sobre níveis além da frase; (ii) não envolve seleção de termos de outra oração, como é o caso da subordinação; e (iii) implica pouca ou nenhuma mobilidade do termo coordenado. É preciso destacar, porém, que, para muitos autores, a coordenação é mais um mecanismo discursivo do que sintático-semântico que pode ser realizado por uma conjunção, por elementos adverbiais ou pela simples justaposição das orações (cf. por exemplo, AZEREDO, 2000).

Numa abordagem mais tradicional, as coordenadas ligadas por conjunções (sindéticas) são classificadas com base no valor semântico do elemento que liga as orações. Um tipo de oração coordenada identificada é a *oração coordenada conclusiva*, que recebe esse rótulo por ser introduzida por conjunções coordenativas conclusivas como *logo*, *portanto* e *pois* (posposto ao verbo). No entanto, Bechara (2009), que também classifica as orações coordenadas com base na relação semântica estabelecida pela conjunção, exclui as conclusivas das coordenadas, relacionando apenas três grupos semânticos de orações coordenadas: *aditivas* (*e* e *nem*), *adversativas* (*mas*, *porém* e *senão*) e *alternativas* (*ou*). Para o autor, as conclusivas constituem um grupo distinto, já que, nesse caso, os elementos de ligação não seriam propriamente

13 Marques (2014) considera que a relação conclusiva pode ser, também, do tipo resumo. Nesse caso, a oração conclusiva funciona como uma síntese do que já foi dito no discurso antecedente.

14 Ver também Neves (1998), Mateus et alii (2003) e Rocha Lima (2011).

conjunções, mas sim elementos juntivos de natureza adverbial, uma questão que será retomada mais detalhadamente ao longo deste capítulo.

A dificuldade de classificar o tipo de ligação sintática realizada pelos conectores conclusivos decorre naturalmente do fato de que, como discute Matos (op. cit.), é difícil estabelecer uma distinção entre subordinação e coordenação, já que há inúmeras construções que estão na fronteira entre esses dois tipos e podem partilhar características de um ou outro tipo de articulação. Na posição da autora, a diferença entre os dois processos não é de ordem semântica, mas de natureza formal. Para outros autores, é preciso considerar que, na maioria dos casos de coordenação, os segmentos textuais realmente se apresentam como estruturalmente independentes, porém, o significado da construção é dado pelo conjunto das duas orações. Sendo assim, a relação conclusiva, por exemplo, pode ser entendida como sintaticamente independente e semanticamente dependente (cf., por exemplo, PERES E MASCARENHAS, 2006).

Retomando os critérios propostos por Quirk et al (1985), é possível obter outras evidências de que os elementos que realizam a relação conclusiva não possuem todas as propriedades de uma conjunção coordenada. Os autores (op. cit.) estabelecem seis parâmetros para determinar em que medida um elemento de conexão é uma conjunção coordenativa¹⁵.

1) Conjunções coordenativas são restritas à posição inicial na oração.

A primeira propriedade estabelecida por Quirk et al (op. cit.) na definição de uma conjunção diz respeito à posição ocupada pelo elemento conector na oração. *E*, *ou* e *mas* são restritas à posição inicial na oração, mas grande parte dos demais conectores têm mobilidade na oração. Como mostram os exemplos abaixo¹⁶, os conectores conclusivos *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* apresentam diferentes comportamentos no que diz respeito ao movimento para posições além do início da oração.

- (11) José estudou pouco. Portanto/então/por isso/logo, tirou notas baixas.
- (12) José estudou pouco. Tirou, portanto, notas baixas.
- (13) ?José estudou pouco. Tirou, então/por isso, notas baixas.
- (14) *José estudou pouco. Tirou, logo, notas baixas.

15 Com base nessas propriedades os autores concluem que apenas *e*, *ou* e *mas* são verdadeiras conjunções coordenativas, sendo as duas primeiras os elementos centrais, representantes prototípicos dessa categoria (cf. também MATOS, 2003).

16 Nesse ponto, os exemplos foram criados, através da intuição, para manter um paralelismo que permita a comparação.

Ao que tudo indica, o conector *portanto* é o que admite maior mobilidade dentro da oração. *Então* e *por isso* são, no mínimo, questionáveis quanto à possibilidade de mudança de posição. O conector *logo*, por sua vez, parece apresentar posição mais rígida, como evidencia o exemplo (14), o que contraria o previsto por Cunha e Cintra (2008), pois, segundo os autores, *logo* pode variar de posição dentro da oração. De acordo com o critério da flexibilidade de posição, *logo* se comporta como uma conjunção coordenativa, enquanto *portanto* e, possivelmente, *por isso* e *então* infringem claramente uma restrição das conjunções coordenativas.

2) Orações coordenadas têm posição fixa.

Orações introduzidas por *e*, *ou* e *mas* aparecem sempre em segunda posição em relação à oração a que se ligam. Não é possível mover a oração coordenada para a posição inicial do período.

(15) *Portanto/então/por isso/logo tirou notas baixas, José estudou pouco.

Como mostra o exemplo (15), orações conclusivas introduzidas por *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* não podem ser antepostas aos segmentos com que se ligam. É possível que alguns conectores conclusivos se movam dentro da oração conclusiva (como mostramos acima), mas é necessário que essa oração esteja posposta à oração a que se liga para que o período conclusivo seja gramatical. De acordo com essa propriedade, os conectores conclusivos analisados poderiam ser considerados conjunções coordenativas.

3) Conjunções coordenativas não podem ser precedidas por outras conjunções.

As conjunções *e*, *ou* e *mas* não podem ser precedidas por outras conjunções. Porém, outros elementos de conexão que não são verdadeiras conjunções coordenativas podem ocorrer com outros elementos como nos seguintes casos:

(16) José estudou pouco e, portanto/por isso, tirou notas baixas.

(17) ?José estudou pouco e então tirou notas baixas.

(18) *José estudou pouco e, logo, tirou notas baixas.

Os conectores *portanto* e *por isso* (16) parecem aceitar mais facilmente ser precedidos por uma conjunção (*e*). *Então* (17) parece ser mais restritivo quanto a esse parâmetro, ainda que não seja agramatical. Já *logo* (18), quando precedido pela conjunção *e*, resulta em uma frase

agramatical. Assim, considerando o critério 3, *logo* seria a única conjunção coordenativa; *então* pode ser questionado quanto à sua natureza de conjunção coordenativa e *portanto* e *por isso* não seriam verdadeiras conjunções.

4) Conjunções coordenativas podem ligar constituintes não oracionais.

Uma propriedade que define as conjunções coordenativas é o fato de esses itens poderem ligar não apenas orações, mas também termos de uma oração. No caso dos conectores conclusivos do português, essa possibilidade parece ser restrita a *portanto*.

(19) As mulheres, portanto/*logo/*por isso/*então, a maior parte da população, lutam por seus direitos.

5) Conjunções coordenativas podem conectar orações subordinadas.

As conjunções coordenativas *e*, *ou* e *mas* podem conectar orações subordinadas, enquanto outros conectores não realizam esse tipo de ligação.

(20) José tirou notas baixas porque não estudou e porque não gostava da matéria.

(21) José tirou notas baixas porque não estudou, logo/?portanto/*por isso/*então porque não se dedicou.

Nesse caso, o conector *logo* parece ser o que gera um resultado mais aceitável. *Portanto* é questionável na conexão de orações subordinadas e *por isso* e *então* não geram um resultado gramatical. Assim, *logo* é o que tem comportamento mais semelhante ao de uma conjunção coordenativa.

6) Conjunções coordenativas podem conectar mais de duas orações.

Os elementos coordenativos mais prototípicos (*e* e *ou*) podem ligar mais de duas orações. Os elementos que operam nas construções conclusivas, por outro lado, costumam ligar apenas duas orações, ainda que possam estabelecer ligação entre mais de uma oração.

(22) José dorme a tarde toda, ou joga videogame, ou fica na internet.

(23) ?José não estudou para as provas, logo/portanto/por isso/então tirou notas baixas, logo/portanto/por isso/então vai ficar de castigo por uma semana.

O exemplo (22) parece ser muito mais natural e aceitável do que o exemplo (23). Embora, a princípio, o exemplo (23) não seja agramatical, é provável que sua ocorrência se reserve a contextos muito mais restritos do que o do exemplo (22).

De acordo com os parâmetros estabelecidos por Quirk et al (1985), os elementos conclusivos em análise neste estudo variam na aceitabilidade dos testes, alguns deles apresentando maior número de propriedades de introdutores de uma oração coordenada, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 3 - Testes sintáticos propostos por Quirk et al (1985)

	Conjunções coordenativas prototípicas	Logo	Portanto	Por isso	Então
1) Mobilidade da conjunção na oração	-	-	+	?	?
2) Mobilidade da oração no período	-	-	-	-	-
3) Co-ocorrência com outras conjunções	-	-	+	+	?
4) Ligação de constituintes não oracionais	+	-	+	-	-
5) Conexão de orações subordinadas	+	+	?	-	-
6) Conexão de mais de duas orações	+	?	?	?	?

De acordo com o quadro 3, os conectores conclusivos se comportam de forma distinta, a depender do teste considerado, o que impossibilita afirmar de forma generalizada que todos eles são conjunções coordenativas. De acordo com os parâmetros estabelecidos por Quirk et al (op. cit), alguns elementos conclusivos em análise neste estudo podem apresentar mais características de uma conjunção coordenativa prototípica do que outros, como é o caso de *logo* que, assim como apontam Pezatti (2001) e Oliveira (2011), tem comportamento semelhante ao das conjunções coordenativas propriamente ditas (*e*, *ou* e *nem*). *Logo* se diferencia de *portanto*, *por isso* e *então* especialmente no que diz respeito aos critérios (1), (3) e (5). *Logo* não pode mudar de posição no interior do segmento conclusivo (critério 1), não pode ser precedido por uma conjunção coordenativa (critério 3) e é mais aceitável na conexão de orações subordinadas do que os outros conectores conclusivos (critério 5). Tal situação reflete bastante bem o fato de

que parece ser simplificador considerá-los como um conjunto homogêneo, visto que, de acordo com o contexto, um determinado conector conclusivo pode ser aceitável, mas não todos.

Partindo do princípio de que, além da coordenação e subordinação, outras possibilidades de combinação de orações devem ser consideradas, Peres e Mascarenhas (2006), propõem outros testes sintáticos que permitem caracterizar as conclusivas como um processo de articulação distinto. Os parâmetros utilizados pelos autores (op. cit, p.2)¹⁷ para testar os diferentes tipos de combinação de orações são: (i) o segmento pode funcionar como complemento verbal¹⁸; (ii) o segmento pode se posicionar como argumento de um advérbio sentencial¹⁹; (iii) o segmento pode se posicionar sob o escopo da negação²⁰; (iv) o segmento pode se movimentar dentro da oração matriz; e (v) a construção pode ser clivada²¹. Com base nesses testes, os autores concluem que as construções verdadeiramente coordenadas são as copulativas, as disjuntivas e as adversativas (cf. também QUIRK ET AL, 1985; MATOS, 2003). Ainda para os autores (op. cit.), as conclusivas apresentam comportamento diferente tanto das coordenadas prototípicas como das subordinadas, constituindo um outro tipo de conexão entre orações, que o autor denomina *anexação*, ilustrada por casos como “Há muitas nuvens no céu; portanto, vai chover”. O termo anexação se refere ao fato de o conector conclusivo estabelecer link semântico entre dois segmentos discursivos sem estabelecer relação sintática entre eles. Além disso, os autores consideram que as conclusivas não constituem uma contraparte da relação explicativa, classificadas como um processo de *suplementação*.

Na próxima seção, aprofundamos essa discussão, retomando a questão da natureza dos elementos dos elementos que encabeçam as orações conclusivas sob uma perspectiva de gradiência.

3.3. Logo, portanto, por isso e então: função adverbial ou conectiva?

Para além do tipo de vinculação sintática realizado pelas construções conclusivas, uma questão relevante diz respeito à própria categoria dos elementos que introduzem uma oração conclusiva, em especial *logo*, *portanto*, *por isso* e *então*, objetos de estudo desta tese.

Como discutido na seção anterior, numa perspectiva mais tradicional, tais elementos são arrolados na categoria de conjunções coordenativas. Assim, por exemplo, Barbosa (1881),

17 Com base em Peres (1997).

18 Exemplo: Eu creio que Maria pensa, logo existe.

19 Exemplo: Felizmente, Maria pensa, logo existe.

20 Exemplo: Não creio que Maria pensa, logo existe.

21 Exemplo: É porque Maria pensa, que logo ela existe.

Rocha Lima (1956) e Cunha e Cintra (2008) definem estes elementos como conjunções coordenativas, cuja função é unir duas orações independentes, conferindo-lhes o sentido de conclusão. No entanto, é preciso destacar que nem sempre o papel das conjunções é consensual. Para Cunha e Cintra (2008, p.593), por exemplo, conjunção é uma palavra gramatical que serve para relacionar orações ou termos. Para Bechara (2009), por outro lado, conjunções são elementos que unem orações em um mesmo enunciado. As conjunções podem ser subordinativas, quando relacionam orações em que uma determina ou completa o sentido da outra, ou seja, envolvem relação entre uma oração de nível inferior e outra de nível superior, ou coordenativas, quando relacionam orações com a mesma função gramatical, isto é, independentes. Conjunções são classificadas de acordo com o seu valor semântico. De forma geral, as conjunções coordenativas são agrupadas de acordo com o sentido que expressam: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas. No grupo das conclusivas estariam incluídos os elementos focalizados neste estudo. Contudo, como já salientado na seção anterior, é discutível se *logo*, *então*, *por isso* e *portanto* podem ser considerados verdadeiras conjunções.

Segundo Pezatti (2001), um problema é que o próprio conceito de conjunção é pouco preciso na literatura, pois faltam critérios claros e objetivos para a definição e estabelecimento dessa categoria gramatical. Com base nas propriedades estabelecidas por Quirk et al (1985), Matos (2003) considera que, pelo fato de poderem co-ocorrer com outras conjunções, os elementos de relação conclusiva já não podem ser classificados como conjunções, mas sim como conectores. O fato de terem mobilidade dentro da oração reforça seu caráter não conjuncional, levando a autora (op. cit.) a concluir que constituem “expressões adverbiais ou preposicionais que funcionam como adjuntos frásicos ou verbais com valor conclusivo” (p. 574). Numa perspectiva semelhante, Bechara (2009) também considera os elementos que estabelecem relação conclusiva como parte de uma categoria que o autor denomina de “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas”. Nos termos do autor (p. 270):

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.).

Uma das evidências utilizadas por Bechara (op. cit.) para sustentar que essas unidades não são conjunções é o fato de elas poderem co-ocorrer com as verdadeiras conjunções, como

já mencionado acima²². Além disso, essas unidades adverbiais não podem coordenar orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais como é possível com as verdadeiras conjunções. Um ponto relevante diz respeito à posição desses elementos. Como unidades adverbiais, eles podem ser movidos para diferentes posições dentro da oração em que ocorrem. Isso porque estabelecem uma relação mais frouxa com o núcleo verbal.

Um raciocínio semelhante é o de Matos (2003) que distingue entre as conjunções coordenativas prototípicas (aditivas, alternativas e adversativas) e os conectores (contrastivos, explicativos e conclusivos). Apesar da diferença terminológica, o tratamento particular dessas formas é defendido também por Neves (2000), que os inclui, assim como muitos dos conectores adversativos, no grupo dos “advérbios juntivos” que permitem a ligação de orações.

Um outro argumento favorável a uma interpretação dos elementos de relação conclusiva como conectores é que, como já destacado por diversos autores, eles podem ligar segmentos de diversos tipos, como orações, termos de orações e segmentos discursivos maiores e de extensão bastante variada. Retomando a posição de Dik (1997), um conector que liga duas orações tende a ligar, também, uma oração a uma unidade discursiva maior, de acordo com o esquema *Oração(ões) precedente(s). Conector, oração*. Na mesma direção, para Ducrot (2009), conectores conclusivos conectam não apenas duas proposições sintáticas, mas sequências de proposições, como parágrafos. Para Guimarães (2001), essa conexão pode ocorrer até mesmo entre capítulos.

Do que foi visto até este ponto, fica evidente que pelo menos uma parte dos elementos de conexão tratados neste estudo possui caráter multifuncional, indicando que os diferentes elementos que encabeçam as orações conclusivas podem se distribuir ao longo de uma escala de pertencimento à categoria conjunção. Como destacado por Pezatti (2000), eles podem ser considerados, assim como diversos outros operadores, como termos híbridos, em transição entre as categorias de advérbio e conjunção. Em outras palavras, esses conectores estariam em diferentes estágios de gramaticalização como conjunções. Ainda segundo a autora, *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* se distribuem no seguinte *continuum* de gramaticalização:

Figura 5 – Continuum de gramaticalização dos conectores conclusivos

Advérbio ----- Conjunção
 por isso > então > portanto > logo

Fonte: Pezatti, 2000, p.69.

²² Exemplo: João não estudou e, portanto, ficou reprovado.

De acordo com a gradação acima, *logo* já teria completado sua trajetória de gramaticalização como conjunção coordenativa. Por outro lado, *por isso* ainda apresenta propriedades e usos mais próprios de advérbio, enquanto *então* e *portanto* partilham características de advérbio e de conjunção e estão, possivelmente, caminhando para completar o processo de gramaticalização como conjunção. Como essas formas se originaram de bases distintas, é necessário, considerar as especificidades de cada uma delas, como mostramos na seção seguinte.

3.4. Características particulares dos conectores conclusivos

Os quatro conectores conclusivos em estudo, *logo*, *portanto*, *por isso* e *então*, surgiram no português através de mudanças sofridas por elementos adverbiais ou sintagmas preposicionais com valor adverbial (cf. OLIVEIRA, 2011). Segundo Longhin-Thomazi (2006), o uso de *logo* como conector conclusivo tem como base seu uso como advérbio temporal. De acordo com Oliveira (op. cit.), *logo* tem origem no advérbio latino *locus*, que podia ser utilizado com sentido de lugar, local, e também de tempo, conforme os exemplos abaixo:

- (24) Locus iste a Deo factus est. (*Este é o lugar feito por Deus.*)
 (25) Ad id locorum (*Até esta época*); Ad locum (*de repente*)
 (26) Sec nunc non erat his locus (*Não era ainda o momento oportuno para estas coisas (Horácio)*)

Fonte: Oliveira (2011, p.75)

Como já destacado anteriormente, *logo* tem posição fixa no início da oração e remete à oração anterior para, então, introduzir uma conclusão dedutível do segmento discursivo precedente, ou seja, uma relação do tipo P *logo* Q, em que P é um argumento irrefutável em favor de Q (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2006; OLIVEIRA, 2011). As primeiras ocorrências de *logo* conjuncional são atestadas por Longhin-Thomazi (2006) no século XVII. No entanto, Oliveira (op. cit.) mostra que, já no século XV, são encontradas ocorrências de *logo* com ambiguidade semântica entre advérbio e conector conclusivo.

Analisando dados do século XVII, Longhin-Thomazi (op.cit.) mostra que, como conjunção, *logo* encabeça o segundo segmento retomando de forma anafórica o que fora dito, e explicitando a direção argumentativa já estabelecida no primeiro segmento. Segundo Oliveira (op. cit., p. 74), “do ponto de vista da estruturação do discurso argumentativo, *logo* funciona

como um operador que *actua* numa construção de implicação lógica: $p \text{ logo } q$., na qual q funciona como a proposição que é justificada por p .”

O contexto de ambiguidade que teria levado à reinterpretação de *logo* advérbio para *logo* conjunção, conforme aponta Longhin-Thomazi (op.cit), é aquele em que o item pode ser interpretado tanto como advérbio, com sentido de *em seguida*, quanto como conjunção conclusiva. Dados como esse evidenciam a fluidez entre a categoria de advérbio e a de conjunção. O item servia para indicar sucessão temporal entre eventos no mundo, e passou a sinalizar sucessão entre eventos no texto. Como mostra a autora, a trajetória de *logo* na língua aponta para uma abstratização de significado, que vai de tempo (advérbio) para conclusão (conjunção), constituindo um caso exemplar de surgimento de categorias mais gramaticais a partir de categorias menos gramaticais.

Oliveira (2011) mostra que *logo* apresenta as principais características que definem uma conjunção (ver seção 3.2), diferentemente dos outros elementos analisados nesta tese. Segundo a autora (op. cit., p.78), o elemento *logo*:

- (i) ocupa a posição inicial do membro coordenado;
- (ii) não pode deslocar-se no interior de membro coordenado;
- (iii) não pode co-ocorrer com outra conjunção;
- (iv) coordena constituintes frásicos e não frásicos.

Assim como *logo*, *então* deriva igualmente de usos temporais, mas se distingue por sua base anafórica. De acordo com Martelotta e Silva (1996), *então* tem origem na forma latina $in+tunc$, sendo *tunc* composta por *tum* (adverbial com base demonstrativa) + *ce* (demonstrativo). Na sua origem, esse elemento indica coordenadas espaciais ou temporais e se gramaticaliza, passando a exercer diferentes funções pragmático-discursivas. Para os autores, a base demonstrativa dos elementos que formaram o conector explica seu caráter anafórico. Esse papel anafórico favorece o desenvolvimento dos valores argumentativos de *então*, como ocorreu com outros elementos conclusivos, como *portanto*, que será discutido mais adiante.

De acordo com Martelotta e Silva (op. cit.), a pressão da informatividade fez com que o sentido de *então* mudasse em razão do seu contexto de ocorrência. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), essa mudança ocorre a partir de uma inferência convidada (*invited inference*), situação em que o falante convida o ouvinte a interpretar uma ocorrência de uma forma diferente do que ela seria naturalmente interpretada. O ouvinte, por sua vez, no fluxo da comunicação e com base no contexto comunicativo, é capaz de interpretar a ocorrência da forma proposta pelo falante. Assim, o uso conclusivo de *então* corresponde a esses usos sequenciais em que uma

oração apresenta a consequência do que foi dito anteriormente. Como a sequencialidade é um dos pressupostos inerentes à relação de causalidade (cf. PAIVA, 1991; 1996; NEVES, 1998), elementos que codificam relação temporal podem desenvolver valores causais ao longo do tempo.

Os autores mostram, ainda, que *então* é mais frequente na língua oral porque na escrita concorre com diversas outras formas que podem desempenhar funções semelhantes. No caso do sentido conclusivo, temos, nesta tese, três outras formas que, a princípio, podem desempenhar essa mesma função.

Segundo Oliveira (2011), ainda hoje, *então* é tratado pela tradição gramatical como um advérbio de tempo, como no exemplo a seguir:

(27) assustada, e entrestecida deixou esta noticia a Religiosa, porem continuando seu ardente zello no vencimento das dificuldades, reccorreo à Magestade da Raynha Dona Maria Francisca **então** reynante para que lhe impretrasse de Roma a mesma concepção permitida a Napoles; (Século XVIII – Vida e morte de Madre Helena da Cruz).

No exemplo (27), *então* tem sentido temporal, podendo ser substituído por uma expressão como “naquele momento”. Entretanto, a autora destaca o caráter multifuncional da construção, que pode servir como advérbio e articular partes do texto como conector.

Como destaca Pezatti (2001), há poucos gramáticos que consideram *então* como uma conjunção conclusiva (por exemplo KURY, 1993). Além disso, a autora considera que *então* ainda não está completamente gramaticalizado, embora apresente algumas características de conjunção. De forma semelhante, Oliveira (2011) considera *então* como um elemento multifuncional, podendo ainda hoje ser utilizado como advérbio ou como conector, articulando segmentos textuais.

Pezatti (op. cit.), assim como Oliveira (op. cit.), mostra que *então* ainda não é uma conjunção coordenativa propriamente dita porque não apresenta algumas características definidoras dessa classe, como o fato de ter mobilidade na oração, conservar seu valor anafórico, coordenar apenas orações e poder ser precedido por outra conjunção. O uso de *então* como conector é, no entanto, evidenciado pelo fato de poder ser substituído por *logo*, a conjunção conclusiva por excelência, na maioria das suas ocorrências, excetuando-se aquelas em que possui valor temporal. Além disso, como destaca Oliveira (op. cit.), *então* não coordena termos, mas apenas orações, tende a resistir à clivagem como estratégia de focalização e não aceita ser escopado por advérbios focalizadores (como *só*, *inclusive*, *até*, entre outros).

Ao longo do seu desenvolvimento, *então* se tornou um elemento multifuncional, como mostram diversos autores. Segundo Martelotta e Silva (1996), *então* é usado com diversos valores temporais e sequenciais. Dentre eles, estão os denominados *então* sequencial e *então* conclusivo. No seu uso sequencial, *então* indica uma ordem linear entre eventos do discurso (um começa quando o outro termina). Porém, o que os autores verificam é que alguns exemplos sequenciais são ambíguos entre o valor temporal anafórico e o valor conclusivo. Essa ambiguidade pode ser explicada pelo fato de o sentido conclusivo poder evidenciar uma sequencialidade lógica entre causa e efeito em determinados contextos. Os autores identificam, ainda, usos de *então* como alternativo, quando ligado à conjunção *ou*; *então* intensificador, quando enfatiza um elemento em relação a outros; *então* resumitivo, quando retoma e resume o que foi dito anteriormente; e *então* introduzindo informações livres, quando sequencializa informações que não necessariamente estabelecem relações entre si.

Para Tavares (1999, p.19), *então* desempenha função discursiva de sequenciação retroativo-propulsora, que é a sequenciação entre enunciados em que o primeiro serve de base para o segundo. Braga (2003) também destaca a multifuncionalidade de *então*, que, dentre diversos usos, pode ser um elemento juntivo ou discursivo. Quando juntivo, articula orações; quando discursivo, ajuda a construir o tópico do discurso ou regular a interação. Em seu uso como juntivo oracional, *então* costuma introduzir uma consequência/efeito ou conclusão e, assim, forma uma oração complexa de causa-efeito. Como a noção de causa pressupõe sequencialidade temporal, a noção de tempo permanece nesse uso.

De acordo com Arena (2008) há casos em que fica muito difícil estabelecer um único valor para *então*. Isso acontece, segundo a autora, porque os diferentes usos de *então* compartilham muitos traços em comum, o que acaba fazendo com que o termo possa ser analisado de mais de uma forma. De todo modo, apesar de algumas diferenças, todos os trabalhos ressaltam o caráter temporal/sequenciador de *então* e a possibilidade de o elemento unir porções de texto com ideia de causa – consequência e conclusão.

No que diz respeito à forma *portanto*, segundo Barreto (1999) e Oliveira (2011), o conector foi formado a partir da junção da preposição *por/per* com o indefinido *tanto*, originado da forma latina *tantu-*, que passam a ser acessados como uma unidade linguística independente, através de um processo de *chunking*. De acordo com Barreto (op. cit), essa forma pôde ser documentada no século XIV com valor adverbial. Oliveira (op. cit., p.81) mostra um exemplo extraído do texto Crônica Geral de Espanha, do século XIV, em que a forma ainda ocorre separadamente e pode ser substituída por “por causa disso”.

(28) e que, por os moços seerem guardados e criados, que **por tanto** fazi[ã] aquello

A origem conjuncional de *portanto* foi determinada pelo papel relacional, anafórico-globalizante da forma *por tanto* equivalente a “*por isso*”, “*por tudo isso*”). Nos séculos XV e XVI, podem ser atestadas ocorrências de *portanto* como encadeador de narrativa. Entretanto, esse uso foi decaindo ao longo do tempo no português do Brasil, de maneira que apenas seu uso conjuncional permaneceu na língua. No que diz respeito ao caminho de gramaticalização de *portanto*, a autora mostra que o conector parte de um sentido mais concreto (“por todas essas coisas”) rumo a um sentido mais abstrato em seu uso conclusivo.

Conforme apontam Pezatti (2000) e Oliveira (2011), a trajetória de gramaticalização de *portanto* como conjunção ainda não foi finalizada, já que o conector não possui todas as características que definem uma conjunção prototípica. Como aponta Oliveira (op. cit.), *portanto* tem mobilidade no interior da oração coordenada e pode ocorrer precedido de outra conjunção.

Assim como *então*, *portanto* também pode desempenhar diferentes funções. Segundo Lopes et al (2001, p.217), *portanto* pode ter valor de (i) conector conclusivo, quando pode ser substituído por *logo*; (ii) advérbio, quando pode ser substituído por *por causa disso*; (iii) articulador discursivo, quando estabelece relações sequenciais entre as partes do texto e pode ser parafraseado por *assim*, *em suma* ou *concluindo*; (iv) sinalizador de interação, quando expressa relações entre os interlocutores; e (v) marcador conversacional, quando modaliza o conteúdo a ser dito ou serve para prender a atenção do ouvinte.

Por fim, o conector *por isso* resulta igualmente de um *chunking* formado a partir da preposição *por*, seguida do demonstrativo *isso*²³. A construção remonta ao século XIII (com os demonstrativos *esto*, *esso* e *aquesto*) e, nesse período, funcionava como encadeador de narrativa ou reforço adverbial (cf. BARRETO, 1999; OLIVEIRA, 2011). Ainda no século XVI, o conector é encontrado com valor adverbial e com sentido de “por essa razão”, como no exemplo (29):

(29) E porende assy como nos deffendem(os) q(ue) nenhuu no~ proue en ne~hua guisa trayço~, nenhuu mao feyto (contra) sa p(essoa) de el rey, outrosy no~ queremos soffrer que nenhuu ly diga mal nenno deoste ne~ retrayha mal dele nen de se(us) feytos. E por esso stabellecem(os) que todo ome que entender e soub(er) alguu erro q(ue) faça el rey, digao en puridad(e). (Século XIII – Afonso X, Foro Real).

23 Embora mais raras, foram encontradas ocorrências de *por isto* na amostra analisada.

Barreto (1999) e Oliveira (op.cit.) mostram que *por isso* ainda não preenche todos os requisitos de uma conjunção prototípica, já que pode se movimentar dentro do termo coordenado e pode ser precedido por outras conjunções. Embora *por isso* e as demais formas (especialmente *portanto* e *então*) não sejam conjunções, elas funcionam como conectores ou advérbios juntivos.

Segundo Oliveira (op.cit.), no período arcaico, *por isso* tem uma frequência reduzida por competir com a forma *por en(de)*, forma de introdução de conclusão muito frequente nos primeiros séculos do português. Como o significado de *en* ou *ende* é muito próximo de *isso*, essa construção acaba sendo preferida em relação a *por isso*. Entretanto, a partir do século XV, com a fixação do significado de contraste para *por en(de)*, a construção *por isso* ganha frequência, já com um valor conclusivo, como no exemplo (30).

(30) O marquês de Torreclusa ia de socorro a Colibre mas não pôde chegar a tempo por ir a gente mal tratada da viagem **por isso se perdeu aquela praça** (Século XVIII – Gazeta da restauração).

No exemplo (30), *por isso* pode ser substituído por *logo* e estabelece uma relação de causa e consequência. Como não conseguiu chegar a tempo, o marquês acabou perdendo a disputa.

Ao longo do tempo, a construção com *por isso* foi se tornando mais abstrata ao adquirir o sentido de conclusão. No entanto, de acordo com Oliveira (op. cit.), *por isso* surge mais atrelado à noção de causa – consequência do que de premissa – conclusão. A autora acredita que *por isso* seja uma elipse de *por causa disso*, o que faz com que esse conector seja mais especializado no domínio referencial (causa – consequência) do que os demais e, por conta disso, não pode ser substituído pelas outras formas em vários contextos. Porém, sabe-se que é característica desse e dos demais conectores ligados ao domínio da causalidade poderem operar em diferentes domínios.

Tendo em vista o suporte teórico descrito no capítulo 2 e os trabalhos já realizados sobre a relação de conclusão, assumimos nesta tese que as construções conclusivas não se restringem ao item conectivo. Consideramos, portanto, que relação de conclusão depende das propriedades semânticas e pragmáticas dos segmentos envolvidos, conforme o esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2]. Além disso, consideramos que as construções com os quatro conectores (*portanto*, *por isso*, *logo* e *então*) se relacionam entre si e com outras construções, como *por conseguinte* e *por consequência*, em uma rede que captura nosso conhecimento linguístico. Acreditamos que, a partir desse tratamento que considera os segmentos discursivos,

sejam eles orações, períodos, parágrafos ou segmentos maiores, é possível dar conta de forma mais adequada tanto de aspectos semânticos como formais das construções conclusivas, já que incorpora aspectos do contexto mais amplo de ocorrência dos elementos que estabelecem relações conclusivas.

No próximo capítulo, apresentamos os objetivos e hipóteses que norteiam esta pesquisa, bem como detalhamos a amostra utilizada na coleta de dados das construções conclusivas focalizadas e os procedimentos metodológicos que adotamos no desenvolvimento da análise.

4. OBJETIVOS, HIPÓTESES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos, na seção 4.1, os objetivos centrais deste trabalho e as hipóteses centrais que norteiam o desenvolvimento da análise. Em seguida, na seção 4.2, descrevemos a amostra e detalhamos os procedimentos metodológicos adotados.

4.1. Objetivos e hipóteses

Como explicitado na introdução, focalizamos neste trabalho a trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, desde o século XIII até o estágio atual do português. Para isso, analisamos a distribuição dessas construções quanto a algumas propriedades que podem fornecer evidências acerca das mudanças que elas sofreram e sua organização em rede nos diferentes períodos do português.

Um outro objetivo é capturar possíveis diferenças de significado entre essas quatro construções, tendo em vista o que postula Goldberg (1995) no princípio da não sinonímia, conforme já colocado no capítulo 2. Segundo a autora, se há diferença no polo da forma de uma construção, deve haver alguma diferença no polo do significado/função. Com base nesse pressuposto, a análise busca identificar as possíveis particularidades de cada uma das construções focalizadas. Para tanto, verificamos se as construções focalizadas se diferenciam tendo em vista os seguintes grupos de fatores: domínio da causalidade, sequência discursiva em que se encontra o segmento conclusivo, presença de elemento modalizador na oração conclusiva, tipo de segmento conectado pela oração conclusiva, sujeito da oração conclusiva e posição do conector na oração conclusiva. Examinamos ainda, os itens verbais que ocorrem nas orações conclusivas e controlamos também o século e o próprio texto como variáveis.

O aspecto central que norteia o estudo das construções conclusivas é o tipo de relação semântica envolvida. Como já vimos no capítulo 3, Sweetser (1990) propõe uma distinção dos diferentes tipos de relação causal, baseada em domínios cognitivo-pragmáticos: domínio referencial (do conteúdo), domínio epistêmico e domínio dos atos de fala (interacional). Como detalhado no capítulo 3, a relação do tipo referencial corresponde a uma relação de causa e consequência, pois a oração conclusiva expõe a consequência de uma causa presente no segmento anterior. Nesse caso, a relação conclusiva se estabelece entre fatos verificáveis no mundo real. Por sua vez, o domínio epistêmico corresponde à relação entre premissa e conclusão, pois uma premissa ou um argumento do mundo real leva o falante a estabelecer uma

conclusão. Por fim, o domínio interacional engloba os casos em que a oração conclusiva exprime atos de fala diretivos, como ordens, pedidos, desejos, etc.

Um dos objetivos centrais desta tese é verificar se determinadas construções conclusivas se especializam ao longo do tempo, relacionando-se, mais frequentemente, a um determinado tipo de relação causal. Partindo do pressuposto de que uma trajetória de mudança no uso de conectores opera no sentido de relações mais objetivas para relações mais subjetivas (cf. TRAUGOTT, 2003), partimos da hipótese de que, nos seus usos iniciais, a relação conclusiva esteja mais relacionada ao domínio referencial (relação de causa e consequência) e, ao longo do tempo, passe a ser mais frequente em domínios mais subjetivos, especialmente no domínio epistêmico.

As construções conclusivas, assim como diversas outras construções da língua, podem conter elementos modalizadores. Uma construção explicitamente modalizada tende a ser mais claramente subjetiva do que uma construção não modalizada porque torna mais evidente a posição/atitude do falante acerca das relações entre os fatos, podendo sinalizar maior ou menor certeza por parte do falante a respeito de um determinado estado de coisas, ou situação. Assim, como apontamos anteriormente, em uma trajetória de mudança que prevê aumento do grau de subjetividade ao longo do tempo, partimos da hipótese de que a frequência de dados modalizados tende a aumentar ao longo do tempo. Portanto, esperamos encontrar mais dados modalizados no estágio atual da língua do que nos textos do período arcaico. Além disso, o controle desse grupo de fatores nos permite verificar se há alguma construção com maior tendência à modalização do que outras, e qual é a natureza desse elemento modalizador.

Consideramos também cada um dos itens verbais que ocorrem nas orações conclusivas encontradas nos textos da amostra, com vistas a verificar a possibilidade de correlação entre construção e item verbal ou, pelo menos, com classes sintático-semânticas específicas.

Quanto ao aspecto formal, consideramos os traços número-pessoais do sujeito da oração conclusiva, quais sejam, primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural, sujeito indeterminado, sujeito oracional e oração sem sujeito. Dessa forma, buscamos verificar se cada uma das construções está correlacionada a tipos específicos de sujeitos. Além disso, a análise desse grupo também está relacionada à subjetividade, já que sujeitos de primeira pessoa tendem a refletir mais claramente o posicionamento do falante no discurso. Assim, sujeitos de primeira pessoa teriam maior probabilidade de ocorrer em construções no domínio epistêmico, da mesma forma que sujeitos de terceira pessoa estariam relacionados às construções no domínio referencial.

Ainda no que diz respeito ao aspecto formal, analisamos os dados quanto ao tipo de segmento ao qual a oração conclusiva se liga. Como já mostramos no capítulo 3, diversos autores já destacaram que conectores podem ligar desde termos de orações até segmentos compostos por diversas orações (cf. DIK, 1997; GUIMARÃES, 2001; DUCROT, 2009). O controle desse grupo de fatores busca verificar se as construções conclusivas específicas tendem a ser mais utilizadas na ligação de segmentos específicos, quais sejam, termos de oração, orações simples, períodos complexos ou segmentos com várias orações. Além disso, esperamos que as construções conclusivas com os conectores *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* expandam seus usos para a junção de elementos discursivos maiores ao longo do tempo.

Uma das propriedades mais relevantes para a compreensão das mudanças sofridas pelas construções conectivas em geral diz respeito à maior ou menor flexibilidade do elemento conector na oração. Como já ressaltado no capítulo 3, no caso das construções conclusivas, alguns conectores são mais flexíveis, podendo se localizar, para além da posição inicial, em diferentes posições mediais ou até mesmo na posição final. Uma das propriedades das conjunções é sua fixação na posição inicial da oração. Nossa hipótese é a de que as ocorrências em posições mediais e final vão se reduzindo ao longo do tempo e que os elementos focalizados se fixem na margem esquerda da oração.

A relação conclusiva, independentemente do domínio em que se instaura, se estabelece no discurso. Assim, admitimos que, para além das diferenças de gênero textual, textos são compostos por sequências discursivas de diferentes tipos. Dessa forma, a relação conclusiva ocorre no interior de sequências específicas, quais sejam, narrativas, descritivas, argumentativas, expositivas e dialógicas (cf. ADAM, 2008). Tendo em vista a forte presença de construções causais em textos narrativos (cf. DECAT, 1995), podemos esperar que o uso das construções em foco para a expressão de causa - consequência (domínio referencial) seja mais recorrente em sequências discursivas do tipo narrativo. As relações de premissa – conclusão (domínio epistêmico), por outro lado, tenderiam a predominar em sequências argumentativas.

Além disso, o próprio texto foi considerado uma variável, pois características específicas do gênero textual ou mesmo de um texto específico podem enviesar os resultados. Dessa forma, é possível identificar se diferenças no uso das construções em diferentes períodos constitui um resultado da variável tempo, ou o reflexo das diferenças entre os textos que compõem a amostra para cada século. Assim, será possível identificar com mais clareza o efeito do tempo nas mudanças possíveis na rede de construções causais.

Além dos grupos de fatores brevemente apresentados acima, consideramos a variável século a fim de identificar com mais precisão a distribuição das construções conclusivas ao longo do tempo.

Na próxima seção, detalhamos a amostra utilizada para os diferentes períodos do português e os procedimentos metodológicos adotados na análise dos dados.

4.2. Amostra e procedimentos metodológicos

Esta tese é um estudo diacrônico através do qual analisamos as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* desde o século XIII até o século XXI. Faz-se necessário, antes de mais nada, considerar as limitações inerentes a esse tipo de estudo (cf. LABOV, 1994; PAIVA E DUARTE, 2003). O primeiro problema é que, ao realizar um trabalho diacrônico, o linguista precisa tomar diversas decisões sobre como constituir uma amostra relevante representativa de estágios anteriores da língua. Como não é possível contar com o testemunho de falantes nativos de períodos anteriores, o pesquisador necessariamente tem que se limitar a registros escritos, o que coloca problemas sobre quais textos selecionar e como avaliar se eles podem ser efetivamente considerados representativos de períodos mais remotos.

Um outro problema é que os textos a que temos acesso sobreviveram por acaso, o que limita as opções do linguista. Outra dificuldade é que muitas das formas que aparecem nos textos escritos podem já ter desaparecido da fala, o que faz com que esses textos reflitam apenas de forma muito indireta o uso oral da língua em determinado período. Coloca-se, ainda, o fato de que formas que não são encontradas nos textos não necessariamente são consideradas agramaticais em determinado período. Podem ser apenas uma consequência de opções estilísticas do autor. Por fim, é necessário considerar a possibilidade de alteração desses textos por copistas ou editores nas diferentes edições que chegaram até o pesquisador. Essas são apenas algumas das dificuldades encontradas na organização de um corpus diacrônico.

Uma outra questão diz respeito à demarcação dos estágios da língua, uma questão nem sempre consensual. Para a seleção da amostra e análise da trajetória das construções conclusivas, adotamos a periodização proposta por Mattos e Silva (1994, 2007) e Castro (2013). Segundo os autores, ainda que haja dificuldade em se estabelecer delimitações temporais precisas, a história do português se divide em três períodos:

- 1) Período arcaico – século XIII até primeira metade do século XVI²⁴.
- 2) Período clássico – segunda metade do século XVI até século XVIII.
- 3) Período moderno/contemporâneo – século XIX até século XXI.

A fim de verificar a trajetória das construções conclusivas focalizadas, constituímos uma amostra com dezoito textos, sendo dois para cada século²⁵. Os séculos XX e XXI foram considerados conjuntamente e, por isso, selecionamos um texto para cada um desses dois séculos. Para manter o equilíbrio da amostra para cada período (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo), selecionamos os textos de forma que cada período contasse com aproximadamente duzentas mil palavras²⁶. No caso de textos mais extensos, optamos por um recorte, considerando apenas uma parte do texto. O quadro abaixo relaciona os textos, especificando o número de palavras de cada um deles.

24 Segundo Mattos e Silva (1994, 2007), as características linguísticas que marcam o período arcaico se prolongam até no máximo a primeira metade do século XVI.

25 Os textos que compõem a maior parte da amostra estão disponibilizados no *Corpus informatizado do português medieval (CIPM)* <<https://cipm.fcsh.unl.pt/>>, no *Corpus Histórico do português Tycho Brahe* <www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>, na *Biblioteca Nacional de Portugal* <www.bnportugal.gov.pt/> e na *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* <<https://www.bbm.usp.br/pt-br/>>.

26 O equilíbrio do número de palavras por período se faz necessário para que um número elevado de dados encontrados não seja associado a um número maior de palavras, assim como para que um baixo número de dados não seja associado a um número menor de dados.

Quadro 4 – Amostra por período (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo)

Texto	Século	Número de palavras
Afonso X, Foro Real	XIII	31.433 ²⁷
Chancelaria D.Afonso III	XIII	17.629
Orto do esposo	XIV	31.090 ²⁸
Livro de linhagens do Conde D.Pedro	XIV	16.936 ²⁹
Carta de Caminha	XV	8.276
Crônica de D.Pedro de Meneses	XV	44.39630
Crônicas dos Reis de Bisnaga	XVI-1	21.696 ³¹
Crônica do Rei D.Afonso Henriques	XVI-1	26.750 ³²
TOTAL	PERÍODO ARCAICO	198.206
Texto	Século	Número de palavras
Vida da sereníssima Princesa Dona Joana	XVI-2	36.114
Tratados da terra e gente do Brasil	XVI-2	27.074
Jornada dos vassalos da Coroa de Portugal	XVII	34.945
Gazeta da restauração	XVII	25.235
Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora	XVIII	52.078
Vida e morte de Madre Helena da Cruz	XVIII	26.320
TOTAL	PERÍODO CLÁSSICO	201.766
Texto	Século	Número de palavras
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna	XIX	54.588
Cartas de leitores de jornais da Bahia	XIX	30.113
Norte do Brasil	XX	44.279

27 Consideramos os dados encontrados até o capítulo 17 do texto.

28 Consideramos apenas os dados encontrados nos livros I, II e III.

29 Consideramos apenas a primeira metade do texto.

30 Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 41.

31 Consideramos apenas os dados encontrados até o Título 20.

32 Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 29.

Matérias de capa da revista Azul magazine	XXI	55.406
TOTAL	PERÍODO MODERNO	184.386

Nos próximos parágrafos, apresentamos de forma resumida as características dos textos que compõem a amostra utilizada na nossa análise.

O texto Afonso X, *Foro Real*, datado do ano de 1280 (?), é um texto de caráter jurídico, com determinações sobre como agir e lidar com situações diversas, especialmente no que diz respeito aos mandamentos da Igreja e do rei. O texto *Chancelaria de D. Afonso III*, datado dos anos de 1255 a 1279, reúne cartas com disposições sobre demandas diversas que chegavam ao rei. Essas cartas tratam de assuntos como doações, tratados e leis.

Já no século XIV, o texto *Orto do esposo*, escrito provavelmente no final do século, é uma obra que reúne reflexões de cunho religioso em que o autor reconhece sua inferioridade diante da grandeza atribuída a Jesus Cristo e à religião de forma geral. Por sua vez, o *Livro de linhagens do Conde D. Pedro*, escrito entre os anos de 1340 e 1344, como o título sugere, é um livro que registra a linhagem de famílias nobres, descrevendo as relações entre essas pessoas e narrando alguns acontecimentos relativos a elas.

A *Carta de Caminha*, escrita no ano de 1500, é um documento em que o autor descreve suas primeiras impressões na chegada ao Brasil, local recém descoberto. O outro texto que compõe a amostra do século XV, *Crônica de D. Pedro de Meneses*, é uma crônica que narra feitos históricos relacionados ao conde D. Pedro de Meneses e sua participação nas conquistas portuguesas.

A amostra da primeira metade do século XVI é composta pelo texto *Crônicas dos Reis de Bisnaga*, que narra e descreve a história do Reino de Bisnaga, seus costumes, suas lutas, seus aspectos religiosos, entre outros. Já a *Crônica do Rei D. Afonso Henriques*, escrita por Duarte Galvão em 1505, conta a história do primeiro rei português.

Já para o período clássico, selecionamos o texto *Vida da sereníssima Princesa Dona Joana*, de 1585, que, como o título sugere, narra a vida da princesa, em especial no que diz respeito à sua vida religiosa. Outro texto selecionado para a segunda metade do século XVI são os *Tratados de gente e terra do Brasil*, escritos entre os anos de 1583 e 1601, pelo padre jesuíta Fernão Cardim. Esses tratados falam sobre a fauna, flora, terra, clima e habitantes do Brasil.

Para compor a amostra do século XVII, selecionamos o texto *Jornada dos vassallos da Coroa de Portugal*, publicado em 1625, que trata da recuperação de Salvador após a chegada dos holandeses. Também selecionamos a *Gazeta da restauração*, considerada o primeiro

periódico português de notícias que teve seu primeiro número publicado provavelmente em 1641.

No século XVIII, a amostra conta com as *Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora*, produzidas entre 1729 e 1731. Este texto reúne várias pequenas notícias de cunho social, político e pessoal. Já o texto *Vida e morte de Madre Helena da Cruz*, escrito em 1721, é uma obra biográfica que fala sobre a vida da Madre Helena da Cruz, com ênfase em sua vida religiosa.

A amostra do século XIX conta com o texto *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*, de 1861. Como o título sugere, é um livro que reúne memórias do marquês sobre fatos históricos, políticos e sociais da época. A amostra conta também com *Cartas de leitores de jornais da Bahia*, que são diversas cartas escritas por leitores e publicadas em jornais da Bahia.

Por fim, o texto selecionado para o século XX é *Norte do Brazil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*, publicado em 1906. Esse livro é uma narrativa documental sobre esses três estados brasileiros em que os autores destacam aspectos diversos como educação, saúde, vida social e urbana, etc. O texto mais atual da amostra, do século XXI, são *matérias de capa da revista Azul magazine*³³. Essas matérias foram publicadas entre 2016 e 2018 e relatam e descrevem as experiências dos autores em diversos destinos turísticos. Como fica claro, nossa amostra é constituída por textos diversificados a fim de minimizar um possível efeito da variável gênero.

Constituída a amostra, coletamos cada ocorrência das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*. Especificamente no que diz respeito a esses dois últimos conectores, excluimos os dados em que *logo* e *então* possuem caráter temporal, como exemplificado nos dados abaixo.

(31) E este Busballrao herdou o reyno per morte de seu pay Narsanayque, e reynou seis anos nos quoaees sempre teve a guerra, porque tanto que o pay foy morto, **llogo** toda a terra foy alevamtada pellos capita~ees, hos quoaees em pouco tempo fora~o por este rey destroydos, e as terras tomadas, e tornadas debaixo de seu senhorio; (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

(32) El-Rei tomou sua filha, e trouxe a ante o Arcebispo de Bragua, o qual tomou o Conde pela mão , e assi a Infante , e **então** os recebeu , ele como Procurador de seu filho, e ela por si , como manda a Santa Madre Igreja de Roma, (Século XVI-1 – Crônica do Rei D.Afonso Henriques).

33 Para a coleta de dados, utilizamos as matérias selecionadas por Oliveira (2020).

No exemplo (31), *logo* indica o curto intervalo de tempo entre a morte do pai e o fato de a terra ter sido dominada pelos capitães. Da mesma forma, a ocorrência de *então* no dado (32) indica uma sequência temporal entre o arcebispo tomar o conde e a infante pela mão e, logo em seguida, recebê-los.

Como fica claro, consideramos apenas os dados em que os conectores compõem construções com sentido conclusivo. Cada um dos dados foi analisado e codificado tendo em vista os grupos de fatores apresentados anteriormente. Em seguida, o tratamento estatístico foi realizado através do programa GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Em um primeiro momento, procedemos a uma análise através da qual obtivemos as frequências que indicam a distribuição das construções de acordo com as propriedades analisadas. Essa etapa permite verificar a trajetória das construções em correlação com cada uma das variáveis consideradas. Na segunda etapa do tratamento estatístico, uma análise de regressão múltipla permitiu identificar os fatores que favorecem o uso de uma ou outra construção. Para isso, consideramos a oposição entre as duas construções de base adverbial, *logo* e *então*, entre as construções de base preposicional, *portanto* e *por isso* e, por fim, entre as construções de base adverbial e as construções de base preposicional. No capítulo 5, apresentamos e discutimos os resultados obtidos através dessas análises estatísticas.

5. PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM *PORTANTO*, *POR ISSO*, *LOGO* E *ENTÃO*

Como já especificado na introdução, o objetivo central desta tese é verificar a trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* ao longo dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo, ou seja, do século XIII até o século XXI, a fim de identificar possíveis alterações na rede em que elas se inserem. Dessa forma, buscamos identificar quais dessas construções se fortalecem e quais delas se enfraquecem ao longo do tempo. Para tanto, analisamos o comportamento das construções conclusivas em que o *slot* CONECTOR é preenchido pelas formas em análise de acordo com as propriedades já especificadas no capítulo 4.

Na primeira seção deste capítulo, focalizamos a distribuição de cada construção em cada período (arcaico, clássico e moderno/contemporâneo). Em seguida, discutimos os resultados obtidos para os grupos de fatores analisados, agrupados de acordo com o polo do significado e da forma. Por fim, discutimos os resultados para a correlação das construções conclusivas em foco de acordo com as diferentes sequências discursivas que compõem os textos da amostra.

5.1. Distribuição de *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*

Desde o período arcaico, já são atestados dados das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, como exemplificam os dados de (33) a (36).

(33) Este gentio não tem conhecimento algum de seu Creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino (Século XVI-2 – Tratados de gente e terra do Brasil).

(34) Em Belém havia uma grande guarnição de o exército francês, compreendendo quase toda a cavalaria , e estava também uma força de o exército português que devia marchar para França, e, por isso, víamos passar muitas vezes os diferentes quartéis gerais que iam passar revista a aquelas forças (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

(35) Concluindo tenho a dizer-lhe si se julga com direito a exercer prepotencia veja com quem exerce, pois eu felizmente não preciso do *senhor* Pedreira; logo não me sujeito a imposições (Século XIX – Cartas de leitores da Bahia).

(36) E outrossy aco~teceu hu~a [uez] que o filho deste enperador Trayano hya correndo pella uilla e~ hu~u~ cauallo e per aqueecime~to, sem seu grado, matou hu~u~ filho de hu~a viuua, e ella queyxou-se ao enperador, chorando. E o emperador deu entom aquelle seu filho [aa vyuuu por filho] em logo daquelle que lhe matara e deu lhe muyto auer co~ ele (Século XIV – Orto do esposo).

Desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo, o número total de dados encontrados foi de 291. Desses, a maior parte (173 dados) corresponde ao período moderno, seguido do período arcaico (72 dados) e, por fim, do período clássico, que é o período com menor número de ocorrências (46 dados). Considerando cada construção separadamente, obtivemos um total de 135 dados com *por isso*, que é a construção mais frequente, seguida de *então*, com 72 ocorrências, de *portanto*, com 67 ocorrências e, por fim, da construção com *logo*, a menos frequente entre as analisadas (apenas 17 dados).

Na amostra selecionada para o período arcaico, as 72 ocorrências da construção conclusiva se distribuem de forma bastante diferenciada, como mostra a tabela 1³⁴.

Tabela 1 - Distribuição de construções conclusivas no período arcaico

	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI-1	TOTAL
Logo	1 = 25%	0	0	3 = 75%	4
Portanto	1 = 7,1%	0	6 = 42,9%	7 = 50%	14
Por isso	4 = 21%	2 = 10,6%	4 = 21%	9 = 47,4%	19
Então	3 = 8,6%	10 = 28,6%	1 = 2,8%	21 = 60%	35
	9	12	11	40	72

Segundo a tabela 1, embora a distribuição das construções seja diferente para cada século, a construção conclusiva mais frequente no período arcaico é a conectada por *então*. Entre os 72 dados encontrados, 35 (48,6%) correspondem à construção com este conector. A segunda construção mais frequente entre os séculos XIII e XVI (primeira metade) é a conectada por *por isso*, com 19 dos 72 dados. A destacar, inclusive, o aumento significativo dessa construção no final do período arcaico. Segue-se a construção com *portanto* que corresponde a 14 dados no período arcaico. Por sua vez, a construção conclusiva menos utilizada neste período é a construção com *logo*, que totaliza apenas 4 dados.

No período clássico, foram encontradas um total de quarenta e seis (46) ocorrências das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, distribuídas conforme a tabela 2.

³⁴ Assim como colocamos no capítulo 3, as formas analisadas nesta tese concorrem com o conector *poren(de)*, conector conclusivo muito frequente no período arcaico.

Tabela 2 - Distribuição de construções conclusivas no período clássico

	Século XVI-2	Século XVII	Século XVIII	TOTAL
Logo	0	5 = 45,5%	6 = 54,5%	11
Portanto	1 = 100%	0	0	1
Por isso	21 = 87,5%	1 = 4,2%	2 = 8,3%	24
Então	9 = 90%	0	1 = 10%	10
	31	6	9	46

Na amostra do período clássico, encontramos um número de dados sensivelmente menor do que nos demais períodos porque não foram atestadas ocorrências de construções conclusivas em todos os textos selecionados. Entretanto, os dados encontrados evidenciam que, na amostra deste período, a construção conclusiva conectada *por isso* passa a ser a mais frequente, correspondendo a 24 (52,2%) dos 46 dados atestados. Em seguida, as construções com *logo* e *então* correspondem a 11 e 10 dos 46 dados, respectivamente. Já a construção com *portanto* é rara, com apenas 1 dado encontrado na segunda metade do século XVI. Vale ressaltar que boa parte dos dados encontrados para o período se concentra no século XVI, incluindo o grande número de construções com *por isso*, o que indica, possivelmente, uma influência dos textos selecionados para o século, uma questão que será discutida mais adiante.

A grande maioria dos dados se concentra no período moderno/contemporâneo, em que foram encontrados cento e setenta e três dados (173), distribuídos da seguinte forma.

Tabela 3 - Distribuição de construções conclusivas no período moderno/contemporâneo

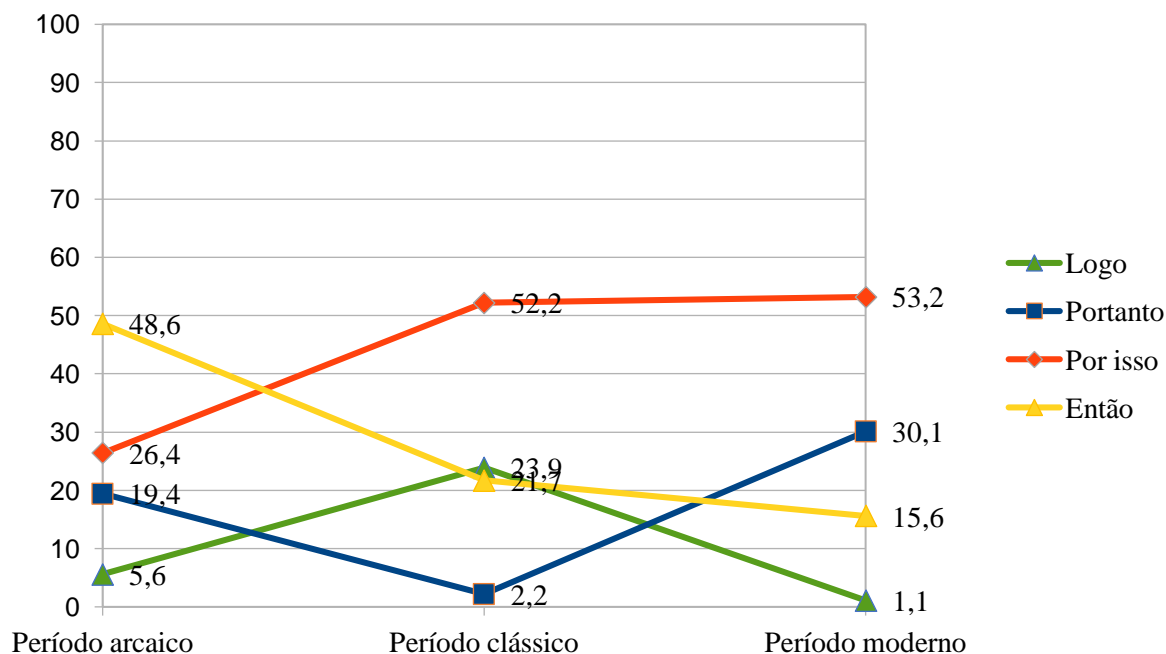
	Século XIX	Século XX/XXI	TOTAL
Logo	2 = 100%	0	2
Portanto	30 = 57,7%	22 = 42,3%	52
Por isso	57 = 61,9%	35 = 38,1%	92
Então	13 = 48,1%	14 = 51,9%	27
	102	71	173

No período moderno/contemporâneo, assim como no clássico, a construção conclusiva mais frequente é a conectada por *por isso*, que corresponde a 92 (53,2%) dos 173 dados do período. Por sua vez, no período moderno, diferentemente do período clássico, encontramos um alto número de dados com *portanto* (52), que se destaca como a segunda construção mais frequente. Sendo assim, nos textos mais atuais, predominam as construções com os conectores

de base preposicional. A construção com *então* é a terceira mais frequente (27 dados) e, conseqüentemente, a construção com *logo* é a menos frequente, com apenas 2 dos 173 dados.

A fim de comparar a trajetória das quatro construções conclusivas ao longo do tempo, sintetizamos os dados das tabelas 1, 2 e 3 no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Distribuição de construções conclusivas ao longo do tempo



No gráfico 1, as linhas relativas às construções conclusivas ligadas por *logo* e *então* mostram uma tendência de queda ao longo do tempo, o que indica que essas construções se tornaram menos frequentes com o passar do tempo. Entretanto, vale ressaltar que suas trajetórias são diferentes. A construção com *então* é muito frequente no período arcaico (48,6%), perde frequência no período clássico (21,7%) e se reduz mais um pouco no período moderno/contemporâneo (15,6%). Por outro lado, a construção com *logo*, pouco frequente no período arcaico (5,6%), aumenta destacadamente no período clássico (23,9%), o que possivelmente ocorre por conta de características particulares dos textos da amostra do período, mas se reduz novamente no período moderno/contemporâneo.

Por sua vez, as construções com os conectores de base preposicional, *portanto* e *por isso*, aumentam sua frequência ao longo do tempo. Numa trajetória ascendente, a construção com *por isso* corresponde a 26,4% dos dados do período arcaico, 52,2% dos dados do período clássico e 53,2% dos dados do período moderno/contemporâneo. Por fim, a construção com *portanto* também se torna mais frequente no período moderno (30,1%) em comparação com o

período arcaico (19,4%), mas há uma queda considerável na frequência dessa construção no período clássico (2,2%), o que também pode ser uma consequência das características dos textos selecionados para a amostra.

Uma das grandes dificuldades no estudo da trajetória de construções ao longo do tempo é determinar o que pode ser considerado uma tendência de mudança gradual e não um reflexo de características de textos específicos selecionados como amostra. Por exemplo, até que ponto podemos afirmar que a construção com *então* tende efetivamente a reduzir sua frequência ao longo do tempo, ao passo que a construção com *por isso* se torna mais frequente? Esse fenômeno é uma tendência na trajetória das construções conclusivas ou ocorreu apenas por influência dos textos selecionados na amostra?

Para tentar responder a essas perguntas, verificamos a distribuição de cada construção em todos os textos analisados. Com isso, será possível verificar se há um grande número de dados da mesma construção concentrado em textos específicos, o que acabaria enviesando os resultados encontrados e gerando, conseqüentemente, falsas tendências.

Tabela 4 – Distribuição das construções por texto

PERÍODO ARCAICO					
	Logo	Portanto	Por isso	Então	TOTAL
Afonso X, Foro Real - XIII	1 = 12,5%	0	4 = 50%	3 = 37,5%	8
Chancelaria D.Afonso III - XIII	0	1 = 100%	0	0	1
Orto do esposo - XIV	0	0	0	8 = 100%	8
Livro de linhagens de D.Pedro - XIV	0	0	2 = 50%	2 = 50%	4
Carta de Caminha - XV	0	4 = 80%	1 = 20%	0	5
Crônica do Conde D.Pedro de Meneses - XV	0	2 = 22,2%	3 = 33,3%	4 = 44,5%	9
Crônicas dos Reis de Bisnaga - XVI/1	3 = 13%	3 = 13%	8 = 34,8%	9 = 39,2%	23
Crônica do Rei D.Afonso Henriques - XVI/1	0	4 = 28,6%	1 = 7,1%	9 = 64,3%	14
PERÍODO CLÁSSICO					
	Logo	Portanto	Por isso	Então	TOTAL
Vida da sereníssima Princesa Dona Joana - XVI/2	0	0	8 = 50%	8 = 50%	16
Tratados da terra e gente do Brasil - XVI/2	0	1 = 6,7%	13 = 86,6%	1 = 6,7%	15
Jornada dos vassalos da Coroa de Portugal - XVII	0	0	0	0	0
Gazeta da restauração - XVII	5 = 83,3%	0	1 = 16,7%	0	6
Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora - XVIII	0	0	0	0	0
Vida e morte de Madre Helena da Cruz - XVIII	6 = 66,7%	0	2 = 22,2%	1 = 11,1%	9
PERÍODO MODERNO/CONTEMPORÂNEO					
	Logo	Portanto	Por isso	Então	TOTAL
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna - XIX	0	7 = 14%	41 = 82%	2 = 4%	50
Cartas de leitores de jornais da Bahia - XIX	2 = 3,9%	23 = 45,1%	15 = 29,4%	11 = 21,6%	51
Norte do Brasil - XX	0	15 = 41,7%	15 = 41,7%	6 = 16,6%	36

Matérias de capa da Azul magazine - XXI	0	7 = 19,5%	21 = 58,3%	8 = 22,2%	36
---	---	-----------	------------	-----------	----

Tendo em vista a distribuição das construções por texto, observa-se, no que diz respeito ao período arcaico, que *Orto do esposo* é o texto que parece contribuir de forma relevante para o elevado número de construções com *então*, já que todas as ocorrências encontradas neste texto são com este conector. Apesar disso, o número total de construções encontradas não é tão alto – apenas 8 dados. Entretanto, nos demais textos há distribuição das construções conclusivas entre os outros conectores, como é o caso das *Crônicas dos Reis de Bisnaga* e da *Crônica do Rei D.Afonso Henriques*, em que o número de ocorrências é maior – 9 dados – mas a frequência é menor, visto que há outras construções no mesmo texto. Portanto, ainda que o texto *Orto do esposo* contribua para maior incidência de construções com *então* no período, não chega a enviesar os resultados de modo geral.

É necessário destacar, ainda, a predominância (22 dados) de construções com *então* em textos de crônicas, caracterizados por sequenciações de fatos. Isso pode favorecer a utilização da construção com *então*, já que, como já mostramos anteriormente, o uso de *então* adverbial marca sequencialidade de eventos. Além disso, é possível que haja predominância dessa construção em sequências narrativas, visto que esse tipo de texto normalmente relata fatos sequencialmente dispostos. Os resultados relativos à variável sequência discursiva serão discutidos mais detalhadamente na seção 5.4.

No período clássico, há duas situações que merecem atenção. A primeira é o caso da construção com *logo*, que parecia ter se tornado mais frequente no período. No entanto, é preciso salientar que todos os dados são atestados em apenas dois textos: *Gazeta da restauração e Vida e morte de Madre Helena da Cruz*. Nesse caso, a influência do texto fica evidente nos resultados gerais. Essa distribuição impõe cautela numa afirmação de que há tendência de aumento da construção com *logo* no período clássico. Outro caso de um possível enviesamento nos resultados é a incidência de *por isso* no texto *Tratados da terra e gente do Brasil*. Nesse texto, foram atestadas 13 ocorrências de construção com *por isso*, o que corresponde a 86,6% dos dados encontrados no texto, e a 54,2% dos dados com *por isso* de todo o período clássico. No período moderno/contemporâneo, o texto *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna* contribui com a maior parte dos dados de construções conclusivas com *por isso*. Essa construção corresponde a 82% dos dados encontrados no texto, e 44,6% dos dados com *por isso* considerando todas as ocorrências atestadas no período entre o século XIX a XXI. Assim,

quase metade das ocorrências de *por isso* no período moderno/contemporâneo se concentram nesse texto. No entanto o alto índice dessa construção não chega a enviesar os resultados desse período, visto que a construção com *por isso* é a mais recorrente em quase todos os outros textos do período moderno/contemporâneo.

Um certo enviesamento pode ser constatado na distribuição de *portanto* no período moderno/contemporâneo: 44,2% das ocorrências se situam nas *Cartas de leitores de jornais da Bahia*, embora em todos os outros textos do período sejam encontradas ocorrências de *portanto*, ainda que em menor número do que de *por isso*.

Nesta seção, verificamos a distribuição de cada uma das construções nos três períodos considerados, focalizando sua trajetória ao longo do tempo. Além disso, analisamos a possível influência de particularidades de organização de textos específicos nos resultados encontrados para cada período. Nas próximas seções, apresentamos e discutimos os resultados para os grupos de fatores que consideram as propriedades semânticas e formais das construções conclusivas. Na seção 5.2, focalizamos os grupos relacionados ao significado/função das construções conclusivas.

5.2. Propriedades relativas ao significado

Tendo em vista o referencial teórico adotado no desenvolvimento desta tese (cf. capítulo 2), adotamos o conceito de construção, que implica uma relação simbólica entre dois polos: um que envolve os aspectos relativos ao significado, e outro os aspectos relativos à estrutura formal. Nesta seção, focalizamos as propriedades analisadas no nível do sentido/função das construções causais.

5.2.1. Domínio da causalidade

Um dos grupos de fatores centrais para a compreensão da trajetória das construções conclusivas é o domínio da causalidade. A análise do tipo de relação codificada pela construção conclusiva nos permite verificar se a construção é um caso de conclusão propriamente dita, se expressa uma relação de causa e consequência ou se exprime um ato de fala diretivo.

Retomando o que já foi colocado no capítulo 3, consideramos essas três possibilidades tendo em vista as propostas de Sweetser (1990), Marques (2014) e Marques e Pezatti (2015). Tomamos como ponto de partida Sweetser (op. cit), que propõe uma tripartição nas relações causais baseada em domínios cognitivos. O primeiro domínio é o referencial (ou do conteúdo).

Nesse caso, a relação de causa se estabelece entre eventos verificáveis no mundo real. Esse caso envolve as relações de causa e consequência, em que uma causa gera uma consequência/um efeito, ou seja, um estado de coisas A constitui uma condição necessária para a ocorrência de um estado de coisas B. Os dados abaixo ilustram esse tipo de relação.

(37) Os bispos de Scocia enviaro~ hu~u~ bispo leterado e sotil pera co~uerter os engreses. Este bispo, como era muy leterado e muy sotil, husaua de sotilezas em suas preegaço~o~es e no~ aproueytou nehu~a cousa, e ento~ enviario~ outro bispo, que no~ era ta~ leterado, mas era mais percebydo e husaua de exenplos e de parauoas, preegando cha~a~me~te em suas preegaço~o~es, e este co~uerteo pouco meos toda Ingraterra. (Século XIV – Orto do esposo).

(38) A preguiça que chamão do Brasil; he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal loucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e crueis, andão com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhe dêem, andão tão de vagar que hão mister muito tempo para subira huma arvore, e por isso são tomadas facilmente (Século XVI/2 - Tratados da terra e gente do Brasil).

No dado (37), estabelece-se uma relação de causa e consequência entre o bispo anterior fazer pregações que não tinham efeitos concretos, ou seja, que não convertiam pessoas, e o envio de um novo bispo, que falava com mais clareza para o povo e, portanto, poderia converter mais fiéis. Da mesma forma, no exemplo (38), o fato de as preguiças andarem devagar é a causa de elas serem tomadas com facilidade (consequência).

De acordo com Sweetser (op. cit.), as relações de causa também podem se dar no domínio epistêmico. Nesses casos, um estado de coisas é tomado como uma evidência, ou uma premissa, que autoriza uma conclusão, ou seja, a expressão de uma crença. Fica evidente, portanto, que as construções epistêmicas são mais subjetivas do que as referenciais, pois são as crenças do falante ou as suas atitudes em relação aos fatos que sustentam a relação conclusiva. Os dados (39) e (40) ilustram esses casos.

(39) E nom qujs mais tornar do Rio pera aquem ./ os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que Ja dito he . numca aquy mais pareceram . de que tiro seer Jente bestial E de pouco saber E por yssó sam asy esquiuos (Século XV – Carta de Caminha).

(40) Tudo isto que deixo dito parece inverossímil , mas é exato . em a nossa época não aparecem de estas excentricidades e, por isso, custa a acreditar em as que se contam de os velhos tempos (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

No exemplo (39), a premissa de que os índios eram “gente bestial e de pouco saber” leva o escritor a concluir que, por essa razão, eram pessoas esquivas, arredias. No exemplo (40), o fato de a realidade do presente ser diferente serve como uma evidência que autoriza o locutor a concluir que seja difícil acreditar que essa fosse a realidade do passado.

Por fim, Sweetser (1990) distingue a relação de causa que se instancia no domínio interacional, ou dos atos de fala, segundo a autora. Nesse caso, um ato de fala diretivo (um pedido, uma ordem, um desejo, uma instrução, etc) realizado pelo locutor é justificado por um estado de coisas que atenua um possível efeito negativo da ação solicitada/imposta ao interlocutor. No caso das construções conclusivas, o ato de fala diretivo ocorre na própria oração conclusiva a partir da constatação de um fato exposto no segmento anterior, diferentemente do que ocorre nos períodos causais com *porque*, por exemplo. Os exemplos (41) e (42) mostram a equivalência semântico-discursiva entre os dois tipos de enunciado, apesar da sua diferença formal.

(41) Desliga o ar condicionado, por favor, porque está frio.

(42) Está frio, então desliga o ar condicionado, por favor.

Em (41), a oração causal “porque está frio” justifica a ordem expressa na oração “desliga o ar condicionado”. Já em (42), a ordem está expressa na própria oração conclusiva “então desliga o ar condicionado” a partir da constatação por parte do locutor de que está frio. Dados desse tipo são mais raros em nossa amostra, já que é composta por textos escritos. Os dados abaixo ilustram alguns casos encontrados.

(43) A Fazenda São Jerônimo oferece um circuito de duas horas em que o turista, além de montar o animal em terra, pode fazê-lo na água. De quebra, ainda anda pela mata, desce um igarapé de canoa, caminha por uma praia deserta e percorre uma passarela sobre um belo manguezal. É um panorama bem completo da ilha – **por isso, se tiver pouco tempo, escolha este passeio.** (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

(44) Filho esta hora derradeira que me Deus ordena para te haver de deixar com a vida de este mundo me faz que te veja, e fale com dobrado amor, e sentido do nosso apartamento, e **por isso assenta em teu coração minhas palavras como de pai a quem após estas já não hás de ouvir outras.** (Século XVI – Crônica do Rei D.Afonso Henriques).

No dado (43), a oração conclusiva em destaque realiza um ato de fala de conselho por parte do escritor endereçado ao leitor da revista. O escritor aconselha o leitor a fazer esse passeio, a partir da descrição apresentada no trecho anterior à oração conclusiva. Da mesma forma, em (44), a oração conclusiva sublinhada é um conselho/pedido de um pai para que seu filho guarde as palavras ditas por ele antes de sua morte. Nesses dois casos, a oração conclusiva expressa um ato de fala diretivo a partir da constatação de um fato colocado pelo locutor.

De acordo com Traugott (2010), ainda que os processos de gramaticalização e de subjetivização não sejam dependentes um do outro, é inevitável que haja interação entre eles. Ainda de acordo com a autora (1995), muitos marcadores de combinação de cláusulas surgiram a partir de usos mais objetivos em direção a usos mais subjetivos. Conforme Paiva e Braga (2013), conectores surgem para dar conta de novos contextos de uso e suas trajetórias podem ser acompanhadas por um processo de subjetivização.

No que diz respeito à trajetória das construções conclusivas de acordo com o domínio da causalidade, nossa hipótese é a de que, no período arcaico, as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* sejam mais frequentes no domínio referencial, que é o domínio mais objetivo, e em períodos mais atuais, especialmente no período moderno/contemporâneo, usos nos domínios mais subjetivos como o epistêmico ganhem maior frequência. Logo, esperamos encontrar mais conclusivas epistêmicas nos textos mais atuais (período moderno/contemporâneo) do que nos textos do período arcaico e, conseqüentemente, mais conclusivas referenciais no período arcaico do que no período moderno/contemporâneo. O período clássico, por estar entre o estágio mais remoto e o estágio mais atual, tenderia a refletir essa transição entre usos menos subjetivos > mais subjetivos.

Os resultados encontrados para o grupo de fatores domínio da causalidade no período arcaico não chegam a fornecer evidências decisivas para a nossa hipótese, como mostra a tabela 5.

Tabela 5 – Domínio da causalidade no período arcaico

Conector	Referencial	Epistêmico	Interacional	TOTAL
Logo	2 = 50%	2 = 50%	0	4
Portanto	7 = 50%	6 = 43%	1 = 7%	14
Por isso	9 = 47,4%	8 = 42,1%	2 = 10,5%	19
Então	29 = 82,9%	4 = 11,4%	2 = 5,7%	35

Os resultados organizados na tabela 5 mostram que, no período arcaico, a construção com *então*³⁵ apresenta 82,9% dos dados no domínio referencial ou do conteúdo. Já as construções com *logo* (50%), *portanto* (50%) e *por isso* (47,4%) apresentam distribuição semelhante para os domínios referencial e epistêmico. As construções com *logo* no domínio epistêmico apresentam a mesma frequência para o domínio referencial (50%), enquanto as com *portanto* e *por isso* apresentam frequências semelhantes – 43% e 42,1%, respectivamente. O que fica mais evidente é que a construção com *então*, por sua vez, é menos propícia a instaurar relações de premissa/argumento – conclusão. Destaca-se também na tabela 5 que a relação causal no domínio interacional, embora ocorra com os conectores *por isso* (10,5%), *portanto* (7%), e *então* (5,7%), apresenta valores muito baixos.

Os resultados relativos à maioria das construções no período arcaico não fornecem indicações da validade da hipótese de que construções tendem a percorrer um caminho de mudança no sentido – subjetivo > + subjetivo. Nesse período inicial, as construções com *logo*, *portanto* e *por isso* apresentam frequências equilibradas para relações no domínio referencial e epistêmico. A exceção é a construção com *então*, que tende a estabelecer relação no domínio referencial.

Os resultados organizados nas tabelas 6 e 7 apontam algumas alterações importantes na distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade.

Tabela 6 – Domínio da causalidade no período clássico

Conector	Referencial	Epistêmico	Interacional	TOTAL
Logo	6 = 54,5%	5 = 45,5%	0	11
Portanto	0	1 = 100%	0	1
Por isso	21 = 87,5%	3 = 12,5%	0	24
Então	8 = 80%	2 = 20%	0	10

De acordo com a tabela 6, no período clássico a tendência à instauração de relação no domínio referencial permanece para a construção com o conector *então* (80%). Ao contrário do que ocorre no período arcaico, a construção com maior frequência de uso para essa relação é a construção com *por isso*, que corresponde a 87,5% das ocorrências com esse conector. A construção com *logo*, apesar de mais frequente no domínio referencial (54,5%), se estende de forma significativa para a relação epistêmica (45,5%). Por fim, o único dado com *portanto* no

35 Os dados com *então* temporal não foram considerados na análise.

período corresponde à relação no domínio referencial. Além disso, não foram encontradas ocorrências de construções conclusivas que instauram relação do tipo interacional. Assim, pelo menos até o período clássico, as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* tendem a estabelecer relação mais objetiva, do tipo causa – consequência.

A tabela 7 mostra a distribuição dos dados encontrados para o período moderno/contemporâneo e indica uma certa estabilidade na forma como as construções apresentam a relação causal. Os dados do período moderno/contemporâneo confirmam a predominância da relação conclusiva no domínio referencial.

Tabela 7 – Domínio da causalidade no período moderno/contemporâneo

Conector	Referencial	Epistêmico	Interacional	TOTAL
Logo	1 = 50%	1 = 50%	0	2
Portanto	34 = 65,4%	15 = 28,8%	3 = 5,8%	52
Por isso	61 = 66,3%	25 = 27,2%	6 = 6,5%	92
Então	19 = 70,4%	5 = 18,5%	3 = 11,1%	27

No período moderno/contemporâneo, os índices encontrados para o domínio referencial não são tão altos quanto alguns dos encontrados no período clássico, mas, ainda assim, predomina esse tipo de relação para a quase totalidade das construções. Neste período, a construção com maior chance de estabelecer relação referencial é a construção com *então*, correspondendo a 70,4% dos dados. Em seguida, a construção com *por isso* (66,3%) e com *portanto* (65,4%) também predominam no estabelecimento de relação neste domínio. Por fim, dos dois dados encontrados com *logo*, há um no domínio referencial e um no domínio epistêmico. Uma alteração mais importante diz respeito ao aumento no número de construções conclusivas no domínio interacional principalmente com a construção com *por isso*, com seis dados, seguida das construções com *portanto* e com *então*, cada uma com 3 dados. Proporcionalmente, é a construção com *então* que aumenta de forma mais expressiva (11,1%).

Considerando as tendências destacadas até este ponto, não se confirma a hipótese colocada anteriormente de que as construções conclusivas com os quatro conectores tenderiam a expressar relações mais subjetivas com o passar do tempo. Nos três períodos analisados, encontramos índices de frequência mais altos para as relações de causa - consequência. Apesar disso, a relação premissa/argumento – conclusão, ou relação no domínio epistêmico, apresenta frequência significativa nos três períodos analisados. Já a relação dos atos de fala, ou no domínio interacional, é pouco frequente entre as ocorrências encontradas.

Tendo em vista a questão da trajetória de mudança que prevê aumento no grau de subjetividade das construções conclusivas, consideramos na seção seguinte os resultados para a modalização da oração conclusiva.

5.2.2. Modalização na oração conclusiva

De acordo com Quirk et al (1985, p.219), modalidade é a maneira como o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante acerca da probabilidade de a proposição expressa ser ou não verdadeira. Da mesma forma, para Cunha e Cintra (2008, p.394), modo, nos termos dos autores, indica a atitude do falante em relação ao que fala. Essa atitude é um *continuum* que envolve certeza, suposição, dúvida, impossibilidade, etc, marcando o grau de comprometimento do falante/locutor com a asserção. Para Neves (1996), a modalidade é inerente ao uso linguístico e as línguas humanas dispõem de elementos diversos (verbos, advérbios, etc) cuja função é a de tornar explícita a posição/avaliação do falante em relação aos estados de coisas codificados. Tais elementos evidenciam a presença do falante em sentenças modalizadas, o que indica que uma sentença desse tipo é mais claramente subjetiva do que uma sentença sem a presença de elemento modalizador.

Consideramos em nossa análise três tipos de modalizadores na oração conclusiva (introduzida pelo conector): através de verbo, de advérbio ou de uma oração. Os exemplos abaixo ilustram cada uma dessas possibilidades.

(45) *venho por* | este meio declarar solemnemente que, desde que mi- | nha cunhada a *Excelentíssima Senhora Dona Maria Augusta Ferrão* | d'Argollo não quiz continuar em companhia de sua ||15 virtuosa irmã, hoje minha esposa, em nossa casa no | engenho São José, na villa de São Francisco, e convi- | dando ao *Senhor* commendador Manuel José de Almeida | Couto, seu padrinho, para leval- a a sua casa no enge- | nho Cajaiba, alli se installou, **julguei-me, por isto**, dis- | pensado de intervir, desde que a mesma senhora é | maior por lei, e ai qualquer passo que julgue dever | dar. (Século XIX - Cartas de leitores de jornais da Bahia).

(46) Aymda que este reyno jaa meu por dyreyto, eu ho na~o quero, porque eu matey meu pay, e fiz nisso ho que na~o devya, e fiquey em pecado mortall, **e por yssso na~o he bem** que hu~u ta~o maaõ filho herde o reyno, tome o meu irma~o, e governe o, pois na~o çujou as maos no ssamgue de seu pay (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

(47) Do fogo nasceu Fernando de Noronha. Fruto da intensa erupção de um vulcão há muito adormecido, o arquipélago pernambucano é como um respiro da enorme cratera de 47km de diâmetro quase totalmente submersa no Oceano Atlântico. Talvez por isso sua ilha principal — são 21, no total —, com poucos 16 quilômetros quadrados de área, concentre tamanha energia (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

O dado (45) ilustra a ocorrência de um verbo modalizador na oração conclusiva. O verbo “julgar” evidencia uma posição pessoal do falante que se julgou dispensado de intervir. Assim, a forma verbal torna mais evidente o maior grau de subjetividade, diferentemente do que ocorre em uma oração sem o verbo modalizador, como em “estou, por isto, dispensado de intervir”. Da mesma forma, em (46) a avaliação expressa por “não é bem” marca a atitude do falante de não achar certo tornar-se rei por ter matado seu pai. Por fim, em (47) a ocorrência de um advérbio modalizador epistêmico na oração conclusiva (talvez) indica a incerteza do locutor sobre a relação entre a concentração de energia na ilha principal e a erupção vulcânica.

A hipótese que norteia a análise deste grupo de fatores diz respeito ao papel da modalização no processo de subjetivização. Assim, esperamos encontrar, ao longo do tempo, aumento de frequência de modalização nas construções conclusivas, o que evidenciaria uma trajetória de mudança no sentido – subjetivo > + subjetivo. A tabela 8 mostra os resultados encontrados para o período arcaico para as quatro construções em análise.

Tabela 8 – Modalização na oração conclusiva no período arcaico

Conector	Sem modalização explícita	Verbo	Advérbio	Oração	TOTAL
Logo	4 = 100%	0	0	0	4
Portanto	9 = 64,3%	5 = 35,7%%	0	0	14
Por isso	17 = 89,4%	1 = 5,3%	0	1 = 5,3%	19
Então	34 = 97,1%	1 = 2,9%	0	0	35

De acordo com a tabela 8, no período arcaico as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* apresentam baixa presença de elementos modalizadores, com um total de apenas 8 ocorrências. Não foram encontradas ocorrências de modalização com advérbio e há apenas uma ocorrência de modalização com oração com o conector *por isso*. O tipo de modalização que mais ocorre nas construções conclusivas é com verbos, atingindo 35,7% dos dados com *portanto*, correspondendo, no entanto, a apenas 5 ocorrências; 5,3% dos dados com *por isso* e 2,9% dos dados com *então*. Consequentemente, os índices de ausência de elementos modalizadores são muito altos, atingindo 100% no caso de *logo*, 97,1% no caso de *então*, 89,4%

no caso de *por isso* e 64,3% no caso de *portanto*. Sendo assim, no período arcaico, é a construção conclusiva com *portanto* que é mais marcada por modalização explícita, reforçando, assim, a natureza epistêmica - inferencial desse conector.

Os dados encontrados para o período clássico reforçam a baixa frequência de modalização em orações conclusivas, como mostra a tabela 9.

Tabela 9 – Modalização na oração conclusiva no período clássico

Conector	Sem modalização explícita	Verbo	Advérbio	Oração	TOTAL
Logo	10 = 90,9%	1 = 9,1%	0	0	11
Portanto	1 = 100%	0	0	0	1
Por isso	23 = 95,8%	1 = 4,2%	0	0	24
Então	10 = 100%	0	0	0	10

Para o período clássico, observa-se ainda menor ocorrência de elementos modalizadores, aumentando a probabilidade de que a oração conclusiva não seja modalizada, como mostram os resultados da tabela 9. Nesse período, a não modalização atinge índices acima de 90% para todas as construções. Todas as ocorrências das construções com *então* e *portanto* são sem modalização explícita, enquanto 95,8% dos dados com *por isso* e 90,9% dos dados com *logo* são não modalizados. Assim, apenas um dado de *logo* e um dado de *por isso* são modalizados através de verbos.

A tendência encontrada nos períodos arcaico e clássico de predomínio de orações conclusivas não modalizadas se confirma no período moderno/contemporâneo, como mostram os resultados da tabela 10.

Tabela 10 – Modalização na oração conclusiva no período moderno/contemporâneo

Conector	Sem modalização explícita	Verbo	Advérbio	Oração	TOTAL
Logo	1 = 50%	0	0	1 = 50%	2
Portanto	51 = 98,1%	0	0	1 = 1,9%	52
Por isso	84 = 91,3%	4 = 4,3%	3 = 3,3%	1 = 1,1%	92
Então	26 = 96,3%	0	0	1 = 3,7%	27

Na amostra do português moderno/contemporâneo, são poucos os casos em que a oração conclusiva é modalizada, seja através de verbo, advérbio ou oração. A construção com *portanto* é a que apresenta o maior índice de não modalização (98,1%), seguida da construção com *então* (96,3%) e da construção com *por isso* (91,3%). No caso da construção com *logo*, há equilíbrio entre não modalização e modalização com oração. Entretanto, como há apenas duas ocorrências, não podemos afirmar que essa tendência se confirmaria com um número maior de dados.

Um outro aspecto que se destaca na tabela 10 é o aumento do número total de ocorrências modalizadas (11 dados) e a maior diversidade de estratégias de modalização no período moderno/contemporâneo. No entanto, isso pode ser explicado pelo grande número de dados do período moderno/contemporâneo, o que acaba resultando em uma maior probabilidade de encontrar construções modalizadas de diferentes formas. Portanto, também no que diz respeito a esse grupo de fatores, a hipótese colocada não se confirma. Na amostra selecionada, não se observa uma tendência ao aumento de elementos modalizadores nas orações conclusivas ao longo do tempo. Há, portanto, evidências de que a trajetória das construções com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* não parte de usos mais objetivos em direção a usos mais subjetivos, pelo menos no que diz respeito à modalização e ao domínio da causalidade. Ao contrário, essas construções surgem em contextos mais objetivos e permanecem estáveis. No entanto, essa questão será retomada mais à frente, quando for considerada a pessoa gramatical do sujeito da oração conclusiva.

Na seção a seguir, focalizamos a distribuição das construções conclusivas de acordo com os itens verbais núcleo da oração.

5.2.3. Verbo da oração conclusiva

Em uma das etapas da análise de dados, levantamos os itens verbais presentes nas orações conclusivas. Dessa forma, buscamos verificar se há correlação entre construção e item ou classe de verbos. Em outras palavras, a coleta permite identificar se alguma construção tende a ocorrer mais frequentemente com um verbo específico ou, pelo menos, com verbos que compartilham traços semânticos.

O levantamento dos itens verbais trouxe resultados pouco conclusivos, de maneira que não é possível estabelecer uma relação evidente de uma ou outra construção com determinados itens ou classes verbais. No entanto, alguns aspectos são dignos de atenção, especialmente se considerarmos todas as construções conclusivas. Na tabela a seguir, reunimos os itens verbais mais frequentes em cada construção e por período analisado.

Tabela 11 – Itens verbais encontrados nas orações conclusivas

	Logo	Portanto	Por isso	Então
Arcaico	X	dar/tomar (2) ser/estar (2)	ser (3) determinar/estabelecer (2)	dizer/perguntar (4) ir/vir (4) enviar/trazer/levar (3) lançar (2) ter (2)
Clássico	ter (2)	X	dizer/chamar (5) ser (5) dar (3) tomar (2)	dizer/prometer/responder/chamar (4) ir/vir (2)
Moderno	X	ser (17) ficar (3) ver (2)	ser (21) dar (6) ir (4)	ser (3) haver/ter (2) pedir/requerer (2)

A tabela 11 se organiza da seguinte forma: foram agrupados os itens com características semânticas em comum e que tenham ocorrido pelo menos duas vezes na mesma construção. Como fica evidente, não há, pelo menos na amostra selecionada, correlação entre construção e item/tipo verbal. Entretanto, podemos destacar alguns aspectos relevantes da distribuição dos dados.

Destaca-se, em primeiro lugar, a maior incidência de construções conclusivas com o verbo de estado *ser*, especialmente nas construções com *portanto* (um total de 18 *tokens*) e *por isso* (um total de 29 *tokens*). Merece destaque, principalmente, o aumento expressivo das construções com *portanto* e *por isso* com esse verbo no período moderno/contemporâneo. Outros itens verbais como *dar*, *tomar*, *ficar* e *ver* ocorrem em orações introduzidas por *portanto* e itens como *determinar*, *estabelecer*, *dizer*, *chamar*, *dar*, *tomar* e *ir* aparecem nas orações com *por isso*. Antes de mais nada, é preciso destacar que muitas dessas ocorrências se concentram em alguns textos específicos, o que pode indicar preferências do autor ou propriedades de sequências discursivas específicas. Além disso, é necessário levar em conta que o verbo *ser* é um dos mais frequentes na língua, de modo geral. Apesar dessas ponderações, não se pode excluir que esse verbo seja favorecido nas construções conclusivas em função de seus traços semânticos.

Um outro aspecto digno de nota é o número de ocorrências de verbos de elocução, como *dizer*, *perguntar* e *responder*, e outros que compartilham algumas semelhanças sintáticas e semânticas, como *chamar* e *prometer*, particularmente na construção com *então*. Essa

construção também apresenta algumas ocorrências com verbos de movimento, como *ir* e *vir*, principalmente nos períodos arcaico e clássico. A construção *por isso*, por sua vez, parece se combinar com o verbo *dar* nos períodos clássico e moderno/contemporâneo.

No levantamento dos itens verbais é possível verificar algumas pequenas relações entre as construções conclusivas e itens verbais específicos (como *ser*) ou itens com semântica semelhante (como os verbos de elocução). Além disso, no período moderno/contemporâneo a construção com *então* altera suas preferências lexicais, ajustando-se, de certa forma, ao verbo *ser*, ainda que com um número pequeno de dados. Já a construção com *portanto* se mantém mais estável ao longo do tempo quanto ao tipo de estado de coisas codificado na oração conclusiva, especialmente no que diz respeito ao verbo *ser*. Por fim, a construção com *por isso* se mostra mais versátil ao longo do tempo, aumentando o conjunto de formais verbais que constituem o núcleo da oração conclusiva. Um levantamento de dados que incluísse mais textos permitiria verificar se essas relações se confirmam ou se elas se limitam a essa amostra específica.

Além da análise apresentada acima, procedemos ao levantamento de todas as formas verbais distintas que ocorrem nas construções conclusivas em cada um dos períodos. A construção com *logo*, no período arcaico, corresponde a 4 dados e cada um deles ocorre com um item verbal diferente. No período clássico, dentre os 11 dados com a construção, há a ocorrência de 9 verbos diferentes. Por fim, no período moderno/contemporâneo, os dois dados atestados ocorrem com formas verbais distintas. A construção com *então*, por sua vez, corresponde a 35 dados e 29 itens verbais diferentes no período arcaico, a 10 dados e 10 verbos distintos no período clássico e a 27 dados e 24 formas verbais distintas no período moderno/contemporâneo. Esses resultados mostram que, já desde os primórdios do português, as construções com os conectores de base adverbial possuíam grande produtividade.

Por outro lado, as construções de base preposicional se comportam de forma um pouco distinta, especialmente no período mais atual. A construção com *portanto*, no período arcaico e no período clássico, apresenta o mesmo número de dados e de itens verbais, o que indica que não houve qualquer repetição. Por sua vez, no período moderno/contemporâneo, há apenas 32 verbos diferentes entre os 52 dados encontrados. Em relação à construção com *por isso*, no período arcaico, são atestadas 16 formas verbais diferentes no total de 19 ocorrências. Já no período clássico, os 24 dados são construídos com 14 itens verbais diferentes. Por fim, no período moderno/contemporâneo, quando há maior concentração de dados, 53 verbos distintos foram encontrados entre os 92 dados com a construção.

Dessa forma, encontramos duas tendências no que diz respeito à expansão das construções conclusivas em análise. A primeira é a maior variabilidade de itens verbais nas construções de base adverbial em comparação com as de base preposicional. Além disso, parece haver uma redução de produtividade nas construções preposicionais ao longo do tempo, já que há maior quantidade de verbos nos períodos iniciais e, no estágio mais atual, apesar de haver um número maior de dados, esses se concretizam com um número menor de verbos distintos.

Na seção 5.3, focalizamos os resultados encontrados com relação a alguns aspectos formais das construções conclusivas, a fim de verificar se a trajetória dessas conclusões é impulsionada por fatores ligados ao polo da forma.

5.3. Propriedades relativas à forma

No que diz respeito à forma, analisamos três propriedades das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*: o sujeito da oração conclusiva, a posição do conector na oração conclusiva e o tipo de segmento a que a oração conclusiva se liga.

5.3.1. Sujeito da oração conclusiva

A análise das propriedades de número e pessoa dos sujeitos das orações conclusivas, que podem ser de primeira, segunda ou terceira pessoas, do singular e do plural, além de sujeito indeterminado, sujeito oracional e oração sem sujeito, visa verificar a possível correlação entre uma determinada construção conclusiva e um determinado tipo de sujeito. De certa forma, as propriedades número-pessoais do sujeito fornecem pistas acerca da maior ou menor subjetividade da construção conclusiva. Podemos esperar que orações com sujeito de primeira pessoa reflitam maior envolvimento do falante, que tenderia a expressar seu ponto de vista mais claramente. Por outro lado, orações com sujeitos de terceira pessoa tendem a ser mais independentes da avaliação do sujeito, podendo até mesmo expressar verdades universais e conhecimentos de mundo amplamente aceitos. Então, nossa hipótese é a de que sujeitos de primeira pessoa tendem a ocorrer em construções no domínio epistêmico, ao passo que os sujeitos de terceira pessoa tendem a ocorrer em construções de domínio referencial.

Os dados da tabela 12 mostram que, no período arcaico, o sujeito da oração conclusiva é preferencialmente de terceira pessoa.

Tabela 12 – Sujeito da oração conclusiva no período arcaico

Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Logo	0	0	4 = 100%	0	0	0	0	0	4
Portanto	2 = 14,3%	1 = 7,1%	3 = 21,4%	2 = 14,3%	1 = 7,1%	3 = 21,4%	0	2 = 14,3%	14
Por isso	1 = 5,5%	3 = 16,7%	5 = 27,9%	2 = 11,1%	1 = 5,5%	3 = 16,7%	1 = 5,5%	2 = 11,1%	18
Então	1 = 2,8%	2 = 5,7%	18 = 51,5%	1 = 2,8%	0	12 = 34,4%	0	1 = 2,8%	35

A tabela 12 evidencia a predominância de construções conclusivas com sujeitos de terceira pessoa, principalmente do singular. As construções com *logo* e *então* são as que apresentam menor possibilidade de variação do sujeito. No caso de *logo*, todos os dados encontrados são de terceira pessoa do singular, enquanto com *então* mais da metade dos dados (51,5%) são de orações conclusivas com sujeitos de terceira pessoa do singular e 34,4% são de terceira pessoa do plural. Nessa construção, a terceira pessoa alcança, portanto, frequência de 85,9%.

Nas construções com os conectores de base preposicional, observa-se maior possibilidade de variação do sujeito da oração conclusiva, embora seja atestada uma frequência um pouco mais elevada de terceira pessoa. Sendo assim, no período arcaico, as construções com conectores adverbiais *logo* e *então* tendem a apresentar menor possibilidade de variação do sujeito, enquanto as construções com *portanto* e *por isso* são mais variáveis no que diz respeito a esse aspecto.

No período clássico, a correlação entre construção conclusiva e sujeito de terceira pessoa fica ainda mais evidente.

Tabela 13 – Sujeito da oração conclusiva no período clássico

Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Logo	1 = 9,1%	0	8 = 72,7%	0	0	2 = 18,2%	0	0	11
Portanto	0	0	1 = 100%	0	0	0	0	0	1
Por isso	0	0	9 = 45%	0	1 = 5%	8 = 40%	1 = 5%	1 = 5%	20
Então	0	0	8 = 80%	0	0	2 = 20%	0	0	10

Os resultados dispostos na tabela 13 mostram clara correlação entre as construções conclusivas com os quatro conectores e sujeito na terceira pessoa. Somando os índices de terceira pessoa do singular e de terceira do plural, todas as construções apresentam frequência igual ou superior a 85%. Portanto, no período clássico, há pouca possibilidade de variação de sujeito, independentemente do elemento que preenche o *slot* CONECTOR da construção conclusiva. Vale destacar que a construção com *por isso* apresenta índice muito próximos para a terceira pessoa do singular (45%) e terceira pessoa do plural (40%). Já na construção com *então*, a terceira pessoa do singular é quase categórica (80%).

Nos textos mais atuais da amostra, podemos verificar maior distribuição entre as diferentes possibilidades de sujeito da oração conclusiva, como mostra a tabela 14.

Tabela 14 – Sujeito da oração conclusiva no período moderno/contemporâneo

Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Logo	1 = 50%	0	0	0	0	0	0	1 = 50%	2
Portanto	1 = 2%	1 = 2%	27 = 54%	5 = 10%	0	9 = 18%	0	7 = 14%	50
Por isso	8 = 8,8%	4 = 4,4%	39 = 42,8%	8 = 8,8%	0	19 = 20,9%	2 = 2,2%	11 = 12%	91
Então	1 = 3,8%	3 = 11,5%	10 = 38,5%	5 = 19,3%	0	5 = 19,3%	1 = 3,8%	1 = 3,8%	26

Apesar da maior distribuição dos dados entre as diferentes pessoas, destaca-se a predominância da terceira pessoa, principalmente no singular, nas construções com *portanto*, *por isso* e *então*. Sujeito de terceira pessoa do singular se destaca principalmente na construção com *portanto* (54%).

De maneira geral, verificamos que, desde o período arcaico, as orações conclusivas tendem a ocorrer com sujeitos de terceira pessoa, seja do singular ou plural, como ilustram os dados abaixo.

(48) Terceira pessoa do singular

Em outro ponto da praça, e ahi muito bem collocado, fica o theatro da Paz, que estava então em obras. Já era tido como dos melhores do Brazil; succedeu, porém, que Manaus construiu o seu theatro, que é um primor de belleza architectonica, e então, todo cheio de ciúmes, resolveu o Pará melhorar o seu (Século XX – Norte do Brasil).

(49) Terceira pessoa do plural

Antes de partir, entretanto, planeje seu almoço. Os poucos bares dali funcionam de acordo com a demanda. Por isso os visitantes têm que escolher seus pratos antes do primeiro mergulho (Século XXI – Matérias da Revista Azul magazine).

No geral, as construções conclusivas se mantêm estáveis ao longo do tempo no que se refere à pessoa gramatical do sujeito, com predominância absoluta de sintagmas nominais sujeito na terceira pessoa. No entanto, algumas mudanças um pouco mais significativas foram constatadas para as construções com *então*, *portanto* e *por isso*. Na sua trajetória, a construção com *então* passa a ocorrer com maior variedade de tipos de sujeito. As construções com *portanto* e *por isso*, por sua vez, restringem sua flexibilidade quanto ao número do SN sujeito, passando a ocorrer predominantemente com SN sujeitos de terceira pessoa do singular.

Em uma segunda etapa da análise do sujeito da oração conclusiva, verificamos a possível correlação entre a pessoa gramatical do sujeito e o domínio instaurado pela construção. Para isso, fizemos um cruzamento de dados entre o sujeito da oração conclusiva e o domínio da causalidade. Os resultados encontrados para o período arcaico estão na tabela a seguir.

Tabela 15 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período arcaico

Domínio	Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Referencial	Logo	0	0	2 = 100%	0	0	0	0	0	2
	Portanto	0	0	2 = 28,5%	1 = 14,3%	1 = 14,3%	1 = 14,3%	0	2 = 28,5%	7
	Por isso	0	1 = 11,1%	3 = 33,3%	2 = 22,2%	1 = 11,1%	1 = 11,1%	0	1 = 11,1%	9
	Então	1 = 3,4%	0	16 = 55,3%	1 = 3,4%	0	11 = 37,9%	0	0	29
Epistêmico	Logo	0	0	2 = 100%	0	0	0	0	0	2
	Portanto	2 = 33,3%	0	1 = 16,7%	1 = 16,7%	0	2 = 33,3%	0	0	6
	Por isso	1 = 14,3%	1 = 14,3%	2 = 28,5%	0	0	2 = 28,5%	0	1 = 14,3%	7
	Então	0	1 = 25%	1 = 25%	0	0	1 = 25%	0	1 = 25%	4
Atos de fala	Logo	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Portanto	0	1 = 100%	0	0	0	0	0	0	1
	Por isso	0	1 = 50%	0	0	0	0	1 = 50%	0	2
	Então	0	1 = 50%	1 = 50%	0	0	0	0	0	2

No domínio referencial, a construção com *então* é a que apresenta correlação mais evidente com a terceira pessoa, principalmente do singular (55,3%). Para as construções com conectores preposicionais essa correlação é menos clara. A construção com *portanto* também é mais frequente com sujeitos de terceira pessoa do plural, embora apresente um índice relevante com sujeito oracional (28,5%). A construção com *por isso*, por sua vez, é um pouco mais frequente com sujeito de terceira pessoa do singular (33,3%) em relação às demais possibilidades. Os dois dados com *logo* no domínio referencial e no domínio epistêmico são de terceira pessoa do singular.

A possibilidade de correlação entre sujeito de primeira pessoa e relação no domínio epistêmico é menos provável quando analisamos cada construção separadamente. Em comparação com as outras possibilidades, nenhuma das construções predomina com sujeito de primeira pessoa. Entretanto, é necessário destacar que foram encontrados 3 dados de primeira

pessoa do singular no domínio epistêmico e apenas 1 no domínio referencial, considerando as quatro construções conjuntamente. Apesar de ser um baixo número de dados, quando ocorre um sujeito de primeira pessoa do singular, este tende a estar em construções com maior grau de subjetividade, conforme prevê a hipótese colocada.

Ao contrário do que ocorre no domínio referencial e no domínio epistêmico, nas construções que codificam atos de fala o sujeito mais frequente é o de segunda pessoa do singular. Essa correlação está de acordo com o que se espera para este domínio, já que atos de fala são direcionados para o interlocutor (você/vocês).

A tabela 16 reafirma a correlação entre as construções conclusivas e sujeito de terceira pessoa, independentemente do domínio.

Tabela 16 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período clássico

Domínio	Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Referencial	Logo	0	0	4 = 66,7%	0	0	2 = 33,3%	0	0	6
	Portanto	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Por isso	0	0	8 = 47%	0	0	7 = 41,2%	1 = 5,9%	1 = 5,9%	17
	Então	0	0	7 = 87,5%	0	0	1 = 12,5%	0	0	8
Epistêmico	Logo	1 = 20%	0	4 = 80%	0	0	0	0	0	5
	Portanto	0	0	1 = 100%	0	0	0	0	0	1
	Por isso	0	0	1 = 33,3%	0	1 = 33,3%	1 = 33,3%	0	0	3
	Então	0	0	1 = 50%	0	0	1 = 50%	0	0	2

Segundo a tabela 16, verifica-se concentração de todas as construções conclusivas na terceira pessoa, especialmente do singular, independentemente do domínio da causalidade. São escassas as ocorrências de sujeito com outras propriedades número-pessoais. Vale ressaltar, no entanto, que o único dado encontrado com sujeito de primeira pessoa do singular ocorre em uma construção no domínio epistêmico.

No período moderno/contemporâneo, reitera-se a independência das propriedades número-pessoais do SN sujeito das construções conclusivas em relação ao tipo de relação entre os segmentos.

Tabela 17 – Distribuição das construções conclusivas por domínio da causalidade e sujeito da oração no período moderno/contemporâneo

Domínio	Conector	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL	Indeterminado	Oração	TOTAL
Referencial	Logo	1 = 100%	0	0	0	0	0	0	0	1
	Portanto	1 = 3%	0	19 = 57,6%	4 = 12,1%	0	6 = 18,2%	0	3 = 9,1%	33
	Por isso	4 = 6,7%	0	27 = 45%	4 = 6,7%	0	18 = 30%	1 = 1,6%	6 = 10%	60
	Então	1 = 5,6%	0	8 = 44,4%	4 = 22,2%	0	4 = 22,2%	1 = 5,6%	0	18
Epistêmico	Logo	0	0	0	0	0	0	0	1 = 100%	1
	Portanto	0	0	6 = 42,8%	1 = 7,2%	0	3 = 21,4%	0	4 = 28,6%	14
	Por isso	4 = 16%	0	12 = 48%	4 = 16%	0	1 = 4%	1 = 4%	3 = 12%	25
	Então	0	0	2 = 40%	1 = 20%	0	1 = 20%	0	1 = 20%	5
Atos de fala	Logo	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Portanto	0	1 = 33,3%	2 = 66,7%	0	0	0	0	0	3
	Por isso	0	4 = 66,7%	0	0	0	0	0	2 = 33,3%	6
	Então	0	3 = 100%	0	0	0	0	0	0	3

Contrariamente às expectativas, observa-se que os sujeitos de terceira pessoa, em especial da terceira pessoa do singular, predominam nas construções conclusivas em todos os domínios, o que pode ser reflexo de características específicas dos gêneros textuais que compõem a amostra. Destaca-se, também, o fato de que a construção com *por isso* apresenta um número de ocorrências um pouco mais expressivo com a primeira pessoa.

As evidências destacadas acima contrariam a hipótese de que o domínio epistêmico favorece a ocorrência de sujeitos de primeira pessoa, enquanto o domínio referencial favorece a terceira pessoa. Os sujeitos de terceira pessoa predominam em todos os períodos

independentemente do domínio da causalidade. Ainda assim, nos períodos arcaico e clássico, os SNs sujeitos de primeira pessoa do singular são mais frequentes em construções no domínio epistêmico.

Na seção 5.3.2, focalizamos as diferentes possibilidades de posição do conector na oração conclusiva, um aspecto central para a compreensão da trajetória de construções conectivas.

5.3.2. Posição do conector na oração conclusiva

Exceptuando-se o conector *logo*, que só ocorre em posição inicial absoluta, os conectores conclusivos gozam de acentuada flexibilidade, podendo aparecer em diferentes posições da oração. Os dados a seguir exemplificam as possibilidades atestadas na amostra.

1) Posição inicial absoluta

(50) Assim a Madre Elena, sendo de Deos taõ mimosa, forçosamente hauia de ser do Demonio perseguida nas occasioens em que o seu zello em algumas contradiçoens sahia vencedor, logo este inimigo se lhe mostaua vingatiuo, e dos golpes com que a maltrataua lhe ficavaõ os sinaes (Século XVIII – Vida e morte de Madre Helena da Cruz).

2) Posição inicial precedida de *e*

(51) As suas opiniões eram essencialmente liberais e não as ocultava , apesar de o perigo que então havia em as manifestar, e por isso foi mais tarde acusado de afrancesado ou jacobino (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

3) Posição medial pré-verbal

(52) Até meados de março, Angra dos Reis contabilizava 40 casos de febre amarela. A vacina, portanto, é imprescindível – e é preciso tomá-la no mínimo dez dias antes da viagem (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

4) Posição medial pós-verbal

(53) Afinal encontrámos uma alma caridosa que, compreendendo que éramos victimas da nossa ingenuidade, nos informou que o assahy só era encontrado nas pequenas tabernas assignaladas por uma bandeirinha vermelha. Desconfiámos por isso que o assahy não é bebida da elite, e só então compreendemos a razão de ser de muitas bandeirinhas guerreiras em certos botequins baratos das ruas João Alfredo e adjacentes (Século XX – Norte do Brasil).

5) Medial entre verbos

(54) E ho comde, conheçemdo jaa allgu~a cousa de suas maneiras & como heram home~es que muito sabiam de çilladas, a quall cousa na~o hera nova amtr'elles, porque Aniball, que foy no tempo dos gemtios & que foy naturall daquela terra, as husou m(ui)to em seus dias, & perventura que dally ficou ho emsyno aos que despois viera~o, temeo-se de lhe tere~ allgu~a em tall lugar que lhe fosse perigosa. Fez emta~o recolher sua gemte & tornou-se pera a çidade (Século XV – Crônica de D.Pedro de Meneses).

6) Final da oração

(55) E se muytos h(er)deyros fore~ e a cousa for que se possa p(ar)tir, como dyeyros ou bestas ou out(ra) cousa tal, segundo q(ue) cada huu deuia erdar, assy receba sa parte, e se for cousa que no~ se possa p(ar)tir, como cauallo ou mu~a ou out(ra) cousa qual quer, aiunte~sse os h(er)deyros e recebano e se se no~ quisiere~ aiuntar, aquel que o dema~dar [de'] boos fiadores a que~ o teu(er) da rreda d(e) todos q(ua)ntos o demandare~ e de'o ento~ (Século XIII – Foro Real).

Segundo a análise de Pezatti (2000), essa mobilidade dos conectores conclusivos reflete sua gradiência categorial como elementos que possuem características de conjunção e de advérbio, pois estão no caminho de se tornarem conjunções prototípicas, sendo *logo* o mais conjuncional e *por isso* o mais adverbial. Sendo assim, considerando a trajetória advérbio > conjunção, a hipótese é a de que esses conectores apresentem maior mobilidade na oração no período arcaico, estágio mais inicial e, portanto, mais próximo do uso adverbial. Essa mobilidade, porém, tende a se reduzir ao longo do tempo a favor da margem esquerda da oração, posição mais prototípica de conjunções e conectores. Segundo os resultados da tabela 18, já no período arcaico, podem ser observadas diferenças acentuadas na tendência posicional dos conectores conclusivos.

Tabela 18 – Posição do conector na oração conclusiva no período arcaico

	Inicial	Inicial precedida de <i>e</i>	Medial antes do verbo	Medial depois do verbo	Medial entre dois verbos de uma locução verbal	Final	TOTAL
Logo	4 = 100%	0	0	0	0	0	4
Portanto	1 = 7,1%	12 = 85,8%	1 = 7,1%	0	0	0	14
Por isso	4 = 21%	14 = 73,7%	1 = 5,3%	0	0	0	19
Então	19 = 54,3%	8 = 22,8%	0	6 = 17,1%	1 = 2,9%	1 = 2,9%	35

Os resultados da tabela 18 confirmam a rigidez de posição do conector *logo* já no período arcaico. Todas as ocorrências encontradas se situam em posição inicial absoluta. Além disso, fica evidente que os demais conectores conclusivos se concentram ou nas posições iniciais absoluta ou precedida de conjunção *e*. Nesse caso, dois comportamentos distintos podem ser depreendidos. De um lado, os conectores de base preposicional *portanto* e *por isso* tendem a ser precedidos pela conjunção *e*, com os elevados índices de 85,8% e 73,7%, respectivamente. Por sua vez, os conectores de base adverbial *logo* e *então* estão mais relacionados à posição inicial absoluta. De fato, como já vimos, a posição inicial absoluta é

categorica para *logo* (100%), e a mais frequente para *então*, correspondendo a 54,3% das ocorrências. As posições mediais, pré ou pós-verbal, e final são pouco frequentes, destacando-se um pouco mais apenas para *então* pós-verbal, com índice de 17,1% das ocorrências.

Algumas alterações na posição do conector nas construções conclusivas podem ser observadas na tabela 19, relativa ao período clássico.

Tabela 19 – Posição do conector na oração conclusiva no período clássico

	Inicial	Inicial precedida de <i>e</i>	Medial antes do verbo	Medial depois do verbo	Medial entre dois verbos de uma locução verbal	Final	TOTAL
Logo	11 = 100%	0	0	0	0	0	11
Portanto	0	1 = 100%	0	0	0	0	1
Por isso	8 = 33,3%	14 = 58,3%	1 = 4,2%	1 = 4,2%	0	0	24
Então	2 = 20%	5 = 50%	1 = 10%	2 = 20%	0	0	10

No período clássico, a posição de *logo* continua categorica: 100% das ocorrências correspondem à posição inicial absoluta. Por sua vez, a frequência de *então* em posição inicial diminui para 20% dos dados e o índice de *então* precedido de *e* aumenta para 50%. O conector *por isso* mantém sua preferência pela posição inicial precedida de *e* com 58,3% dos casos. Portanto, no período clássico se mantém a tendência de que o conector conclusivo apareça mais próximo da margem esquerda. Entretanto, *então*, assim como *por isso*, apresenta maior flexibilidade de posição na oração, podendo ocorrer em posições mediais, ainda que com baixa frequência.

No período moderno/contemporâneo, fica evidente uma maior flexibilidade na posição dos conectores nas quatro construções conclusivas, como mostra a tabela 20.

Tabela 20 – Posição do conector na oração conclusiva no período moderno/contemporâneo

	Inicial	Inicial precedida de <i>e</i>	Medial antes do verbo	Medial depois do verbo	Medial entre dois verbos de uma locução verbal	Final	TOTAL
Logo	2 = 100%	0	0	0	0	0	2
Portanto	12 = 23,1%	7 = 13,5%	10 = 19,2%	21 = 40,4%	1 = 1,9%	1 = 1,9%	52
Por isso	29 = 31,5%	47 = 51,1%	5 = 5,4%	11 = 12%	0	0	92
Então	10 = 37,1%	8 = 29,6%	1 = 3,7%	8 = 29,6%	0	0	27

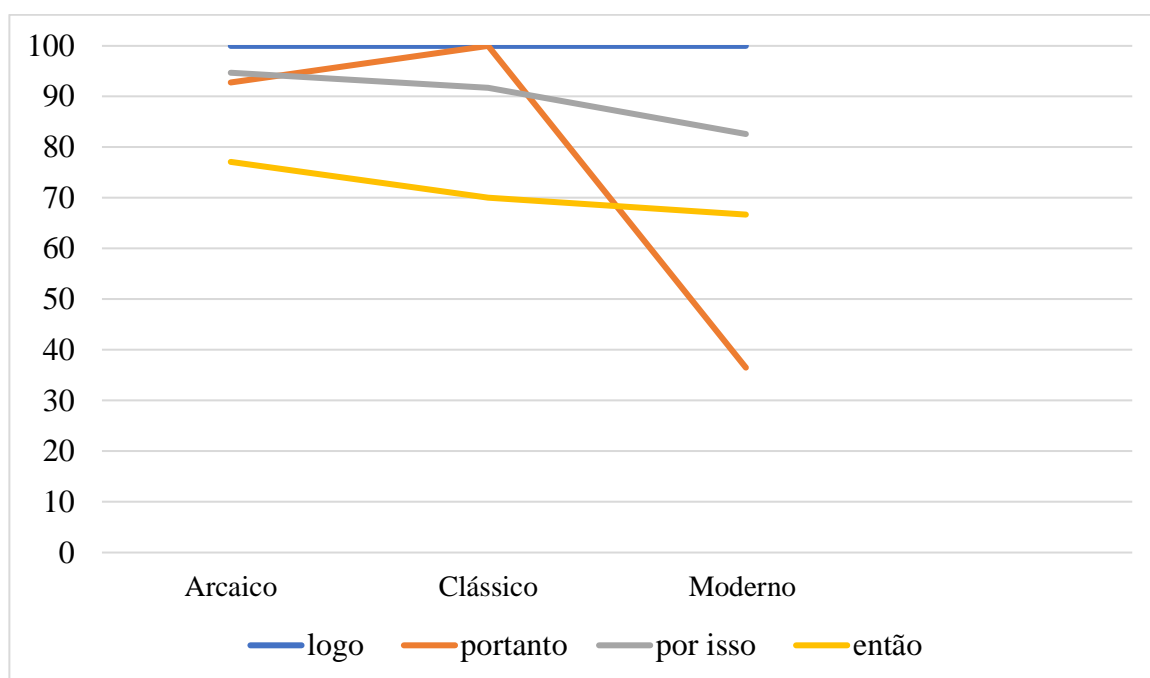
Com exceção da construção com *logo*, em que o conector permanece com 100% das ocorrências em posição inicial absoluta, nas outras construções o conector demonstra maior mobilidade dentro da oração. Mantém-se a mobilidade do conector *então* na oração, com ocorrências em posição inicial absoluta (37,1%), precedido de *e* (29,6%), em posição medial pós-verbal (29,6%) e, por fim, em posição medial pré-verbal (3,7%). Ainda assim, a posição inicial absoluta é um pouco mais frequente do que as demais. Por sua vez, *portanto*, no período moderno/contemporâneo, é mais frequente em posição medial pós-verbal (40,4%), mas é recorrente também no início da oração (23,1%), ou em posição medial pré-verbal (19,2%), que apresentam valores próximos. É bem menos recorrente, no entanto, na posição inicial precedido de *e* (13,5%). Embora possível, *portanto* é muito menos recorrente em posição medial entre dois verbos e em posição final, ambas com frequência irrisória (1,9%). Por fim, o conector *por isso* mantém sua tendência a se situar na posição inicial precedida de *e* (51,1%), mas também é frequente em posição inicial absoluta (31,5%). Há, ainda, a possibilidade de ocorrência de *por isso* em posição medial pós-verbal (12%) e em posição medial pré-verbal (5,4%), ainda que essas posições ocorram com menor frequência. Portanto, o que se constata nos textos da amostra do período moderno/contemporâneo é um aumento na flexibilidade de posição dos conectores conclusivos, que passam a ocorrer em diferentes posições, especialmente na posição medial pós-verbal, ainda que a maior parte dos dados se concentre nas posições iniciais.

Como colocado no capítulo 3, um dos critérios para definir um elemento como conjunção é a restrição quanto à sua posição na oração (cf. QUIRK ET AL, 1985). Nesse sentido, um conector só seria considerado conjunção coordenativa se se fixasse na margem esquerda. Na análise da trajetória desses conectores, esperávamos um aumento de frequência em posição

inicial ou até mesmo que essa se tornasse categórica, conforme o que se pode prever no caso de uma trajetória de mudança advérbio > conjunção. Entretanto, as evidências encontradas mostram aumento de mobilidade do conector na oração ao longo do tempo, o que contraria essa expectativa.

Ainda que a hipótese não se confirme inteiramente, a importância da margem esquerda para os conectores conclusivos fica clara se considerarmos conjuntamente os dados de posição inicial absoluta e posição inicial precedida de *e*. Como se pode constatar no gráfico 2, as posições iniciais correspondem à maioria dos dados para quase todas as construções conclusivas.

Gráfico 2 – Posições iniciais ao longo do tempo



O gráfico 2 mostra que as construções com *logo*, *então* e *por isso* se mantêm estáveis nas posições iniciais ao longo do tempo, apresentando uma pequena redução de frequência no caso das construções com *então* e *por isso*. Por outro lado, a trajetória da construção com *portanto* mostra uma clara redução na frequência das posições iniciais entre o período clássico e o período moderno/contemporâneo. De todo modo, no período arcaico todas as construções já estavam fixadas na margem esquerda, e apenas a construção com *portanto* se torna evidentemente mais flexível ao longo do tempo.

5.3.3. Tipo de segmento conectado

Como mostra Antunes (2014), a conexão conclusiva pode se estabelecer em dois níveis: o intrafrástico e o interfrástico. Como sugerem os nomes, no nível intrafrástico a conexão se estabelece no interior do período, enquanto no nível interfrástico a conexão se dá entre períodos distintos dentro do texto. Para a autora, conexões dentro do período apresentam maior coesão por estarem mais próximas nos níveis semântico e formal. Nesta tese, também consideramos a possibilidade de a relação conclusiva se estabelecer em diferentes níveis e entre diferentes porções de texto.

Prototipicamente, a construção conclusiva é entendida como uma relação entre duas orações coordenadas entre si, como exemplifica o dado (56).

(56) Depois de perdidas as esperanças de vermos os nossos parentes e amigos, seguimos para casa de o Conde de a Ribeira, a a Junqueira. As salas estavam cheias de parentes que tinham tido a nossa mesma sorte, não podendo dizer o último adeus a os emigrados. O vento soprava fortíssimo de a barra e por isso, quando estávamos jantando, ouvimos uma salva a o longe. (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna).

No exemplo (56), a oração conclusiva introduzida por *por isso* se relaciona diretamente apenas à oração imediatamente anterior, “O vento soprava fortíssimo de a barra”, que funciona como uma explicação para o fato de as pessoas terem ouvido a salva de tiros. Dessa combinação resulta um período composto.

A oração conclusiva também pode se ligar a períodos complexos, compostos por mais de uma oração, como ilustra o exemplo (57).

(57) Em o dia seguinte fomos apresentados a o nosso novo tutor, que ralhou com o Abade e conosco , por tudo e sem saber porquê: que daria as suas ordens, que falaria com os administradores, etc , mas nada fez, não pensando mais em nós, ficando portanto sem tutor durante toda a ocupação de os franceses (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna).

No exemplo (57), a oração sublinhada estabelece relação conclusiva com o período composto anterior “mas nada fez, não pensando mais em nós”. Nesse caso, a oração conclusiva se liga ao período composto imediatamente anterior, e não apenas à oração “não pensando mais em nós”.

Como já destacado nos capítulos 2 e 4, diversos autores já mostraram que a oração conclusiva pode se ligar a porções maiores de texto, apresentando uma inferência possível de um conjunto de estados de coisas. O dado (58) exemplifica essa possibilidade.

(58) Não ha segredo guardado de quem se ama, por que deixar o segredo para mim, e o amor para outrem, he dar o coração partido, e não he amante quem não dà o coração inteiro; assim o conheceo Dalida, quando instou com Samsão, e elle por não desacreditar o seu amor, arriscou a sua vida; teue valor para vencer Gigantes, para domar cidades, para destruir exercitos, mas em chegando de reservar de quem amava, o que sabia, **logo não teue forças para resistir** (Século XVIII - Vida e morte de Madre Helena da Cruz).

A oração conclusiva destacada em (58) não se liga apenas à oração antecedente, mas a todo o trecho anterior em que são apresentadas as vitórias de Sansão e sua relação amorosa com Dalila. Os casos de conexão de oração conclusiva com trechos mais extensos se relacionam, de alguma forma, à função *resumo*, conforme proposto por Marques (2014). Para a autora, a oração conclusiva também pode servir para resumir um conjunto de informações. Nesses casos, a oração conclusiva funciona como uma síntese resultante de tudo o que foi dito no trecho anterior.

Como já destacamos no capítulo 3, é possível também que o conector conclusivo ligue constituintes de uma oração, como ocorre com outras conjunções prototípicas, especialmente *e* e *ou*. Entretanto, este tipo de ligação não foi atestado na amostra utilizada. Além disso, essa possibilidade parece se restringir a *portanto*, como ilustra o exemplo (59), retomado do capítulo 3.

(59) As mulheres, **portanto** a maior parte da população, lutam por seus direitos.

Para tornar possível a análise dos tipos de segmentos ligados pelos conectores *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, selecionamos os trechos com cada um dos conectores focalizados. Então, observamos se o conector ligava dois termos de uma oração, se a ligação da construção conclusiva era restrita à oração imediatamente anterior, ou se essa ligação era mais ampla e se estabelecia entre a oração anterior e outras do mesmo trecho discursivo.

Do ponto de vista diacrônico, podemos esperar que os conectores conclusivos expandam seus usos para a conexão de segmentos discursivos maiores. No entanto, a tabela 21 mostra que, já desde o período arcaico, a oração conclusiva não se restringe à conexão com a oração que a antecede.

Tabela 21 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período arcaico

Conector	Uma oração	Período composto	Vários períodos	TOTAL
Logo	0	4 = 100%	0	4
Portanto	1 = 7,1%	4 = 28,6%	9 = 64,3%	14
Por isso	4 = 21,1%	8 = 42,1%	7 = 36,8%	19
Então	3 = 8,6%	20 = 57,1%	12 = 34,3%	35

Os resultados mostram que, de forma geral, a oração conclusiva tende a se conectar, mais frequentemente, a segmentos mais amplos do texto, seja a períodos compostos ou segmentos textuais com várias orações, operando, portanto, como articuladores discursivos. Observam-se, no entanto, algumas diferenças a depender do conector. Assim, no período arcaico, a construção com *logo* se conecta apenas a períodos compostos, enquanto as demais construções são multifuncionais. A construção conclusiva com *portanto* tende a se conectar preponderantemente a segmentos com vários períodos (64,3%), mas apresenta um índice relevante também para a ligação com períodos compostos (28,6%). A oração introduzida por *por isso* apresenta frequência aproximada na ligação com períodos compostos (42,1%) e na conexão com segmentos mais amplos (36,8%). Já a oração com *então* também se conecta mais frequentemente a períodos compostos, mas com frequência consideravelmente maior (57,1%) do que na ligação com segmentos mais extensos (34,3%). A tendência a ressaltar é que, no período arcaico, foram atestados poucos dados de ligação da oração conclusiva com a oração imediatamente precedente.

A distribuição observada no período clássico é similar à do período arcaico, como mostra a tabela 22.

Tabela 22 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período clássico

Conector	Uma oração	Período composto	Vários períodos	TOTAL
Logo	1 = 9,1%	4 = 36,4%	6 = 54,5%	11
Portanto	0	1 = 100%	0	1
Por isso	4 = 16,7%	11 = 45,8%	9 = 37,5%	24
Então	0	3 = 30%	7 = 70%	10

Os resultados encontrados para o período clássico confirmam parte das tendências verificadas no português arcaico. De forma geral, a oração conclusiva tende a se conectar a porções maiores de texto independentemente do conector utilizado, o que se verifica no reduzido número de *tokens* (5) para a ligação das construções conclusivas com uma oração.

As construções com os quatro conectores apresentam índices mais altos de conexão com um período composto anterior ou com segmentos compostos por vários períodos. No caso da construção com *logo* ou *então*, há maior frequência de conexão com segmentos discursivos compostos por vários períodos, com 54,5% e 70%, respectivamente. Por sua vez, a construção com *por isso* é mais frequente na conexão com um período composto (45,8%), mas também é frequente na conexão com segmentos de vários períodos (37,5%). O único dado de *portanto* encontrado no período clássico também se conecta a um período composto. Sendo assim, pelo menos até o século XVIII, a oração conclusiva tende a se ligar a porções de textos maiores do que uma oração.

A distribuição observada para o período moderno/contemporâneo não mostra mudanças significativas.

Tabela 23 – Tipo de segmento conectado pela oração conclusiva no período moderno/contemporâneo

Conector	Uma oração	Período composto	Vários períodos	TOTAL
Logo	1 = 50%	0	1 = 50%	2
Portanto	11 = 21,2%	10 = 19,2%	31 = 59,6%	52
Por isso	30 = 32,6%	25 = 27,2%	37 = 40,2%	92
Então	6 = 22,2%	8 = 29,6%	13 = 48,2%	27

Os resultados da tabela 23 mostram que, de forma geral, também no período moderno/contemporâneo, a tendência observada para os períodos anteriores se mantém: todas as construções conclusivas se ligam a segmentos com vários períodos ou com um período composto. A ligação da construção conclusiva com vários períodos do discurso antecedente é mais evidente para a construção com *portanto* (59,6%). Entretanto, é necessário destacar que, nesse período, aumenta, significativamente, o número de casos (48) em que a oração conclusiva se liga apenas à oração imediatamente anterior, tipo de conexão que, nos casos de *portanto* (21,2%) e *por isso* (32,6%), é ainda mais frequente do que a conexão com período composto. Evidentemente, qualquer conclusão de que esse aumento de frequência de dados que conectam duas orações indique uma tendência de mudança requer cautela, visto que pode ser apenas um reflexo do maior número de dados encontrados no período moderno/contemporâneo.

Assim, a análise do tipo de segmento com que a oração conclusiva se liga mostra que, desde o século XIII, há uma maior tendência de que a oração conclusiva se ligue a segmentos discursivos maiores, sejam eles um período composto ou segmentos com vários períodos. A conexão prototípica, aquela que ocorre entre duas orações, é pouco frequente nos períodos arcaico e clássico, mas ganha frequência mais relevante no período moderno/contemporâneo³⁶.

Os resultados encontrados por Antunes (2014) mostram que a conexão dentro do período, ou seja, entre a oração conclusiva e a oração anterior, tende a ser feita por conectores mais gramaticalizados, ao passo que a conexão para fora do período se dá mais frequentemente através de conectores menos gramaticalizados. Isso ocorre porque a conexão dentro do período resulta em maior coesão, o que motivaria o uso de conectores já gramaticalizados. Por sua vez, a conexão para fora do período é mais distante, menos coesa, o que favoreceria o uso de conectores menos gramaticalizados. Entretanto, não encontramos essa correlação em nossos dados. Os conectores analisados são mais frequentes na conexão com segmentos mais amplos, inclusive o conector conclusivo prototípico *logo*.

Na próxima seção, apresentamos os resultados para a análise da sequência textual em que se encontra a construção conclusiva a fim de verificar a relevância dessa variável na trajetória de uso das construções conclusivas.

5.4. Sequência textual

As construções conclusivas em análise se situam em textos, colaborando na sua organização, principalmente no que se refere à coesão/articulação entre as partes. Dessa forma, como já mostraram inúmeros trabalhos, é fundamental considerar no estudo das formas linguísticas o contexto mais amplo em que uma construção ocorre (ver, dentre muitos outros, BRAGA, 2003; ARENA, 2008; ANTUNES, 2014; FLORET, 2018).

Diversos autores defendem a necessidade de distinguir entre gênero e tipo de texto ou sequências discursivas. Para Marcuschi (2007, p.19) gêneros são “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Dessa forma, devem “ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas”. Assim, gêneros textuais são caracterizados por seu aspecto social, podendo surgir quando há necessidades comunicativas específicas, e desaparecer quando não há mais essas necessidades. Portanto, assim como a língua, não é uma entidade fixa.

36 Como já esclarecido no início deste capítulo, a conexão entre a oração conclusiva e um termo da oração não foi atestada em nenhum dos dados coletados na amostra.

As sequências discursivas, por sua vez, integram os gêneros textuais (cf. PAREDES SILVA, 1997; ADAM, 2008; ARENA, 2008; VIEIRA, 2016). Em um mesmo texto de um gênero textual específico, podemos encontrar sequências com diferentes funções, ainda que as características de um gênero possam favorecer a ocorrência de algumas delas. De acordo com Adam (2008, p.204), sequências discursivas são unidades textuais complexas tipificadas, que são analisáveis em partes ligadas entre si e ligadas ao texto como um todo. Além disso, são entidades relativamente autônomas que possuem organização interna própria e que são dependentes e independentes do texto do qual fazem parte. Ao mesmo tempo em que fazem parte de um contexto discursivo maior, possuem características específicas que não dependem necessariamente do gênero textual. Adam (op. cit), retomado por Vieira (2016), propõe uma classificação e caracterização das diferentes sequências discursivas, distinguindo 5 tipos de sequências: sequências narrativas, argumentativas, expositivas, descritivas e dialógicas.

A sequência narrativa é aquela que expõe eventos e ações, reais ou imaginários. Segundo Vieira (op. cit.), a sequência narrativa é composta, mais caracteristicamente, por fatos no passado que podem se prolongar por um período de tempo. Assim, as sequências narrativas são compostas, predominantemente, por formas verbais de passado e tendem a tratar de experiências vividas no mundo concreto. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de uma construção conclusiva inserida em uma sequência narrativa.

(60) Em o dia em que o alfaiate nos veio provar o fato, eram poucos os espelhos de Bemfica para nos admirarmos. Minhas tias eram as elegantes de a época : chegadas de Londres, tipo de a elegância de o tempo, e tendo minha tia Frederica assistido ali a as grandes festas dadas a os soberanos aliados , decidiam, por isso, de a toilette de as senhoras e davam o tom a as elegantes de a sociedade (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

(61) Foram aplaudidos de todos os circunstantes , e de El-rei tão benignamente ouvidos , que não só com grandes demonstrações de alegria lhes significou o gosto , que tivera da feliz aclamação de El-rei Nosso Senhor ; mas também lhes assegurou , que viria em tudo o que na embaixada lhe propunham , e que jamais faltaria ao reino de Portugal naquilo , que fosse em sua mão , logo lhes nomeou por comissários da embaixada ao conde de Pembrot , ao conde de Arandel , ao duque de Linot , ao Marquês de Lile , e ao secretário de Estado (Século XVII – Gazeta da restauração).

Tanto no exemplo (60) quanto no exemplo (61), são narradas situações vivenciadas por personagens do mundo concreto e em tempo passado. O objetivo principal dos dois trechos destacados é contar como uma situação se desenvolveu, de forma a situar o leitor no contexto da história contada. Nos dois casos, fica clara uma sequenciação dos eventos no eixo temporal.

As sequências argumentativas envolvem procedimentos de tomada de posição do autor a partir de premissas previamente assumidas. A passagem de uma premissa a uma conclusão constitui ela própria um procedimento argumentativo (cf. ADAM, 2008, p.232). A argumentação consiste na defesa de um ponto de vista com base em fatos contra outros pontos de vista que poderiam ser defendidos utilizando outros argumentos. Nesse tipo de sequência, fica mais clara a posição do falante a respeito de determinado tema, podendo-se dizer que é uma sequência mais subjetiva, visto que envolve uma posição pessoal do emissor. A sequência argumentativa tende a apresentar expressões modalizadoras que evidenciam a opinião/atitude de quem fala. Os trechos a seguir exemplificam esse tipo de sequência.

(62) E asy o fezemos ./ e eses #x ou #xij que hy estauam acenaram lhes que fezesem asy E foram logo todos beiJa la ./ parece me Jemte de tal Jnoçença que se os homem emtendese E eles a nos . que seriam logo cristaa~os porque eles nom teem nem emtendem em nhuu~a creemça segumdo parece . E portanto se os degradados que aquy am de ficar . aprenderem bem a sua fala E os entenderem ./ nom doujdo segumdo a santa tençam de vosa alteza fazerem se cristaa~os E creerem na nossa santa fe (Século XV – Carta de Caminha).

(63) Assim a Madre Elena, sendo de Deos taõ mimosa, forçosamente hauia de ser do Demonio perseguida nas occasioens em que o seu zello em algumas contradiçoens sahia vencedor, logo este inimigo se lhe mostaua vingatiuo, e dos golpes com que a maltrataua lhe ficavaõ os sinaes (Século XVIII - Vida e morte de Madre Helena da Cruz).

As construções conclusivas exemplificadas em (62) e (63) deixam clara a tomada de uma posição pessoal do locutor. Em (62), o locutor, no caso o escritor da carta, acredita que os índios se tornariam cristãos facilmente se pudessem se entender e se comunicar com portugueses, pois pareciam ser “pessoas inocentes” e “sem nenhuma crença prévia”. É necessário ressaltar que a dimensão subjetiva fica ainda mais clara na expressão “nom doujdo” (não duvido), que situa o fato em um ponto mais alto da escala epistêmica. Já em (63), o falante acredita que, se Deus gosta da Madre, o demônio a persegue e se mostra vingativo em determinadas ocasiões.

A sequência expositiva, por sua vez, envolve proposições relacionadas de forma lógica e imparcial. Diferentemente da argumentação, em que fica clara a opinião do locutor acerca de um tema, na exposição predomina a explicação através de relações lógicas. Nessa sequência, o objetivo é falar sobre um tema através da utilização de informações, dados, comparações e outros recursos mais objetivos. Os dados (64) e (65) ilustram essa relação.

(64) eu tenho agora sabido que meu filho morreo de peçonha, que vos e vossos filhos lhe destes, e portanto estay todos presos; (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

(65) quero que saibaes que neste dia começa~o o anno, e dia d anno bom, e por ysto fazem tall festa, e da~o estas dadivas (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga).

No dado (64), a relação de conclusão se estabelece de forma lógica entre o fato de alguém envenenar uma pessoa e, depois, ser preso por isso. De forma semelhante, em (65) o locutor relaciona o início de um ano à realização de uma festa. Nos dois casos, a relação não se estabelece através de posição pessoal do falante, mas de fatos que se relacionam de forma objetiva. De acordo com Vieira (2016), o uso de verbos no presente, pretérito perfeito e futuro do presente do indicativo são característicos desse tipo de sequência, já que são as formas verbais do mundo comentado.

As sequências descritivas colocam alguns problemas particulares. Segundo Adam (2008), a descrição se distingue dos demais tipos por não apresentar uma organização interna como os outros e pouca ordenação, ainda que seja identificável como uma unidade particular. De acordo com Vieira (2016, p.121), uma sequência descritiva é aquela que caracteriza um evento, um indivíduo ou um objeto, e costuma servir de pano de fundo para explicar ou comentar sobre uma situação.

(66) Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os Indios que tem saber humano (Século XVI//2 – Tratados de gente e terra do Brasil).

(67) Se você gosta de se desligar do mundo, este é seu lugar. Localizado dentro do Parque Nacional de Cabo Polonio, o povoado tem ruas de areia e poucas construções. A energia elétrica vem de painéis solares ou geradores – e as lâmpadas ficam acesas até determinada hora da noite, quando são substituídas por lampiões. Importante refúgio de leões marinhos, o povoado é uma área de preservação ambiental, com a população limitada a cerca de 40 famílias. Carros não entram lá. Por isso, os visitantes deixam seus veículos estacionados na entrada do parque e pegam jardineiras, que percorrem cerca de 7km de estradas de areia até o povoado (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).

O dado (66) descreve um tipo de pássaro, indicando suas características físicas e sua forma de caçar o peixe. Da mesma forma, o dado (67) descreve um lugar tendo em vista sua localização, as características de suas ruas, a energia utilizada, sua preservação ambiental e a proibição da entrada de carros.

Por fim, Adam (2008) distingue a sequência dialogal (ou dialógica). Como o próprio nome sugere, trata-se de situações em que há alternância em turnos de fala acerca de um determinado tema. Considerando a natureza dos textos que compõem nossa amostra, os casos de sequências dialógicas são raros. Entretanto, o dado (68) pode exemplificar esse tipo de sequência.

(68) - Es tu - disse Gil L(ourem)ço - da companhia que foram ao Vall do Laramjo?
 - Sy, som, - disse elle - & se lhe allgu~ bem aves de faz(er) na~o temdes que tardar, caa elles sa~o allem da Torre Vermelha & tem ally o porto aos mouros, os quais, se passassem, seria neçessario que os nossos pereçesse~ todos, caa sa~o tamtos que ha' çimq(uoem)ta pera hu~, & **por isso** vou assy trigoso chamar o comde, q(ue) lhes acorra (Século XV – Crônica de D.Pedro de Meneses).

No trecho (68), o autor reproduz um diálogo entre duas pessoas, criando alternância entre turnos de fala através do discurso direto, explícito nas formas de primeira pessoa do singular.

Analisamos a sequência discursiva do trecho em que se encontra a construção conclusiva com o objetivo de verificar se há correlação entre as propriedades específicas da sequência e a construção utilizada para estabelecer a relação de conclusão, ou seja, se as propriedades mais amplas do trecho de discurso motivam o uso de uma ou outra construção. Nossa hipótese é a de que, em sequências narrativas, predominem construções conclusivas do tipo referencial, ao passo que em sequências argumentativas, contexto mais propício à manifestação da atitude do emissor, predominem construções conclusivas do tipo epistêmico. No entanto, discutimos, em primeiro lugar, os resultados referentes à distribuição das construções de acordo com a sequência discursiva. A tabela 24 mostra os resultados para o período arcaico.

Tabela 24 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período arcaico

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	3 = 75%	0	0	1 = 25%	0	4
Portanto	3 = 21,4%	0	3 = 21,4%	8 = 57,2%	0	14
Por isso	4 = 21%	0	6 = 31,6%	8 = 42,1%	1 = 5,3%	19
Então	27 = 77,2%	0	4 = 11,4%	4 = 11,4%	0	35

Como mostram os resultados, no período arcaico as construções conclusivas não são atestadas em sequências descritivas e são raras nas sequências dialógicas. Com exceção da construção com *logo*, que não ocorre em sequências argumentativas, todas as outras construções conclusivas podem aparecer em sequências narrativas, argumentativas ou expositivas. Outro ponto a ressaltar é o comportamento semelhante de *portanto* e *por isso*, de um lado, e de *então* e *logo*, por outro. Enquanto os conectores baseados na preposição *por* ocorrem mais frequentemente em sequências expositivas (*portanto* = 57,2% e *por isso* = 42,1%), os de base adverbial tendem a ocorrer em sequências narrativas (*logo* = 75% e *então* = 77,2%). Portanto, no período arcaico, observa-se uma correlação entre o tipo de conector e o tipo de sequência discursiva.

A tabela 25 mostra algumas alterações na distribuição das construções conclusivas de acordo com sequência discursiva no período clássico.

Tabela 25 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período clássico

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	8 = 72,7%	0	3 = 27,3%	0	0	11
Portanto	0	0	0	1 = 100%	0	1
Por isso	7 = 29,2%	6 = 25%	3 = 12,5%	8 = 33,3%	0	24
Então	7 = 70%	1 = 10%	2 = 20%	0	0	10

No período clássico, mantém-se a predominância das construções com *logo* e *então* em sequências narrativas, mas observa-se a incursão da construção com *logo* também nas sequências argumentativas. Já as construções com *por isso* apresentam distribuição mais equilibrada, podendo ocorrer principalmente em sequências expositivas (33,3%), narrativas (29,2%) e descritivas (25%). Reduz, no entanto, sua incidência nas sequências argumentativas (12,5%). O único dado com *portanto* se situa em uma sequência expositiva. Dessa maneira, se mantém a alta frequência de construções conclusivas com *logo* e *então* em sequências narrativas, ao passo que a construção com *por isso* apresenta distribuição mais variada neste período.

A distribuição encontrada nos dados do período moderno/contemporâneo se distingue um pouco da encontrada nos períodos anteriores, como mostra a tabela 26.

Tabela 26 – Distribuição das construções conclusivas por sequência textual no período moderno/contemporâneo

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	1 = 50%	0	1 = 50%	0	0	2
Portanto	8 = 15,4%	5 = 9,6%	14 = 26,9%	25 = 48,1%	0	52
Por isso	45 = 48,9%	6 = 6,5%	18 = 19,6%	21 = 22,8%	2 = 2,2%	92
Então	13 = 48,2%	4 = 14,8%	2 = 7,4%	8 = 29,6%	0	27

No período moderno/contemporâneo, a construção com *então* continua mais recorrente em sequências narrativas (48,2%), embora com frequência menor. Consequentemente, aumenta seus índices para os outros tipos de sequências: 14,8% em sequências descritivas e 7,4% em sequências argumentativas e passa a ocorrer de forma significativa nas sequências expositivas, com índice de 29,6%. De forma semelhante, a construção com *portanto* mantém sua correlação preferencial com sequências expositivas (48,1%), mas também aparece em outros tipos de sequências, como as argumentativas (26,9%), as narrativas (15,4%) e as descritivas (9,6%). A construção com *por isso*, por sua vez, torna-se mais frequente em sequências narrativas (48,9%) do que em sequências expositivas (22,8%), mas também ocorre em todos os outros tipos de sequências, estendendo-se, inclusive, para as sequências dialógicas. Por fim, apenas dois dados com *logo* foram encontrados: um em sequência narrativa e um em sequência argumentativa. Dessa maneira, construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* estão mais fortemente correlacionadas com sequências narrativas e expositivas nos três períodos analisados, embora com valores de frequência distintos.

As tendências acima destacadas se distinguem das encontradas por outros estudos, principalmente para a construção com *então* em dados de fala. Antunes (2014) verificou o favorecimento de *então* em sequências argumentativas, e desfavorecimento desse conector em sequências narrativas na fala carioca. Arena (2008), por sua vez, atestou a maior frequência de *então* em sequências narrativas no caso em que ele desempenha função adverbial ou de sequenciador, e em sequências argumentativas, quando conector lógico e operador argumentativo.

A primeira etapa da análise da variável tipo de sequência discursiva permitiu verificar a existência de correlações entre cada construção conclusiva e tipo de sequência discursiva. Em uma segunda etapa de análise, verificamos a possível correlação entre tipo de sequência discursiva e domínio da causalidade. O objetivo desta análise é verificar se sequências que favorecem a expressão da opinião do falante, como a argumentativa, favorecem o uso de construções epistêmicas. Por outro lado, considerando o fato de que construções no domínio

mais amplo da causalidade são encontradas com frequência em textos narrativos (cf. DECAT, 1995), podemos esperar que, neste tipo de sequência, construções no domínio referencial sejam mais frequentes, já que estabelecem relações do tipo causa – consequência. Essa segunda etapa de análise se baseou no cruzamento entre os grupos de fatores sequência textual e domínio da causalidade, como mostram os resultados da tabela 27, para o período arcaico.

Tabela 27 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período arcaico

Domínio	Conector	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Referencial	Logo	2 = 100%	0	0	0	0	2
	Portanto	3 = 42,9%	0	4 = 57,1%	0	0	7
	Por isso	3 = 33,3%	3 = 33,3%	3 = 33,3%	0	0	9
	Então	26 = 89,7%	2 = 6,9%	1 = 3,4%	0	0	29
Epistêmico	Logo	1 = 50%	0	1 = 50%	0	0	2
	Portanto	0	3 = 50%	3 = 50%	0	0	6
	Por isso	1 = 12,5%	3 = 37,5%	3 = 37,5%	0	1 = 12,5%	8
	Então	1 = 25%	2 = 50%	1 = 25%	0	0	4
Atos de fala	Logo	0	0	0	0	0	0
	Portanto	0	0	1 = 100%	0	0	1
	Por isso	0	0	2 = 100%	0	0	2
	Então	0	0	2 = 100%	0	0	2

Os resultados da tabela 27 mostram que, no período arcaico, se confirma a hipótese de correlação entre construções conclusivas no domínio referencial e sequência narrativa. Como fica claro, conclusivas referenciais, ou seja, que implicam uma relação de causa e consequência, ocorrem predominantemente em sequências narrativas. As construções com conectores de base adverbial *logo* e *então* no domínio referencial são as mais frequentes em sequências narrativas, com índices de 100% e 89,7% respectivamente. Já a construção com *por isso* apresenta valores idênticos (33,3%) nas combinações de domínio referencial com sequência narrativa, argumentativa ou expositiva. Distinguindo-se dos demais, *portanto* é mais frequente em sequências expositivas (57,1%).

Uma outra hipótese previa relação entre construções epistêmicas e sequências argumentativas. Nos dois casos, fica evidente a posição pessoal do falante, o que implica maior grau de subjetividade na relação proposta. Os resultados da tabela 27 fornecem evidências favoráveis para essa correlação, ainda que de forma mais discreta. Nas sequências argumentativas, a maioria das construções encontradas estabelece relação no domínio epistêmico: dos 13 dados encontrados em sequências argumentativas, 8 correspondem a usos das construções conclusivas para relações no domínio epistêmico. Portanto, a hipótese encontra evidências positivas, pelo menos no período arcaico. De fato, em sequências narrativas predominam as relações de causa – consequência, e em sequências argumentativas predominam relações do tipo premissa/argumento – conclusão. Essas associações são reiteradas no período clássico, como mostram os resultados da tabela 28.

Tabela 28 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período clássico

Domínio	Conector	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Referencial	Logo	6 = 100%	0	0	0	0	6
	Portanto	0	0	0	0	0	0
	Por isso	7 = 33,3%	1 = 4,8%	8 = 38,1%	5 = 23,8%	0	21
	Então	7 = 87,5%	0	0	1 = 12,5%	0	8
Epistêmico	Logo	2 = 40%	3 = 60%	0	0	0	5
	Portanto	0	0	1 = 100%	0	0	1
	Por isso	0	2 = 66,7%	0	1 = 33,3%	0	3
	Então	0	2 = 100%	0	0	0	2
Atos de fala	Logo	0	0	0	0	0	0
	Portanto	0	0	0	0	0	0
	Por isso	0	0	0	0	0	0
	Então	0	0	0	0	0	0

Assim como no período arcaico, no período clássico as construções conclusivas no domínio referencial predominam em sequências narrativas, especialmente nos casos de *logo* (100%) e *então* (87,5%). Já a construção com *por isso* no domínio referencial é mais frequente em sequências expositivas, ainda que também ocorra de forma expressiva em sequências narrativas (33,3%). As construções no domínio epistêmico, por sua vez, ocorrem mais frequentemente em sequências argumentativas, já que é neste tipo textual que fica mais evidente

a expressão da subjetividade do falante, ou seja, suas posições pessoais acerca da relação entre estados de coisas. Sendo assim, no período clássico a distribuição dos tipos de relação se conforma às expectativas: construções do tipo premissa/argumento – conclusão tendem a ocorrer em sequências argumentativas, enquanto construções do tipo causa – consequência tendem a ocorrer em sequências narrativas ou expositivas, particularmente no caso de *por isso*.

A correlação entre sequência textual e domínio da causalidade se mantém no período moderno/contemporâneo e fornece algumas evidências para uma especialização parcial das construções conclusivas.

Tabela 29 – Cruzamento entre sequência discursiva e domínio da causalidade no período moderno/contemporâneo

Domínio	Conector	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Referencial	Logo	0	1 = 100%	0	0	0	1
	Portanto	8 = 23,5%	1 = 2,9%	23 = 67,7%	2 = 5,9%	0	34
	Por isso	41 = 67,2%	0	16 = 26,2%	3 = 4,9%	1 = 1,7%	61
	Então	12 = 63,2%	0	7 = 36,8%	0	0	19
Epistêmico	Logo	1 = 100%	0	0	0	0	1
	Portanto	0	11 = 73,4%	2 = 13,3%	2 = 13,3%	0	15
	Por isso	4 = 16%	18 = 72%	1 = 4%	1 = 4%	1 = 4%	25
	Então	1 = 20%	2 = 40%	0	2 = 40%	0	5
Atos de fala	Logo	0	0	0	0	0	0
	Portanto	0	2 = 66,7%	0	1 = 33,3%	0	3
	Por isso	0	0	4 = 66,7%	2 = 33,3%	0	6
	Então	0	0	1 = 33,3%	2 = 66,7%	0	3

No período moderno/contemporâneo, as construções com *por isso* e *então* no domínio referencial são mais frequentes em sequências narrativas, ao passo que as construções com *portanto* tendem a ocorrer em sequências expositivas. De todo modo, a relação conclusiva do tipo referencial predomina em sequências mais caracterizadas pela relação sequencial, e em muitos casos causal, entre estados de coisas do mundo real, mais objetivos. Por sua vez, construções epistêmicas aparecem mais frequentemente em sequências argumentativas em que a opinião do falante fica mais explícita. Assim, em todos os períodos, se confirma a tendência

de que construções epistêmicas ocorrem em sequências argumentativas, enquanto construções referenciais ocorrem em sequências narrativas ou expositivas.

Merece destaque também o fato de que, no período moderno/contemporâneo, é atestado um número maior de construções do tipo interacional (12 *tokens*), mais frequentemente situadas em sequências expositivas ou descritivas.

Evidentemente, pelo menos uma parte das correlações destacadas pode refletir características de gêneros específicos. Assim, na seção 5.5, discutimos os resultados de um cruzamento entre sequências discursivas e os textos que constituem a amostra, a fim de verificar um possível enviesamento dos resultados para sequência discursiva, discutidos nesta seção. Verificamos quais sequências predominam em cada texto, ou seja, de que forma o texto pode ter influenciado não apenas na frequência de ocorrência de determinada sequência, mas também na trajetória das construções conclusivas.

5.5. Correlação entre sequência discursiva e texto

Como já destacado no capítulo 4, a amostra selecionada é composta por textos de gêneros diversos, o que resulta em grande parte da falta de disponibilidade de gêneros diferenciados para os séculos mais remotos. Na nossa análise, não controlamos o gênero textual em si, mas a sequência discursiva em que a construção conclusiva aparece nos textos. Sabe-se, no entanto, que cada gênero textual tem particularidades que podem determinar a construção do texto como um todo, de forma a atender seus objetivos comunicativos específicos (cf. por exemplo MARCUSCHI, 2007; ARENA, 2008). Vale ressaltar que, ainda que um gênero implique o uso predominante de uma determinada sequência discursiva, ao longo dos textos encontramos sequências com diferentes funções. Sendo assim, procedemos ao cruzamento de dados entre os textos da amostra e as sequências discursivas encontradas para verificar em que medida o gênero determina o caráter discursivo do texto. Os resultados encontrados estão na tabela 30.

Tabela 30 – Cruzamento entre sequência discursiva e os textos da amostra

PERÍODO ARCAICO						
	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Afonso X, Foro Real - XIII	0	2 = 25%	6 = 75%	0	0	8
Chancelaria D.Afonso III - XIII	0	0	1 = 100%	0	0	1
Orto do esposo - XIV	7 = 87,5%	0	1 = 12,5%	0	0	8
Livro de linhagens de D.Pedro - XIV	3 = 75%	0	1 = 25%	0	0	4
Carta de Caminha - XV	0	4 = 80%	1 = 20%	0	0	5
Crônica de D.Pedro de Meneses - XV	3 = 33,3%	2 = 22,3%	3 = 33,3%	0	1 = 11,1%	9
Crônicas dos Reis de Bisnaga - XVI/1	14 = 60,9%	5 = 21,7%	4 = 17,4%	0	0	23
Crônica do Rei D.Afonso Henriques - XVI/I	10 = 71,4%	0	4 = 28,6%	0	0	14
PERÍODO CLÁSSICO						
	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Vida da sereníssima Princesa Dona Joana - XVI/2	13 = 81,3%	3 = 18,7%	0	0	0	16
Tratados da terra e gente do Brasil - XVI/2	0	0	8 = 53,3%	7 = 46,7%	0	15
Jornada dos vassallos da Coroa de Portugal - XVII	0	0	0	0	0	0
Gazeta da restauração - XVII	6 = 100%	0	0	0	0	6

Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora - XVIII	0	0	0	0	0	0
Vida e morte de Madre Helena da Cruz - XVIII	3 = 33,3%	5 = 55,6%	1 = 11,1%	0	0	9
PERÍODO MODERNO/CONTEMPORÂNEO						
	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna - XIX	48 = 96%	1 = 2%	0	0	1 = 2%	50
Cartas de leitores de jornais da Bahia - XIX	13 = 25,4%	19 = 37,3%	19 = 37,3%	0	0	51
Norte do Brasil - XX	4 = 11,1%	13 = 36,1%	14 = 38,9%	4 = 11,1%	1 = 2,8%	36
Matérias de capa da Azul magazine - XXI	2 = 5,5%	2 = 5,5%	21 = 58,4%	11 = 30,6%	0	36

De acordo com os resultados organizados na tabela 30, em alguns textos há uma clara predominância de algum tipo de sequência, enquanto em outros há equilíbrio entre dois tipos de sequência discursiva.

Os textos predominantemente narrativos são: *Orto do esposo* (XIV), *Livro de linhagens do Conde D.Pedro* (XIV), *Crônicas dos reis de Bisnaga* (XVI-1), *Crônica do Rei D.Afonso Henriques* (XVI-1), *Vida da sereníssima Princesa Dona Joana* (XVI-2), *Gazeta da restauração* (XVII) e *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna* (XIX). Essa predominância de sequências narrativas está de acordo com os gêneros textuais em questão. O texto *Orto do esposo* tem caráter fortemente narrativo com objetivo de doutrinação religiosa. O *Livro de linhagens do Conde D.Pedro* também é composto por diversos segmentos narrativos conforme se descrevem as linhagens do conde. As *Crônicas dos reis de Bisnaga* e a *Crônica do Rei D.Afonso Henriques*, como sugerem os títulos, contam histórias e relatam acontecimentos, o que implica sequenciação temporal e caráter narrativo. Já no período clássico, *Vida da sereníssima Princesa D.Joana* conta a vida da princesa, o que implica um frequente uso de sequências narrativas. O texto *Gazeta da restauração* reúne relatos de situações ocorridas na corte. Por fim, o texto do período moderno/contemporâneo *Memórias do Marquês da Fronteira*

e d'Alorna, como sugere o próprio título, narra as memórias do autor. Para isso, portanto, são utilizadas predominantemente estruturas de cunho narrativo. Dessa forma, fica claro que todos os textos com alta frequência de sequências narrativas têm esse caráter em razão das características inerentes ao próprio gênero textual. São textos compostos principalmente por relatos, memórias, histórias de vida e outras situações em que o autor relata fatos e acontecimentos que se sucedem na linha do tempo e relacionados, muitas vezes, por consequência.

Também encontramos na amostra alguns textos de caráter predominantemente expositivo, ou seja, informativo: *Foro real* e *Matérias de capa da Azul magazine*. O primeiro texto, datado do século XIII, é um texto de caráter jurídico, legal, cujo objetivo é determinar a forma de agir em diferentes situações. Já os textos das matérias de capa da Revista Azul magazine, que são os mais atuais da nossa amostra, são reportagens sobre diversos destinos de viagem. Essas reportagens destacam características gerais dos locais em questão, o que favorece a ocorrência de algumas sequências expositivas e descritivas.

Na *Carta de Caminha*, em que são relatadas as primeiras impressões de Pero Vaz de Caminha na chegada dos portugueses ao Brasil, encontramos dados de construções conclusivas mais frequentemente em sequências argumentativas, o que mostra que, além de simplesmente informar e descrever o local, o autor deixa claro suas atitudes e opiniões sobre o local recém descoberto.

Em outros textos, houve equilíbrio entre dois tipos de sequências. O texto *Crônica de D. Pedro de Meneses*, por exemplo, além de ter caráter narrativo, como as demais crônicas da amostra, também apresenta frequentemente trechos expositivos, o que indica que o autor narra uma história, mas também expõe informações sobre ela sem necessariamente evidenciar sua opinião. Os *Tratados da terra e gente do Brasil* têm caráter majoritariamente expositivo e descritivo, o que se pode esperar de um texto que tem como principal objetivo descrever e informar sobre as características do Brasil. No texto *Vida e morte de Madre Helena da Cruz*, por sua vez, encontramos, principalmente, sequências narrativas e argumentativas. Trata-se, como já vimos, de um texto em que a autora conta a história de uma freira (Madre Helena da Cruz), tornando explícito seu posicionamento em alguns momentos do texto. Finalmente, os textos *Norte do Brasil* e *Cartas de leitores dos jornais da Bahia*, ambos do período moderno/contemporâneo, são de natureza expositiva e argumentativa. Isso significa que, nos dois textos, embora o objetivo principal seja o de informar, em diversos pontos as impressões dos autores são explicitadas.

Portanto, a distribuição das sequências discursivas nos textos da amostra se conforma, em grande parte, às características específicas de cada texto. Em alguns dos textos, podemos encontrar equilíbrio entre dois tipos de sequências, o que não contraria qualquer expectativa, visto que os textos são compostos por sequências com funções diversas, que aparecem conforme a necessidade do autor. Assim, podemos dizer que, até certo ponto, a variável sequência discursiva reflete características sociocomunicativas dos diferentes gêneros textuais.

No capítulo 6, aprofundamos a discussão sobre os resultados encontrados e verificamos a trajetória de cada construção com base nos resultados analisados anteriormente. Além disso, elaboramos uma proposta de rede com base em domínios e verificamos a possibilidade de intercambialidade entre as construções.

6. A REDE DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS AO LONGO DO TEMPO

No capítulo 5, descrevemos e discutimos os resultados encontrados na análise das propriedades das construções conclusivas, considerando cada uma delas separadamente ao longo do tempo. Neste capítulo, aprofundamos a discussão sobre essas construções sob três pontos de vista. Na seção 6.1, comparamos a trajetória das quatro construções analisadas. Retomamos os resultados encontrados para cada grupo de fatores com base na linha do tempo, o que também permite identificar mudanças no conjunto de propriedades de cada uma das construções, desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo.

Em seguida, na seção 6.2, focalizamos um dos aspectos centrais na análise das construções em foco, que é o domínio da causalidade. A partir dos resultados encontrados para esse grupo, postulamos três redes de construções, uma para cada período de tempo, o que permite destacar as construções mais centrais e mais marginais de acordo com o tipo de relação – causa - consequência, premissa/argumento – conclusão ou atos de fala - que mais frequentemente estabelecem, e salientamos as diferenças observadas ao longo do tempo.

Por fim, na seção 6.3 discutimos a possibilidade de alternância entre as construções consideradas, buscando responder a uma questão central: as quatro construções conclusivas focalizadas são variantes para a expressão do mesmo significado? Através de uma análise multivariacional, que considera o peso relativo para cada um dos grupos de fatores, buscamos verificar a aplicabilidade do princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995, 2006) ao caso das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*.

6.1. A trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*

Como já ressaltado no capítulo anterior, um objetivo central desta tese é o de verificar a trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, considerando suas propriedades semânticas, formais e discursivas nos três períodos do português. No capítulo 5, apresentamos detalhadamente os resultados encontrados para cada uma das variáveis consideradas em cada período de tempo. Nesta seção, reunimos os resultados encontrados para cada construção, em cada um dos períodos do português, a fim de verificar o conjunto de propriedades de cada uma delas.

O quadro 5 resume os resultados para a construção conclusiva com *logo*.

Quadro 5 – Trajetória da construção com *logo*

	Arcaico	Clássico	Moderno
Domínio da causalidade	Referencial – 50% Epistêmico – 50%	Referencial – 54,5% Epistêmico – 45,5%	Referencial – 50% Epistêmico – 50%
Modalização	Sem modalização – 100%	Sem modalização – 90,9% Verbo – 9,1%	Sem modalização – 50% Oração – 50%
Posição do conector	Inicial - 100%	Inicial – 100%	Inicial – 100%
Tipo de segmento conectado	Período composto – 100%	Vários períodos – 54,5% Período composto – 36,4% Uma oração – 9,1%	Vários períodos – 50% Uma oração – 50%
Sujeito da oração conclusiva	3SG – 100%	3SG – 72,7% 3PL – 18,2% 1SG – 9,1%	1SG – 50% Oração – 50%
Sequência discursiva	Narrativa – 75% Expositiva – 25%	Narrativa – 72,7% Argumentativa – 27,3%	Narrativa – 50% Argumentativa – 50%

A posição de *logo* é categórica desde o período arcaico. Do século XIII até o século XXI, o conector só ocorre em posição inicial absoluta. Assim, o conector *logo* tem sua posição fixada na margem esquerda desde as primeiras ocorrências encontradas.

No que diz respeito ao domínio da causalidade, desde o período arcaico essas construções se distribuem de forma equilibrada entre relações do tipo referencial e epistêmico e não estabelecem relação do tipo interacional. Portanto, a construção com *logo* tanto pode estabelecer relações mais objetivas do tipo causa e consequência, como relações mais subjetivas do tipo premissa/argumento - conclusão. Nesse sentido, não houve mudança ao longo do tempo, já que a polissemia dessa construção permanece desde os textos mais antigos até os textos mais atuais, apesar da sua acentuada redução no período moderno/contemporâneo.

Também no que diz respeito às sequências discursivas em que ocorre a construção com *logo*, atesta-se estabilidade da construção com *logo*. Essa construção prevalece em sequências narrativas, com valores superiores a 70%, nos períodos arcaico e clássico. No período arcaico, são constatados apenas 25% de ocorrência da construção com *logo* em sequências expositivas e no período clássico, 27,3% em sequências argumentativas. Embora, aparentemente, se verifique maior diversificação da construção com *logo* no período moderno/contemporâneo, o baixo número de dados no período dificulta uma conclusão.

A construção com *logo* sofre algumas mudanças ao longo do tempo tendo em vista algumas das variáveis analisadas. Entretanto, essas tendências de mudança são parcialmente questionáveis, visto que, no período moderno/contemporâneo, temos apenas dois dados com *logo*. Portanto, as tendências de mudança destacadas a seguir precisariam ser confirmadas em uma futura análise com base em um número maior de dados.

No que diz respeito à modalização, ao longo do tempo, aumentam as chances de presença de elementos modalizadores na oração conclusiva encabeçada por *logo*. Essa tendência parece indicar maior subjetivização da construção com o conector.

Um indício de expansão da construção com *logo* envolve o sujeito da construção, que se torna mais variável com o passar do tempo. Inicialmente, encontramos apenas ocorrências com sujeitos de terceira pessoa do singular. Embora essa propriedade continue predominando no período clássico, observa-se um aumento da terceira pessoa do plural e na primeira pessoa do singular. Ainda que as ocorrências sejam muito escassas, é interessante destacar a possibilidade de sujeito oracional na oração conclusiva com *logo*.

Há indicações de uma alteração/mudança mais nítida no uso da construção com *logo* no que diz respeito ao tipo de segmento com que esse conector se liga. No período arcaico, todas as orações conclusivas introduzidas por *logo* se conectavam a períodos compostos. Já no período clássico, a construção passa a se ligar mais frequentemente a segmentos maiores formados por vários períodos, enquanto a conexão com períodos compostos torna-se menos frequente (36,4%). Por fim, no período moderno/contemporâneo, não foram encontradas ocorrências de ligação a períodos compostos, mas apenas a segmentos constituídos de vários períodos ou a uma oração.

No quadro 6 estão sumarizados os resultados encontrados para a construção com *portanto* nos diferentes períodos.

Quadro 6 – Trajetória das construções com *portanto*

	Arcaico	Clássico	Moderno
Domínio da causalidade	Referencial – 50% Epistêmico – 43% Interacional – 7%	Epistêmico – 100%	Referencial – 65,4% Epistêmico – 28,8% Interacional – 5,8%
Modalização	Sem modalização – 64,3% Verbo – 35,7%	Sem modalização – 100%	Sem modalização – 98,1% Oração – 1,9%
Posição do conector	Inicial precedida de <i>e</i> – 85,8% Inicial – 7,1% Medial pré-verbal – 7,1%	Inicial precedida de <i>e</i> – 100%	Medial pós-verbal – 40,4% Inicial – 23,1% Medial pré-verbal – 19,2% Inicial precedida de <i>e</i> – 13,5% Medial entre verbos – 1,9% Final – 1,9%
Tipo de segmento conectado	Vários períodos – 64,3% Período composto – 28,6% Uma oração – 7,1%	Período composto – 100%	Vários períodos – 59,6% Uma oração – 21,2% Período composto – 19,2%
Sujeito da oração conclusiva	3SG – 21,4% 3PL – 21,4% 1SG – 14,3% 1PL – 14,3% Oração – 14,3% 2SG – 7,1% 2PL – 7,1%	3SG – 100%	3SG – 54% 3PL – 18% Oração – 14% 1PL – 10% 1SG – 2% 2SG – 2%
Sequência discursiva	Expositiva – 57,2% Narrativa – 21,4% Argumentativa – 21,4%	Expositiva – 100%	Expositiva – 48,1% Argumentativa – 26,9% Narrativa – 15,4% Descritiva – 9,6%

Como já ressaltamos no capítulo 5, não é possível considerar os resultados do período clássico na análise da trajetória da construção com *portanto*, já que foi encontrado apenas um dado dessa construção nesse período. Sendo assim, analisamos a trajetória de mudança da construção com base em uma comparação entre os períodos arcaico e moderno/contemporâneo.

Em relação ao tipo de segmento com que a oração conclusiva com *portanto* se liga, não há mudanças significativas ao longo do tempo. Tanto no período arcaico como no período moderno/contemporâneo, a oração conclusiva tende a se ligar, predominantemente, a segmentos com vários períodos, com índices próximos de 60%. A única diferença mais saliente

é que, no período moderno/contemporâneo, aumenta o índice de uso dessa construção na conexão a apenas uma oração, embora essa construção ainda continue a predominar na ligação a vários períodos. Assim, a construção com *portanto* tende a se ligar a segmentos textuais maiores desde os registros mais remotos até os mais atuais.

A construção com *portanto* mantém estabilidade também no que diz respeito à sequência discursiva em que ocorre. Embora possa ocorrer também em segmentos narrativos e argumentativos nos períodos arcaico e moderno/contemporâneo, essa construção predomina em sequências expositivas, que se caracterizam por menor envolvimento do locutor. No período moderno/contemporâneo, há uma indicação de extensão da construção com *portanto* para sequências descritivas, ainda que com baixa frequência (9,6%).

Por outro lado, a trajetória da construção conclusiva com *portanto* parece envolver algumas alterações distribucionais importantes quanto ao tipo de relação que realizam. No período arcaico, 43% dos dados da construção com *portanto* eram do tipo epistêmico, ou seja, estabeleciam relação do tipo premissa/argumento – conclusão, e 50% dos dados eram do tipo referencial, de relações causa – consequência. Havia, portanto, uma distribuição equilibrada da construção com *portanto* entre os dois tipos semânticos. Já no período moderno/contemporâneo, o índice de relações epistêmicas cai para 28,8%, ao passo que o de relações referenciais sobe para 65,4%. Considerando esses resultados, podemos dizer que o desenvolvimento da construção com *portanto* envolve redução de subjetividade, contrariando uma hipótese que prevê um processo de subjetivização de construções conectivas ao longo do tempo (cf. TRAUGOTT, 1995; 2003; 2010).

Outro indício de redução de subjetividade da construção conclusiva conectada por *portanto* é a diminuição ao longo do tempo da frequência de elementos modalizadores. Se, no período arcaico, 35,7% dos dados encontrados eram explicitamente modalizados por verbos, no período moderno/contemporâneo apenas 1,9% dos dados apresenta modalização explícita e apenas através de oração.

A construção conclusiva com *portanto* sofre alterações mais significativas no que se refere à posição do conector na oração. Nos textos do período arcaico, o conector ocorria predominantemente em posições iniciais, especialmente precedido de *e* (85,8%). Entretanto, os dados atestados nos textos do período moderno/contemporâneo mostram aumento de frequência para as posições mediais pré e pós-verbais, que totalizam 59,6% dos dados. A posição inicial absoluta também aumenta sua frequência e passa a corresponder a 23,1% dos dados. Já a posição inicial precedida de *e*, que era praticamente categórica até então, reduz sua frequência a apenas 13,5% das ocorrências. Assim, ao longo do tempo, o conector *portanto*

ganha mobilidade dentro da oração conclusiva. Além de poder aparecer em posições variadas, torna-se mais frequente em posições internas à oração.

Por sua vez, o sujeito da oração conclusiva com *portanto* se torna menos variável com o passar do tempo, indicando uma especialização. No período arcaico, os índices para terceira pessoa do singular e do plural são idênticos, com 21,4% dos dados para cada uma delas. Destaca-se, portanto, a correlação da construção com *portanto* com a terceira pessoa. No período moderno/contemporâneo, a terceira pessoa do singular aumenta sua frequência, correspondendo a 54% das ocorrências. Somadas, as instâncias de *portanto* com a terceira pessoa correspondem ao índice de 72% dos dados, o que mostra uma redução na variabilidade das propriedades número-pessoais do sujeito da oração conclusiva.

O quadro 7 reúne os resultados atestados para a construção com *por isso* ao longo do tempo.

Quadro 7 – Trajetória das construções com *por isso*

	Arcaico	Clássico	Moderno
Domínio da causalidade	Referencial – 47,4% Epistêmico – 42,1% Interacional – 10,5%	Referencial – 87,5% Epistêmico – 12,5%	Referencial – 66,3% Epistêmico – 27,2% Interacional – 6,5%
Modalização	Sem modalização – 89,4% Verbo – 5,3% Oração 5,3%	Sem modalização – 95,8% Verbo – 4,2%	Sem modalização – 91,3% Verbo – 4,3% Advérbio – 3,3% Oração – 1,1%
Posição do conector	Inicial precedida de <i>e</i> – 73,7% Inicial – 21% Medial pré-verbal – 5,3%	Inicial precedida de <i>e</i> – 58,3% Inicial – 33,3% Medial pré-verbal – 4,2% Medial pós-verbal – 4,2%	Inicial precedida de <i>e</i> – 51,1% Inicial – 31,5% Medial pós-verbal – 12% Medial pré-verbal – 5,4%
Tipo de segmento conectado	Período composto – 42,1% Vários períodos – 36,8% Uma oração – 21,1%	Período composto – 45,8% Vários períodos – 37,5% Uma oração – 16,7%	Vários períodos – 40,2% Uma oração – 32,6% Período composto – 27,2%
Sujeito da oração conclusiva	3SG – 27,9% 2SG – 16,7% 3PL – 16,7% 1PL – 11,1% Oração – 11,1% 1SG – 5,5% 2PL – 5,5% Indeterminado – 5,5%	3SG – 45% 3PL – 40% 2PL – 5% Indeterminado – 5% Oração – 5%	3SG – 42,8% 3PL – 20,9% Oração – 12% 1SG – 8,8% 1PL – 8,8% 2SG – 4,4% Indeterminado – 2,2%
Sequência discursiva	Expositiva – 42,1% Argumentativa – 31,6% Narrativa – 21% Dialógica – 5,3%	Expositiva – 33,3% Narrativa – 29,2% Descritiva – 25% Argumentativa – 12,5%	Narrativa – 48,9% Expositiva – 22,8% Argumentativa – 19,6% Descritiva – 6,5% Dialógica – 2,2%

A maior estabilidade da construção com *por isso* é observada no que diz respeito à possibilidade de modalização. Desde o período arcaico, a construção é quase categoricamente não modalizada, com índices próximos ou superiores a 90%. Os poucos casos de modalização são realizados principalmente através de verbo nos três períodos, mas também por oração nos períodos arcaico e moderno/contemporâneo, e advérbio no período moderno.

A análise das demais variáveis, por sua vez, indicou algumas mudanças importantes. Assim como acontece com a construção com *portanto*, a construção com *por isso* vai se tornando mais referencial com o passar do tempo. Isso mostra que, nas construções com conector preposicional, a tendência é de redução da subjetividade, o que significa que essas construções realizam relações mais objetivas, impessoais. Isso não significa que não possam ser usadas na expressão da relação mais subjetiva de premissa/argumento – conclusão. No período arcaico, o índice da construção com *por isso* no domínio epistêmico (42,1%) não chega a se distinguir do valor atestado para relações referenciais (47,4%)³⁷. A possibilidade da construção com *por isso* no domínio epistêmico se reduz nos períodos clássico e moderno/contemporâneo. O domínio interacional passa pelo mesmo processo; a frequência do período arcaico (10,5%) se reduz no período moderno/contemporâneo (6,5%).

Em relação à posição do conector na oração conclusiva, o índice da posição inicial precedida de *e* (73,7% no período arcaico) vai diminuindo com o passar do tempo, abrindo espaço para maior ocorrência de outras posições. Ainda que a posição inicial precedida de *e* continue sendo a mais frequente nos períodos clássico e moderno/contemporâneo, outras possibilidades de posição vão ganhando frequência, especialmente a posição inicial absoluta. No período moderno/contemporâneo, também a posição medial pós-verbal se torna mais recorrente (12%) em relação ao período clássico (4,2%). Por outro lado, a posição medial pré-verbal mantém estabilidade nos três períodos analisados.

Uma outra alteração distribucional relevante diz respeito ao segmento com que se liga a oração conclusiva. Nos períodos arcaico e clássico, embora a oração introduzida por *por isso* pudesse se conectar a segmentos mais extensos, se ligava mais frequentemente a períodos compostos. Entretanto, no período moderno/contemporâneo, a conexão a segmentos mais extensos (40,2%) se aproxima do índice de conexão com uma oração (32,6%). Segue-se a conexão com período composto (27,2%).

Outra tendência que parece se confirmar na construção com *por isso* é o aumento de sujeitos de terceira pessoa, especialmente do singular, na oração conclusiva. Ainda que essa seja a opção mais frequente já no período arcaico, os índices vão se tornando mais expressivos com o passar do tempo. Considerando a trajetória que prevê subjetivização ao longo do tempo (cf. TRAUGOTT, 1995; 2003; 2010), poderíamos esperar aumento de frequência dos sujeitos de primeira pessoa. Entretanto, o que ocorre é o contrário, tendo em vista que sujeitos de primeira pessoa são pouco frequentes.

37 Consideramos que diferenças significativas são aquelas de pelo menos 9 pontos percentuais.

Outras mudanças no uso da construção com *por isso* envolvem sua correlação com a sequência discursiva. Nos séculos mais remotos, a construção é mais recorrente em trechos expositivos (42,1%). É mais rara, por outro lado, em sequências narrativas (21%). Ao longo do tempo, o índice de sequência expositiva vai diminuindo a cada período, ao passo que o índice de narrativa vai aumentando. No período moderno/contemporâneo, a construção conclusiva com *por isso* passa a predominar em partes dos textos com função principal de narrar acontecimentos (48,9%).

A construção com *então* se mantém estável em muitas das suas propriedades ao longo dos três períodos do português, como mostra o quadro 8.

Quadro 8 – Trajetória das construções com *então*

	Arcaico	Clássico	Moderno
Domínio da causalidade	Referencial – 82,9% Epistêmico – 11,4% Interacional – 5,7%	Referencial – 80% Epistêmico – 20%	Referencial – 70,4% Epistêmico – 18,5% Interacional – 11,1%
Modalização	Sem modalização – 97,1% Verbo – 2,9%	Sem modalização – 100%	Sem modalização – 96,3% Oração – 3,7%
Posição do conector	Inicial – 54,3% Inicial precedida de <i>e</i> – 22,8% Medial pós-verbal – 17,1% Medial entre verbos – 2,9% Final – 2,9%	Inicial precedida de <i>e</i> – 50% Inicial – 20% Medial pós-verbal – 20% Medial pré-verbal – 10%	Inicial – 37,1% Inicial precedida de <i>e</i> – 29,6% Medial pós-verbal – 29,6% Medial pré-verbal – 3,7%
Tipo de segmento conectado	Período composto – 57,1% Vários períodos – 34,3% Uma oração – 8,6%	Vários períodos – 70% Período composto – 30%	Vários períodos – 48,2% Período composto – 29,6% Uma oração – 22,2%
Sujeito da oração conclusiva	3SG – 51,5% 3PL – 34,4% 2SG – 5,7% 1SG – 2,8% 1PL – 2,8% Oração – 2,8%	3SG – 80% 3PL – 20%	3SG – 38,5% 1PL – 19,3% 3PL – 19,3% 2SG – 11,5% 1SG – 3,8% Indeterminado – 3,8% Oração – 3,8%
Sequência discursiva	Narrativa – 77,2% Argumentativa – 11,4% Expositiva – 11,4%	Narrativa – 70% Argumentativa – 20% Descritiva – 10%	Narrativa – 48,2% Expositiva – 29,6% Descritiva – 14,8% Argumentativa – 7,4%

A mudança mais relevante na construção com *então* diz respeito ao tipo de segmento com o qual essa construção conclusiva se conecta. No período arcaico, a oração introduzida por *então* se conectava mais frequentemente a períodos compostos (57,1%). Essa frequência vai diminuindo ao longo do tempo, ao passo que a frequência de conexão com segmentos com vários períodos aumenta, principalmente no período clássico (70%), mas também no período moderno/contemporâneo (48,2%). Portanto, ao longo do tempo, a construção com *então* passa a estabelecer relação conclusiva com segmentos textuais mais extensos.

Quanto às demais variáveis, a construção com *então* mantém relativa estabilidade. No que diz respeito ao domínio da causalidade, desde os seus primeiros registros, a construção com *então* estabelece muito mais frequentemente relação do tipo referencial, ou seja, causa – consequência, embora possa estabelecer também relações epistêmica e interacional, mas com frequências mais baixas. Sendo assim, a construção com *então* tende a operar no domínio referencial, instaurando relações menos subjetivas, mais voltadas para a codificação da relação entre fatos, estados de coisas.

A não interferência do falante também fica clara quando verificamos que a construção com *então* tem baixa probabilidade de ser modalizada desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo. No período arcaico, apenas 2,9% dos dados sofrem modalização através de verbo, e, no período moderno/contemporâneo, apenas 3,7% são modalizados através de oração. No período clássico, nenhuma das ocorrências é modalizada explicitamente. Assim, nesse aspecto, a construção com *então* se mantém estável.

No que se refere à posição, o conector *então* tende a se situar ou na margem esquerda ou bem próximo a ela, quando precedido de *e*. Essa tendência é regular ao longo do tempo. A construção também aparece com frequência um pouco mais expressiva em posição medial pós-verbal, especialmente no período moderno/contemporâneo (29,6%). Essa distribuição de *então* quanto à posição é sistemática nos três períodos de tempo, o que indica estabilidade quanto a esse aspecto. Estabilidade pode ser observada também no que se refere ao sujeito da oração conclusiva introduzida por *então*, que, nos três períodos analisados, tende a ser de terceira pessoa, principalmente do singular. No período moderno/contemporâneo, a primeira pessoa do plural empata em frequência com a terceira pessoa do plural (19,3%). No entanto, essa diferença pode ser considerada mais do que um indicativo de mudança, apenas o reflexo de um estilo de escrita adotado por algum dos autores dos textos utilizados para o período.

Por fim, a análise dos resultados referentes à sequência discursiva também aponta grande regularidade no uso de *então* ao longo do tempo. A construção é mais frequente em

trechos narrativos dos textos dos três períodos, ainda que, no período moderno/contemporâneo, sofra uma queda de frequência. Pelo menos em certa medida, isso pode ser explicado pelo fato de haver muitos trechos expositivos e descritivos nos textos do período, o que pode enviesar os resultados.

A fim de comparar as mudanças sofridas pelas construções conclusivas ligadas por *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, desde o século XIII até o século XXI, reunimos, no quadro 9, todas as construções e todas as variáveis analisadas. O símbolo + indica as propriedades em que as construções sofrem mudanças, considerando sua trajetória ao longo do tempo.

Quadro 9 – Trajetória de mudança das construções com *logo*, *portanto*, *por isso* e *então*

	Domínio da causalidade	Modalização	Posição do conector	Tipo de segmento conectado	Sujeito da oração conclusiva	Sequência discursiva
Logo		+		+	+	
Portanto	+	+	+		+	
Por isso	+		+	+	+	+
Então				+		

De acordo com o quadro 9, a construção com *por isso* é a que sofreu mudanças em um maior número de propriedades. A análise indica mudanças dessa construção no que diz respeito ao domínio da causalidade, à posição do conector, ao tipo de segmento conectado à oração conclusiva, ao sujeito da oração conclusiva e à sequência discursiva. Logo, o único aspecto que não apresentou mudanças relevantes é a inserção de elementos modalizadores. Por outro lado, a construção com *então* é a que apresenta maior estabilidade das suas propriedades ao longo do tempo. Com base nos grupos de fatores analisados, a construção apresenta praticamente a mesma configuração semântica, morfossintática e discursiva desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo. O único aspecto indicativo de mudança é o tipo de segmento conectado.

No que diz respeito a essa variável, vale ressaltar uma regularidade: todas as construções, ainda que sejam mais usadas na conexão com períodos compostos ou com segmentos textuais maiores, apresentaram aumento na possibilidade de conexão com uma única oração no período moderno/contemporâneo. O que ocorre em todos os casos é: (i) um aumento ou estabilidade na possibilidade de conexão com segmentos discursivos constituídos por vários períodos; (ii) aumento na possibilidade de conexão com uma única oração; e (iii) consequente queda na frequência de conexão com períodos compostos. Portanto, o estudo da trajetória

dessas construções mostra que, ainda que elas sejam mais usadas em ligações com segmentos textuais mais extensos, a conexão com uma única oração ganhou espaço nos usos mais atuais.

A construção com *portanto* também sofre alterações em várias das suas propriedades, mantendo-se estável apenas em relação a duas variáveis: tipo de segmento conectado e sequência discursiva. Por fim, a construção com *logo* sofreu mudanças em metade das propriedades consideradas: modalização, tipo de segmento conectado e sujeito da oração conclusiva. O ponto a ressaltar é que, ao que tudo indica, as construções que mais sofrem mudanças ao longo de suas trajetórias são as preposicionais, enquanto as adverbiais resistiram a mudanças em diversos aspectos analisados.

Analisando os dados do quadro 9, verificamos que algumas das propriedades são mais susceptíveis de alteração, como é o caso de tipo de segmento conectado e sujeito da oração conclusiva. Três das quatro construções analisadas apresentam mudanças nesses traços. O efeito da variável sequência discursiva, por sua vez, é mais limitado, atuando apenas na trajetória de uma das quatro construções. Por fim, apenas metade das construções apresenta mudanças no que diz respeito a domínio da causalidade, modalização e posição do conector.

Um ponto que nos interessa particularmente são as alterações/mudanças das construções conclusivas consideradas quanto ao domínio da causalidade. Na seção 6.2, focalizamos este aspecto com o objetivo de verificar como se organiza a rede de construções conclusivas em cada um dos períodos do português.

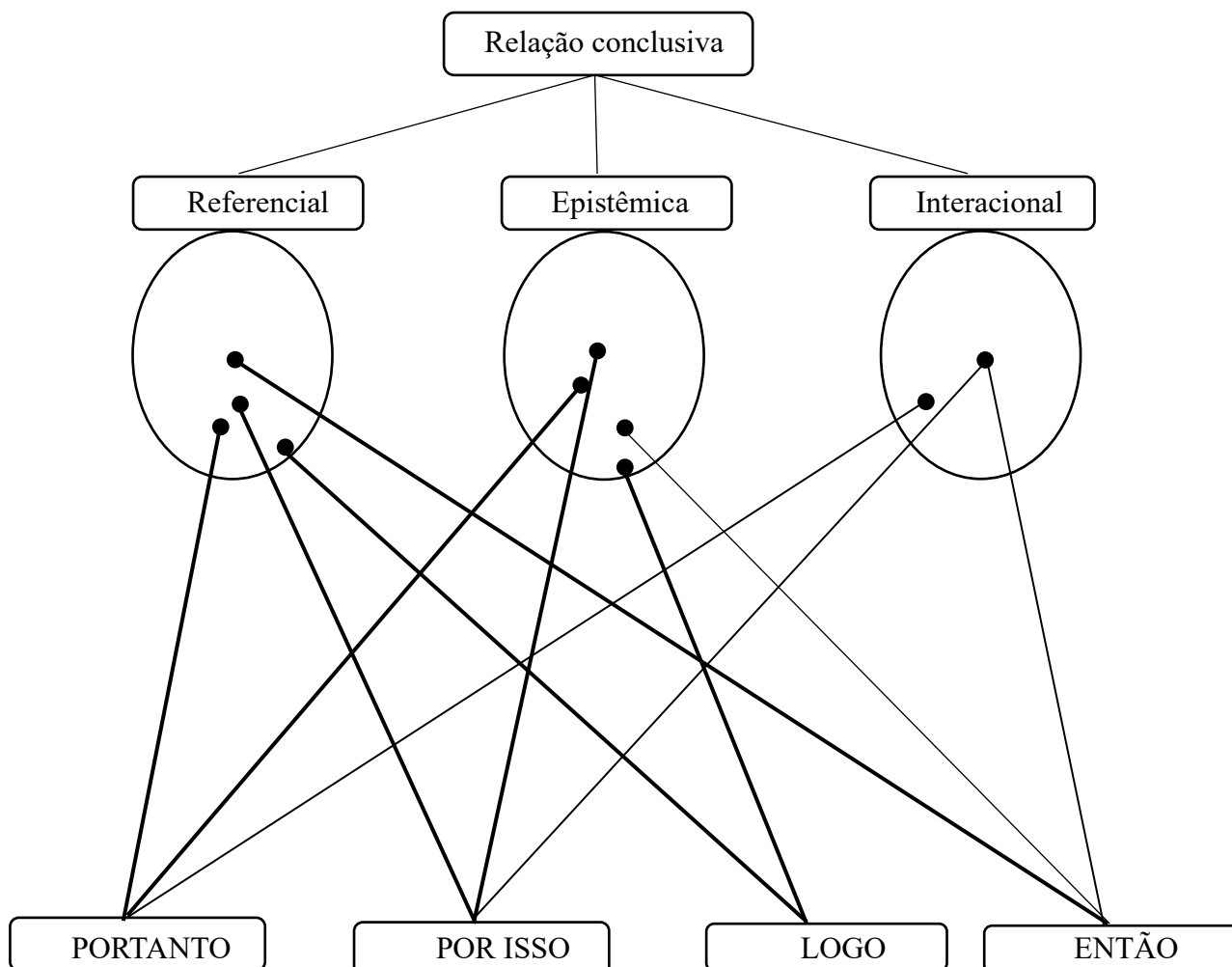
6.2. A organização das construções conclusivas por domínio

Do que pôde ser depreendido até o momento, é possível postular uma forma de organização em rede das construções conclusivas com base no tipo de relação (referencial, epistêmico ou interacional) que cada uma dessas construções é capaz de estabelecer em cada um dos períodos do português. Uma proposta é apresentada nas figuras 6, 7 e 8, tomando como base a frequência de *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* na instanciação de cada uma dessas relações.

A figura 6 considera a relação entre as construções conclusivas no período arcaico³⁸.

³⁸ As redes apresentadas nesta seção foram baseadas no modelo de rede proposto por Oliveira (2020).

Figura 6 – Rede de construções conclusivas no período arcaico



Na figura 6 são representados dois níveis de ligação baseados na frequência de cada conector por domínio. As linhas mais grossas representam as frequências mais altas, enquanto as linhas mais finas representam as frequências mais baixas. Linhas tracejadas, quando usadas, representam a menor frequência entre os três domínios³⁹. Por exemplo, 82,9% dos dados com *então* são de domínio referencial, então a ligação conector – domínio se dá por uma linha mais forte. Já as construções com *então* no domínio epistêmico representam 11,4% dos dados com esse conector, o que indica uma frequência mais baixa. De forma semelhante, apenas 5,7% dos dados de *então* ocorre no domínio interacional, ou seja, também há uma ligação mais fraca da construção com o domínio.

³⁹ Os dados usados como base para as redes das figuras 6, 7 e 8 estão na seção 5.2.1. Consideramos que diferenças de até 9 pontos percentuais não são significativas. Portanto, se a diferença entre duas frequências for até esse valor, a espessura das linhas será a mesma.

Além disso, dentro dos círculos que representam os domínios, as extremidades das linhas se localizam em diferentes pontos. Linhas que se encontram mais próximas ao centro indicam que determinado conector é mais frequente, ou seja, é o membro central naquele domínio. Por exemplo, considerando o domínio epistêmico, há uma linha mais próxima ao centro do círculo que indica que as construções com *por isso* são as mais frequentes nesse domínio e, portanto, as mais centrais. Logo abaixo, um pouco mais afastada do centro aparece a linha de *portanto*, o que indica que as construções com esse conector são membros menos centrais nesse domínio. Em seguida, se situa a linha de *então*, um pouco mais marginal e, por fim, bem próxima à margem, está a linha de *logo*, indicando que a construção com esse conector é o membro menos frequente nesse domínio, e, portanto, mais marginal no conjunto das construções que estabelecem relações no domínio epistêmico.

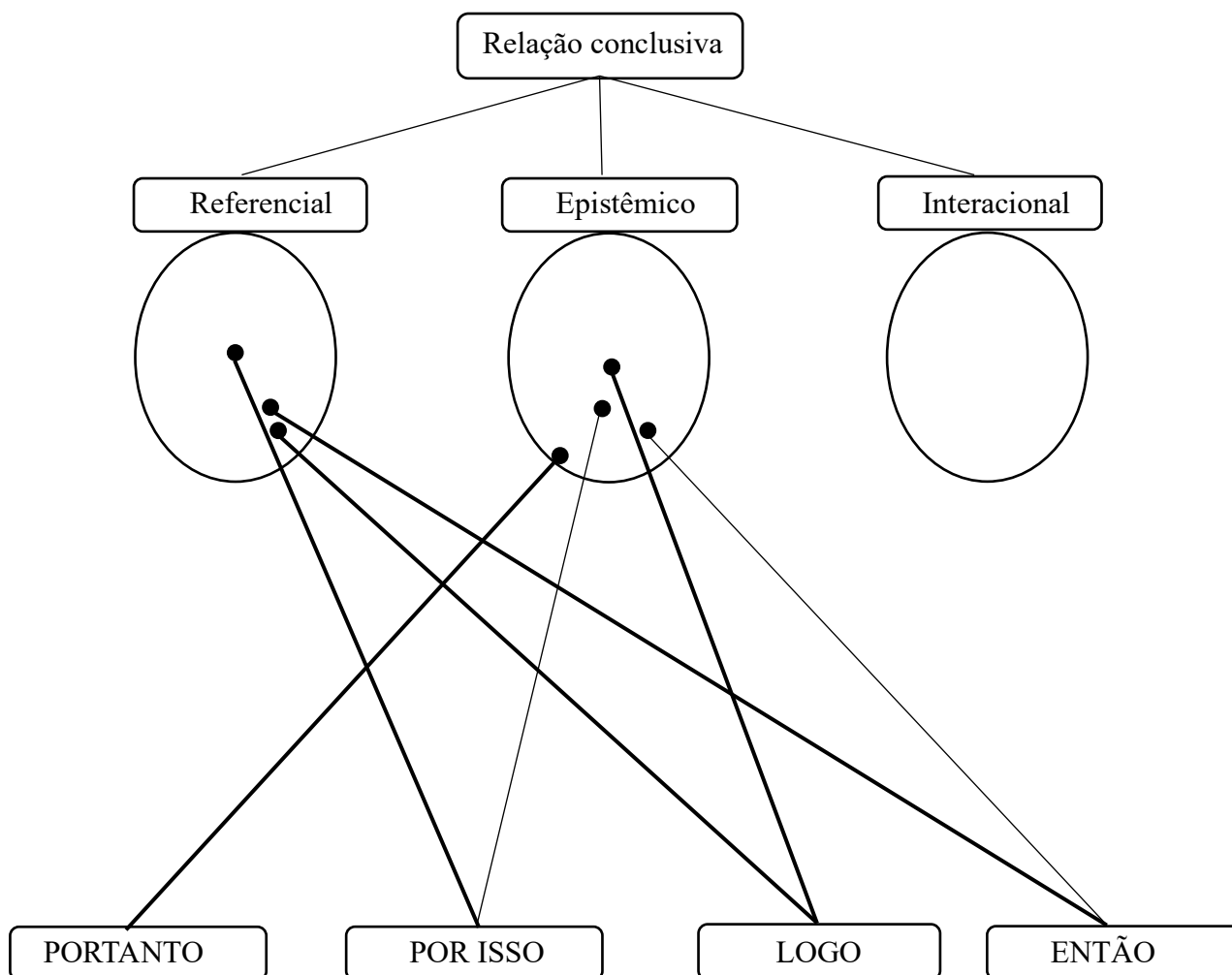
No que diz respeito à rede do período arcaico, constata-se que todas as construções conclusivas apresentam ligações fortes com o domínio referencial, ou seja, são mais frequentes na expressão da relação de causa – consequência. Além disso, quase todas as construções também estabelecem ligação forte com o domínio epistêmico, excetuando-se a construção com *então*, que apresenta ligação mais fraca, representada pela linha fina. A rede também mostra que *portanto*, *por isso* e *então* estabelecem relação conclusiva também no domínio interacional, embora de uma forma mais fraca.

Focalizando o círculo no domínio referencial, a ordem de centralidade das construções com os conectores é *então* > *por isso* > *portanto* > *logo*. A construção com *então* é o membro mais central no domínio referencial e a construção com *logo* o membro mais marginal. No domínio epistêmico, a ordem é *por isso* > *portanto* > *então* > *logo*, indicando que a construção com *por isso* possui maior centralidade nesse domínio e a construção com *logo* constitui novamente o conector mais marginal nesse tipo de relação. Já no domínio interacional, a ordem é *então* = *por isso* > *portanto*. Nesse caso, as construções com *então* e *por isso* são os membros mais centrais, e a construção com *portanto* as menos centrais. As construções com *logo* não estabelecem relações no domínio dos atos de fala. Observa-se, portanto, que a rede de construções conclusivas é mais limitada no domínio interacional, indicando menor uso dessas construções para relações intersubjetivas.

Podemos concluir que, no português arcaico, a construção com *então* é o membro mais central na relação do tipo referencial e interacional, estabelecendo, neste último caso, disputa de *status* com a construção com *por isso*. Já nas relações do tipo epistêmico, destaca-se a construção com *por isso*.

No período clássico, observam-se algumas alterações na relação entre as construções, como mostra a figura 7.

Figura 7 – Rede de construções conclusivas no período clássico



Na rede representada na figura 7, há um menor número de linhas ligando as construções aos domínios. Isso decorre do fato de que, como já vimos, no período clássico não foram atestadas ocorrências de construções no domínio interacional. Além disso, há apenas uma ocorrência de construção com *portanto*, o que, necessariamente, limita as conclusões possíveis.

De forma semelhante ao que ocorre no período arcaico, no período clássico as linhas das construções com *logo*, *por isso* e *então* apontam prioritariamente para o domínio referencial. No caso da construção com *logo*, apontam, também, para o domínio epistêmico. Isso mostra que essas três construções estabelecem frequentemente relações do tipo referencial, ou causa – consequência, e do tipo epistêmico, no caso de *logo*. As construções com *por isso* e *então* também podem estabelecer relações do tipo epistêmico, ou premissa/argumento – conclusão,

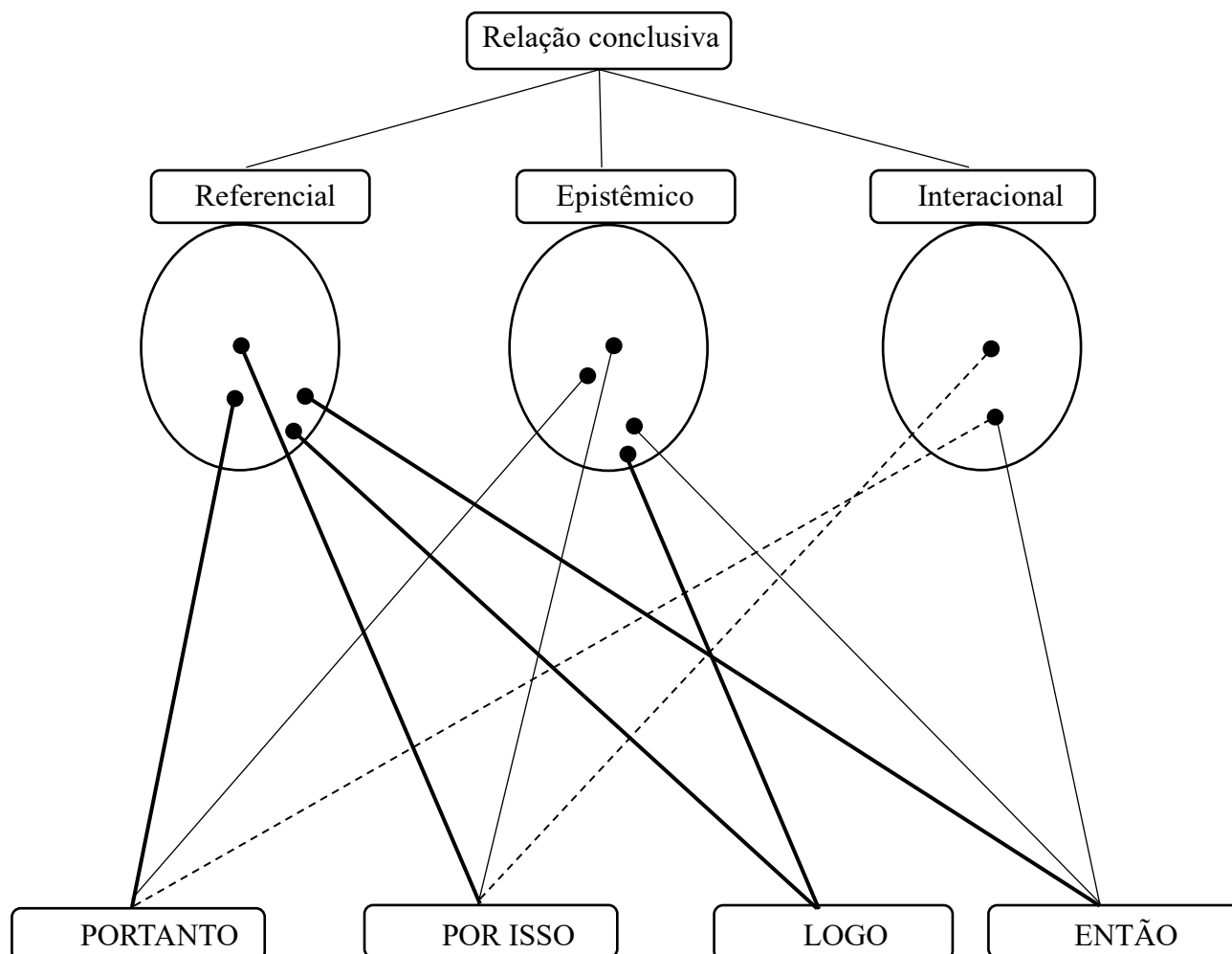
mas com frequência mais baixa do que a do tipo referencial. A exceção é a construção com *portanto*, já que o único dado encontrado estabelece relação do tipo epistêmico.

No que diz respeito à centralidade de cada construção por domínio, observam-se algumas alterações em relação ao período arcaico. Como dissemos anteriormente, não há ocorrência de nenhuma das construções no domínio interacional. No domínio referencial, a construção mais frequente passa a ser *por isso*, a construção com *então* passa a ocupar o segundo lugar e a menos frequente é a construção com *logo*. Em outras palavras, no domínio referencial, a construção conclusiva mais central é a conectada por *por isso*, e a mais marginal é a ligada por *logo*. A ordem de centralidade neste domínio é *por isso* > *então* > *logo*.

No domínio epistêmico, ocorre algo muito particular ao período clássico. A construção com *logo* que, no período arcaico ocupava posições mais marginais, torna-se a mais central. Em seguida, ocupando uma posição mais periférica, aparece a construção com *por isso*. Segue-se a construção com *então* e, finalmente, a mais marginal nesse domínio é a construção ligada por *portanto*. Nesse caso, a ordem de centralidade é *logo* > *por isso* > *então* > *portanto*.

A figura 8 esquematiza a rede das quatro construções conclusivas no período moderno/contemporâneo do português.

Figura 8 – Rede de construções conclusivas no período moderno



No período moderno/contemporâneo, considerando as construções com *portanto* e *por isso*, as linhas mais grossas são direcionadas para o domínio referencial, as finas para o domínio epistêmico e as tracejadas para o domínio interacional. Portanto, essas construções são mais frequentes na expressão da relação do tipo causa – consequência, e mais raramente expressam relação no domínio interacional. Elas também se relacionam ao domínio epistêmico, mas com frequência mediana, representada pela linha fina. A construção com *logo* é uma exceção, já que ocorre com a mesma frequência nos domínios referencial e epistêmico e é ausente no domínio interacional, ou seja, em atos de fala diretivos. No entanto, uma conclusão mais definitiva acerca da construção com *logo* exige cautela, visto que há um número muito baixo de dados para o período. A construção com *então* também apresenta uma particularidade, já que as frequências de domínio epistêmico e interacional são similares.

Tendo em vista os domínios referencial e epistêmico, no período moderno/contemporâneo a construção com *por isso* é a mais central, seguida de *portanto*, *então*

e, por último, *logo*. Assim, em um *continuum* que vai do elemento mais central ao mais marginal, temos *por isso* > *portanto* > *então* > *logo* nos dois domínios. Também no domínio interacional, a construção com *por isso* é a de maior centralidade, seguida de *portanto* e *então*, com posição similar. Sendo assim, o *continuum* que representa a distribuição das construções conclusivas no domínio dos atos de fala é *por isso* > *portanto* = *então*.

Considerando as linhas que representam a centralidade ou marginalidade de cada uma das construções em cada domínio, podemos verificar acentuada regularidade/estabilidade, já que, desde o período arcaico até o moderno/contemporâneo, as construções tendem a estabelecer mais frequentemente relações referenciais. Por outro lado, todas as construções instanciam também relação epistêmica, embora com menos frequência. Por fim, fica claro que, apesar de as construções com *portanto*, *por isso* e *então* poderem estabelecer relação conclusiva no domínio interacional, essa possibilidade é pouco frequente nos textos que compõem a amostra. No caso do período clássico, sequer foram encontrados dados nesse domínio. Podemos dizer, então, que, quanto a esse aspecto, há estabilidade no uso das construções conclusivas ao longo do tempo. As redes dos três períodos são muito semelhantes se considerarmos apenas as linhas grossas, finas e tracejadas. Entretanto, identificamos algumas alterações no que diz respeito à centralidade das diferentes construções, o que poderia ser um indicativo de mudança. Para facilitar a visualização dessa questão, reunimos no quadro a seguir o *continuum* de centralidade de cada construção, em cada domínio e por período de tempo. Esses *continua* partem do elemento mais central para o elemento menos central.

Quadro 10 – *Continua* de centralidade por domínio ao longo do tempo

	Período arcaico	Período clássico	Período moderno
Referencial	então > por isso > portanto > logo	por isso > então > logo	por isso > portanto > então > logo
Epistêmico	por isso > portanto > então > logo	logo > por isso > então > portanto	por isso > portanto > então > logo
Interacional	por isso = então > portanto	-	por isso > portanto = então

No domínio referencial, os *continua* de centralidade refletem, em geral, a ordem de frequência de cada construção nos períodos. No entanto, no domínio epistêmico podemos verificar que nem sempre a construção mais frequente do período será, também, a mais central do domínio. No período arcaico, a construção com *então*, que é a mais frequente do período, ocupa um espaço mais marginal na expressão desse tipo de relação. Isso indica que, nesse domínio, ela não é a construção mais frequente. Já no período clássico, a construção com *logo*, que tem frequência muito inferior à de *por isso*, assume a posição mais central, indicando concentração dos dados no domínio epistêmico. No período moderno/contemporâneo, a ordem de centralidade do domínio epistêmico reflete a ordem de frequência das construções no período, assim como ocorre no domínio referencial.

Sendo assim, verificamos que, em registros mais remotos, a relação do tipo premissa/argumento-conclusão tende a ser mais restritiva quanto à presença das construções. Isso faz com que mesmo uma construção altamente frequente não seja tão frequente no estabelecimento desse tipo de relação. Já no período moderno/contemporâneo, a relação epistêmica parece ser menos restritiva, o que faz com que as construções mais frequentes também sejam as mais centrais.

No domínio interacional, a construção com *por isso* é a mais central no período arcaico e no período moderno/contemporâneo. Mesmo no período arcaico, em que a frequência de *então* é muito superior à de *por isso*, as duas construções têm a mesma centralidade. Então, essa é a construção conclusiva mais utilizada em atos de fala diretivos, desde registros mais remotos até o estágio atual da língua.

Nesta seção, vimos que as quatro construções analisadas podem variar tendo em vista o domínio da causalidade em que se instaura a relação conclusiva. Nenhuma das construções se mostrou exclusiva em um domínio específico. Na verdade, o que encontramos é uma configuração de rede muito semelhante em todos os períodos de tempo, sinalizando forte polissemia de todas as construções em todos os períodos. Todas as formas estabelecem relações do tipo referencial e epistêmico, mas mais frequentemente no domínio referencial. Tal situação instaura um espaço de variação/alternância possível entre elas. Essa questão é discutida de forma mais aprofundada na seção 6.3, em que focalizamos a possibilidade de variação entre as quatro construções conclusivas, buscando identificar os contextos que favorecem uma ou outra delas.

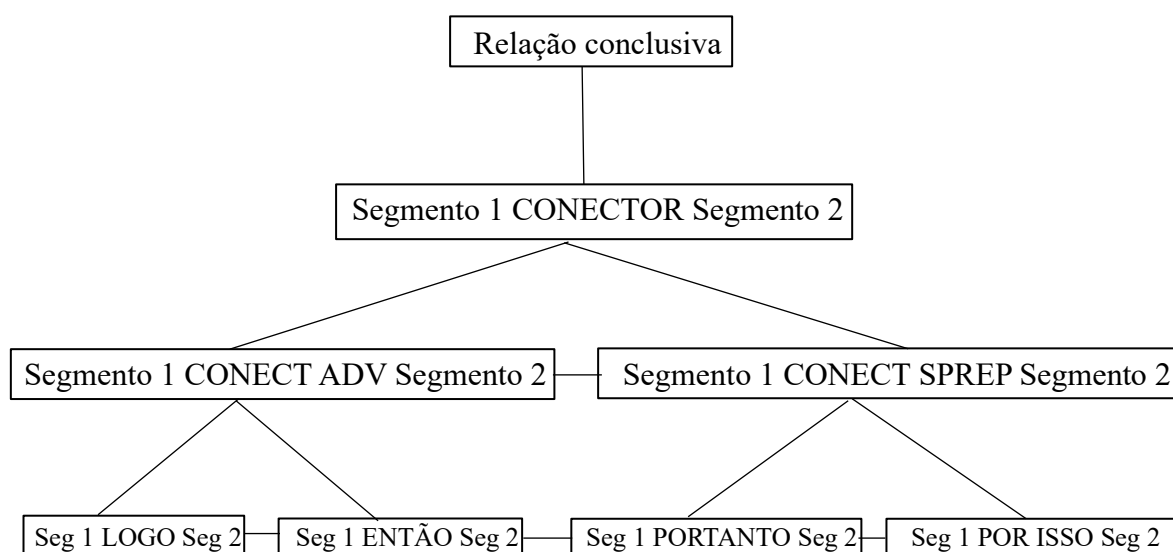
6.3. Construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*: variantes para a expressão de conclusão?

Como já vimos em pontos anteriores desta tese⁴⁰, adotamos uma visão teórica de que a gramática é formada por construções que se organizam em uma rede e estabelecem entre si diversos tipos de links. Apesar de alguns autores divergirem sobre as denominações e os tipos de ligações existentes⁴¹, Smirnova e Sommerer (2020) focalizam a importância de dois tipos de links: vertical e horizontal.

Como os próprios nomes sugerem, o link vertical se estabelece entre uma construção mais abstrata e outra/s menos abstrata/s. As construções menos abstratas herdam propriedades da construção mais abstrata com a qual se ligam. Já o link horizontal (cf. também DIESSEL, 2015, 2019) se estabelece entre construções que estão no mesmo nível de abstração. Embora partilhem propriedades, o que permitiria alternância entre elas, essas construções podem possuir também propriedades que as particularizam.

No que se refere às construções conclusivas analisadas, podemos pressupor o seguinte modelo que mostra os links verticais entre as construções em diferentes níveis de abstração e os links horizontais entre elas.

Figura 9 – Links verticais e horizontais entre as construções conclusivas



40 Ver capítulos 1 e 2.

41 Ver seção 2.2.

Nas duas últimas linhas da figura 9, estão, lado a lado, construções com o mesmo nível de abstração. Quanto mais baixa, mais concreta é a construção. Sendo assim, o link horizontal é aquele que se estabelece entre construções que estão no mesmo ponto de uma relação hierárquica, como é o caso das quatro construções, ou microconstruções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), mais concretas, focalizadas neste estudo.

De acordo com Smirnova e Sommerer (op. cit.), alguns autores consideram que construções no mesmo nível são diferentes na forma, mas têm o mesmo significado. Por isso, são construções sinônimas e, conseqüentemente, variantes que podem alternar entre si. Por outro lado, alguns autores consideram que as construções no mesmo nível de abstração, embora compartilhem um sentido mais geral, se diferenciam em algum aspecto semântico ou funcional (cf. por exemplo, GOLDBERG, 1995). Nesse caso, as construções formalmente distintas, seriam também semântica ou funcionalmente distintas. Essa questão pode ser discutida no que se refere às construções conclusivas, situadas no mesmo nível de abstração e ligadas horizontalmente: são sinônimas, ou seja, alternativas para a expressão do mesmo significado ou são semanticamente distintas?

Como aponta Naro (2003), em algumas condições de uso, o falante é obrigado a usar uma forma específica. Entretanto, em outras, mais especificamente no caso de regras variáveis, duas ou mais formas podem alternar entre si, mas seu uso é favorecido ou desfavorecido por condições específicas. Um dos objetivos desta seção é discutir se há fatores que motivam o uso de uma construção conclusiva em detrimento de outra em contextos específicos. Dessa forma, buscamos evidências de que essas construções são variantes para a expressão do mesmo significado, embora seu uso resulte da ação de diferentes fatores.

Para a obtenção dessas evidências, procedemos a uma análise multivariacional, realizada com o GoldvarbX testando as seguintes oposições entre as construções: construções com conectores de base adverbial (*logo* e *então*) *versus* construções com conectores de base preposicional (*portanto* e *por isso*) e, de forma mais detalhada, construção com *logo* *versus* construção com *então* e construção com *portanto* *versus* construção com *por isso*. As rodadas *step up* e *step down* permitiram identificar as variáveis selecionadas pelo programa como favorecedoras ou desfavorecedoras da ocorrência de uma das construções. Em outros termos, essa análise aponta que grupos de fatores possuem maior efeito sobre a ocorrência de uma variante, a partir do seu nível de significância. A análise fornecida pelo programa atribui pesos

relativos⁴², que indicam a probabilidade de uma variante ocorrer em relação a outra variante em um determinado contexto (cf. SCHERRE; NARO, 2003).

A partir da realização das rodadas *step up* e *step down* no Goldvarb X foi possível identificar duas situações. Na primeira delas, nenhuma das variáveis consideradas é selecionada pelo programa, indicando que o uso de uma ou outra variante é indiferente àquela propriedade. Nesse caso, considerando os grupos de fatores analisados, as duas formas seriam intercambiáveis. Por outro lado, há a possibilidade de que o programa selecione um ou mais grupos, o que significa que, tendo em vista aqueles grupos, uma forma seria favorecida em relação à outra.

As oposições verificadas na análise multivariacional foram as seguintes: construção com *logo* versus construção com *então*, construção com *portanto* versus construção com *por isso* e construções de base adverbial versus construções de base preposicional.

A oposição entre construção com *logo* e com *então* indica intercambialidade total nos períodos arcaico e clássico. Nenhum dos aspectos analisados nesta tese foi selecionado como fator determinante no uso de uma ou outra construção. Como havia um número muito baixo de dados no período moderno/contemporâneo para a construção com *logo*, não foi possível verificar se, em registros mais atuais, as duas formas são intercambiáveis. Portanto, pelo menos até o período clássico e com base nas variáveis analisadas, podemos considerar que *logo* e *então* seriam variantes para a expressão do mesmo significado.

A oposição entre *por isso* e *portanto*, no período arcaico, também é insensível a todos os grupos de fatores. Não foi possível verificar se essa tendência se mantém no período clássico, visto que havia apenas um dado com *portanto*. Por sua vez, no período moderno/contemporâneo, dois aspectos parecem determinar a escolha pela construção com *por isso*: a posição do conector e a presença de elementos de modalização. A tabela abaixo mostra os pesos relativos encontrados para esses dois grupos de fatores.

Tabela 31 – Por isso versus portanto no período moderno/contemporâneo

Posição do conector	Precedido de <i>e</i> : 0.75	Inicial: 0.56	Medial pós-verbal: 0.20	Medial pré-verbal: 0.16
Modalização	Com modalização: 0.91		Sem modalização: 0.46	
Significância: 0.019				

42 Pesos relativos mais próximos de 1 indicam maior probabilidade de ocorrência da primeira variável.

Antes de discutir os resultados, vale ressaltar que, quanto mais próximo de 1 for o peso relativo, maior é o favorecimento da ocorrência da construção com *por isso*. Por outro lado, quanto menor for o peso relativo, menor a probabilidade de ocorrência dessa construção. Quanto à significância, vale ressaltar que o ideal é que seja 0.000 ou o número mais próximo disso, o que indica maior importância da variável em questão.

De acordo com os pesos relativos encontrados para o grupo posição do conector, quando precedido de *e*, há maior chance de ocorrência de *por isso* (0.75) em relação a *portanto*. *Por isso* também leva uma pequena vantagem sobre *portanto* quando em posição inicial (0.56). Por sua vez, em posições mais distantes da margem esquerda, o conector é desfavorecido, principalmente quando aparece antes do verbo (0.16).

Quanto à modalização, os pesos relativos indicam que *por isso* é favorecido em casos de modalização explícita na oração conclusiva (0.91) e desfavorecido quando não há modalização (0.46). Isso indica que a construção com *por isso* é favorecida em contextos mais subjetivos, em que o ponto de vista do falante fica mais evidente. Por outro lado, se não há intenção do falante em expressar seu ponto de vista explicitamente, o uso dessa construção é menos provável. Esses resultados mostram, portanto, que, embora *por isso* e *portanto* sejam intercambiáveis em muitos contextos, no período moderno/contemporâneo, o uso de *por isso* é favorecido em condições específicas.

A última rodada realizada foi a que trouxe resultados mais regulares e interessantes para a análise. Nessa rodada, consideramos conjuntamente as construções com os conectores de origem adverbial (*logo* e *então*), em oposição às construções com os dois conectores de base preposicional (*portanto* e *por isso*). Para o período arcaico, o programa selecionou três grupos de fatores: sequência discursiva, posição do conector e modalização, como mostram os pesos relativos da tabela 32.

Tabela 32 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período arcaico

Sequência discursiva	Narrativa: 0.72	Argumentativa: 0.27	Expositiva: 0.21
Posição do conector	Inicial: 0.76	Medial pré ou pós-verbal: 0.70	Precedido de <i>e</i> : 0.19
Modalização	Sem modalização: 0.57		Com modalização: 0.08
Significância: 0.032			

De acordo com os resultados da tabela 32, em sequências narrativas são favorecidas as construções conclusivas de base adverbial (0.72), ou seja, com *logo* ou *então*, em comparação

com as construções de base preposicional. Por outro lado, sequências argumentativas (0.27) ou expositivas (0.21) desfavorecem a ocorrência dessas construções. Isso indica que essas construções, embora equivalentes em um determinado nível de significação, estão mais associadas a contextos distintos, já que, a depender do tipo de segmento textual, um tipo de construção será mais apropriado do que outro.

Quanto à posição do conector, há diferenças importantes entre as construções no que se refere à proximidade com a margem esquerda. Os conectores de base adverbial são os mais utilizados em posição inicial (0.76) e medial (0.70), seja antes ou após o verbo. Por sua vez, são desfavorecidos em posição inicial precedida de *e* (0.19). De acordo com Quirk et al (1985), um dos critérios para definir uma conjunção é a impossibilidade de o elemento em questão ser precedido de outra conjunção. Nesse caso, os conectores adverbiais estariam mais próximos de uma conjunção do que os conectores preposicionais.

Por fim, quando a oração conclusiva é explicitamente modalizada, o uso dos conectores de base adverbial é pouco provável (0.08). Sendo assim, em construções modalizadas, em que há maior nível de subjetividade, é mais provável que sejam utilizados os conectores de base preposicional.

Já nas rodadas com os dados do período clássico, o programa selecionou apenas o grupo de fatores *tipo de segmento conectado* como favorecedor da ocorrência de um tipo específico de construção conclusiva, como mostra a tabela 33.

Tabela 33 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período clássico

Tipo de segmento conectado	Um ou mais períodos: 0.73	Uma oração: 0.28
Significância: 0.011		

O período clássico é o que tem o menor número de dados, o que provavelmente influenciou nos resultados da análise multivariacional. Como já verificamos no capítulo anterior, este período tem comportamento diferente dos períodos arcaico e moderno/contemporâneo. Mesmo assim, a tabela mostra que, quando a oração conclusiva se liga a segmentos maiores, pelo menos um período composto, é mais provável o uso do conector de base adverbial (0.73). Por outro lado, em contextos com apenas uma oração, o uso desse tipo de construção é desfavorecido (0.28). Portanto, a extensão do segmento anterior a que a oração conclusiva se liga parece ser um aspecto decisivo no uso de um ou outro tipo de construção conclusiva.

Consideremos finalmente os resultados encontrados para o período moderno/contemporâneo, para o qual apenas sequência discursiva é selecionada como estatisticamente relevante, como mostram os resultados da tabela 34.

Tabela 34 – Construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional no período moderno/contemporâneo

Sequência discursiva	Narrativa: 0.80	Descritiva: 0.46	Expositiva: 0.29	Argumentativa: 0.19
Significância: 0.000				

Para o período moderno/contemporâneo, os resultados mostram que, em sequências narrativas, é mais provável a ocorrência das construções com *logo* ou *então*. Por outro lado, em trechos descritivos (0.46), expositivos (0.29) e argumentativos (0.19), construções com esses conectores são desfavorecidas. Reiteram-se, portanto, as tendências já observadas para o período arcaico. No período arcaico, o grupo sequência discursiva também foi selecionado, apontando a mesma relação: favorecimento das construções de base adverbial em trechos narrativos e desfavorecimento nos demais tipos de sequência. Entretanto, no período mais remoto, outros grupos também foram selecionados na análise, o que pode estar indicando que o controle da variação se reduz ao longo do tempo.

Do que vimos até aqui, três variáveis selecionadas na análise multivariacional apresentam um efeito regular e sistemático em diferentes rodadas: modalização, posição do conector e sequência discursiva. Em especial, as variáveis modalização e posição do conector operam em dois níveis diferentes do esquema representado pela figura 9, mais acima. Da mesma forma que controlam a variação em um nível mais alto do esquema, representado pela alternância entre construções com conector de base adverbial e construções com conector de base preposicional, também exercem controle entre construções menos abstratas, em que o *slot* CONECTOR é preenchido por *portanto*, *por isso*, *logo* ou *então*. Por sua vez, a variável sequência discursiva⁴³ ganha destaque na oposição entre construções adverbiais *versus* construções preposicionais. Tanto no período arcaico quanto no período moderno/contemporâneo, essa variável exerce controle sobre a variação entre as formas.

Dentre os contextos de variação possível, apenas alguns, especialmente a oposição entre construções de base adverbial *versus* preposicional, se mostraram mais significativamente motivados. Em diversos casos, o programa não seleciona nenhuma variável, o que indica que,

43 Para mais detalhes sobre os tipos de sequências discursivas, ver seção 5.4.

pelo menos considerando os aspectos analisados, as duas construções são variantes para a expressão do mesmo significado.

Tal situação permite colocar em debate um dos princípios fundamentais da Gramática de Construções Baseadas no Uso, qual seja, o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995)⁴⁴. De acordo com este princípio, se duas construções têm formas diferentes, também têm alguma diferença no sentido, seja ela no nível semântico ou pragmático. Nesta tese, focalizamos quatro construções formalmente distintas, visto que cada uma delas envolve o preenchimento do *slot* CONECTOR por uma forma específica. Portanto, esperávamos que pelo menos uma variável entre as analisadas fosse selecionada na análise multivariacional para cada uma das oposições estabelecidas, o que indicaria que essas construções não são equivalentes.

Entretanto, em apenas quatro oposições parece não ser possível trocar uma forma pela outra: *portanto* e *por isso* no período moderno/contemporâneo, o que indicaria maior especialização dessas formas ao longo do tempo, e adverbiais *versus* preposicionais nos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo. Nos demais casos, as formas em questão seriam, em princípio, inteiramente intercambiáveis.

Assim, o princípio da não sinonímia pode ser relativizado com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, ao longo dos três períodos do português. Em alguns contextos, as construções conclusivas podem ser consideradas variantes para a expressão do sentido conclusivo. O quadro a seguir resume em quais oposições há possibilidade de variação e em quais não há. O quadro também mostra os casos em que não foi possível fazer a análise em razão do baixo número de dados.

44 Ver seção 2.2.

Quadro 11 – Oposições consideradas na análise multivariacional

	Arcaico	Clássico	Moderno
Logo X Então	Nenhum grupo selecionado.	Nenhum grupo selecionado.	Número de dados insuficiente para análise multivariacional.
Portanto X Por isso	Nenhum grupo selecionado.	Número de dados insuficiente para análise multivariacional.	Posição do conector e modalização.
Adverbiais X Preposicionais	Sequência discursiva, posição do conector e modalização.	Tipo de segmento.	Sequência discursiva.

No quadro 11, as oposições marcadas em amarelo indicam que as formas são intercambiáveis no contexto analisado. Assim, há quatro situações em que pelo menos uma variável favorece uma das formas e três contextos em que as formas, em princípio, poderiam alternar entre si.

O acentuado decréscimo de *logo* no período moderno/contemporâneo parece indicar que *então* se generaliza, podendo ser usado em todos os contextos de *logo*. As construções com *por isso* e *portanto* também podem ser consideradas variantes nos registros mais remotos. Como destacamos em vários pontos, a ausência de dados de *portanto* no período clássico inviabiliza uma análise mais detalhada das mudanças ao longo do tempo. Considerando, no entanto, as evidências do período moderno/contemporâneo em relação ao período arcaico, podemos dizer que o uso de uma ou outra construção passou a ser controlado em algum momento, estabelecendo um quadro de variação em que determinados fatores favorecem uma ou outra construção.

A oposição em que há maior controle da variação é entre as construções de base adverbial com *logo* e *então* e as construções de base preposicional com *por isso* e *portanto*. Nos três períodos de tempo, há pelo menos um aspecto que motiva a ocorrência de um tipo de construção em relação ao outro tipo. Diferentemente das demais oposições analisadas, essa envolve construções em um nível mais alto de abstração, visto que não se determina o conector usado, mas apenas sua base. O que se espera é que a variação seja motivada no nível mais concreto, do construto (cf. por exemplo ROSA; OLIVEIRA, 2020). Entretanto, há evidências

de que, mesmo em um nível mais abstrato, é possível haver variação entre construções, ainda que com maior restrição.

Em termos de mudança ao longo do tempo, verificamos duas tendências. A primeira diz respeito à oposição entre *portanto* e *por isso*. Nesse caso, as construções surgem como variantes no período arcaico e, no período moderno/contemporâneo, as variáveis posição do conector e modalização passam a restringir a intercambialidade entre as construções. Portanto, há uma certa especialização dessas construções, com aumento no controle da variação.

Por sua vez, na oposição construções de base adverbial *versus* construções de base preposicional o caminho é o oposto. No período arcaico, há maior controle da variação, já que três variáveis favorecem a ocorrência de um tipo específico de construção (sequência discursiva, posição do conector e modalização). Ao longo do tempo, o controle da variação diminui, já que apenas um grupo de fatores passa a ser selecionado como favorecedor de uma construção (sequência discursiva). Sendo assim, as construções de base adverbial e de base preposicional estariam mais próximas de se tornarem variantes para a expressão da relação de conclusão, submetidas, no entanto, à restrição imposta pela sequência discursiva.

Portanto, a análise multivariacional permitiu obter evidências sobre a variação entre as quatro construções analisadas. Em primeiro lugar, verificamos que *logo* e *então* são variantes e tendem a ocorrer nos mesmos contextos de uso. Por sua vez, *portanto* e *por isso* percorrem uma trajetória em direção contrária à variação. Há indicações de que essas duas construções surgem como variantes, mas ao longo do tempo o uso de cada uma delas passa a ser controlado.

Ao opor as construções de base adverbial às construções de base preposicional, verificamos que elas não são variantes umas das outras desde os primeiros registros analisados. Nos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo, há pelo menos um grupo de fatores que favorece a escolha por uma construção. Ao longo do tempo, o número de grupos selecionados diminui, o que indica um menor controle sobre a variação.

Esses fatos fornecem argumentos que permitem discutir a aplicabilidade do princípio de não sinonímia ao uso das quatro construções conclusivas, já que, como vimos, em alguns contextos uma forma seria plenamente substituível por outra. Entretanto, essa afirmação se restringe aos grupos de fatores analisados nesta tese. Um desdobramento futuro deste estudo seria verificar outros aspectos que poderiam indicar alguma diferença no nível do sentido entre essas quatro construções que têm formas distintas.

No capítulo 7, apresentamos as conclusões autorizadas pelos resultados encontrados na análise da trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*.

7. CONCLUSÕES

Ao longo desta tese, investigamos a trajetória das construções conclusivas representadas pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2], desde o século XIII até registros mais atuais, do século XXI. Nos limitamos às construções em que a posição CONECTOR pode ser preenchida por conectores de base adverbial, *logo* e *então*, ou de base preposicional, *portanto* e *por isso*.

Uma das perguntas colocadas na introdução desta tese diz respeito às mudanças sofridas pelas construções. Para responder a essa pergunta, consideramos variáveis tanto no âmbito da forma quanto no âmbito do significado, de forma a depreender possíveis mudanças de cada uma das construções ao longo do tempo e verificar as alterações na rede em que se inserem. Além disso, discutimos a possibilidade de intercambialidade entre as construções analisadas.

Os resultados encontrados mostram que, desde o século XIII, são atestadas construções conclusivas com os quatro conectores, embora com frequência diferenciada. No período arcaico, a construção conclusiva com *então* se destaca como a mais frequente na amostra analisada ao passo que a menos frequente é a construção com *logo*. Já no período clássico, a construção com *por isso* passa a ocupar um espaço central, enquanto a construção com *portanto* é a que mais recua, correspondendo a apenas um dado. Como pudemos constatar, a maior parte dos dados analisados se concentra no período moderno/contemporâneo, quando se consolida a predominância da construção com *por isso* e também se observa a baixíssima ocorrência da construção com *logo*. Podemos falar, portanto, em um aumento gradativo da frequência da construção com *por isso* ao longo do tempo, e uma diminuição na frequência de ocorrência da construção com *então*. Já a trajetória das construções com *portanto* é mais irregular na amostra analisada.

No que diz respeito ao tipo de relação estabelecida, desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo, as construções conclusivas tendem a codificar mais frequentemente relações no domínio referencial, ou seja, do tipo causa – consequência, embora possam codificar também relações no domínio epistêmico, em que a relação se dá entre uma premissa tomada como um argumento que autoriza/sustenta uma conclusão. Instâncias de relação no domínio dos atos de fala, embora atestadas com *portanto*, *por isso* e *então* nos períodos arcaico e moderno/contemporâneo, são pouco frequentes. Ao contrário do que se esperava, as evidências depreendidas contrariam a expectativa de maior subjetivização das construções ao longo do tempo, já que, desde os registros mais remotos até os mais atuais, a relação de causa e consequência é predominante.

A possibilidade de modalização explícita no segmento que codifica a conclusão também foi uma das propriedades analisadas no âmbito do significado da construção. Entretanto, desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo, a frequência de modalização é muito baixa e, quando ocorre, se realiza principalmente através de verbos modais. Podemos dizer, portanto, que, ao longo de sua trajetória, as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* ou *então* tendem a não marcar explicitamente a posição do locutor.

Uma etapa da análise das propriedades do significado das construções conclusivas consistiu no levantamento dos itens verbais da oração introduzida pelo conector. Entretanto, esse levantamento trouxe resultados pouco conclusivos, não permitindo estabelecer uma correlação evidente entre construção e itens ou classes verbais específicas.

Quanto ao aspecto formal, a análise da pessoa gramatical do sujeito da oração conclusiva permitiu verificar que, em todos os períodos, há predominância do uso da terceira pessoa na oração conclusiva, embora essa tendência varie de acordo com a construção. No período arcaico, as construções com *logo* e *então* são mais frequentemente relacionadas à terceira pessoa, ao passo que as construções com *portanto* e *por isso* admitem maior variação entre as diferentes pessoas. No entanto, no período clássico, as construções de base preposicional também passam a predominar com a sintagmas nominais de terceira pessoa, o que resulta em menor possibilidade de variação do sujeito em todas as construções analisadas. Já no período moderno/contemporâneo, a preferência por sujeitos de terceira pessoa se mantém nas construções com *portanto*, *por isso* e *então*, mas observa-se uma maior distribuição dos dados para as diferentes pessoas gramaticais. De maneira geral, o que se verifica, ao longo do tempo, é uma correlação entre a construção conclusiva e sujeitos de terceira pessoa, ainda que nos textos mais atuais encontremos maior possibilidade de variação entre outras pessoas.

Uma análise mais detalhada dessa propriedade permitiu verificar uma possível correlação entre o tipo de relação estabelecida e pessoa gramatical do sujeito. Partimos da hipótese de que relações epistêmicas, portanto mais subjetivas, estariam correlacionadas a sujeitos de primeira pessoa, ao passo que a relação do tipo referencial se correlacionaria a sujeitos de terceira pessoa. Contrariamente a essa expectativa, verificamos que sujeitos de terceira pessoa, especialmente do singular, predominam em relações mais ou menos subjetivas, o que evidencia uma certa independência entre essas duas propriedades.

Um ponto central da análise realizada diz respeito à posição do elemento conector na oração. Os resultados encontrados permitiram identificar algumas diferenças importantes entre as construções focalizadas. Em primeiro lugar, destacou-se a rigidez do conector *logo*, que se posiciona categoricamente na periferia esquerda da oração. Essa tendência é regular desde o

período arcaico até o período moderno/contemporâneo, o que reforça o caráter conjuncional desse elemento. Os outros conectores, por sua vez, são mais flexíveis quanto à sua posição na oração. O outro conector de base adverbial, *então*, desde o período arcaico até o moderno/contemporâneo, é mais frequente em posição inicial absoluta e em posição inicial precedida de *e*, podendo, ainda, aparecer em outras posições.

A distribuição do conector *por isso* mostra que, desde os seus usos iniciais, esse conector tende a ser precedido de *e*. Também é usado frequentemente em posição inicial absoluta e, menos frequentemente, em posições internas da oração. A trajetória de *portanto* é semelhante à de *por isso* até o período clássico, sendo a posição inicial precedida de *e* a mais frequente, seguida da posição inicial absoluta. Entretanto, no período moderno/contemporâneo, esse conector parece se desprender da margem esquerda, e se torna mais frequente em posição medial pós-verbal. Mesmo assim, as posições iniciais ainda são frequentes. De maneira geral, verificamos uma evidente correlação entre os conectores e as posições iniciais, mas é necessário destacar que, contrariamente às nossas expectativas, aumenta a flexibilidade posicional desses elementos no período moderno/contemporâneo, especialmente de *portanto*.

Um outro aspecto formal analisado foi a possibilidade de a oração conclusiva se ligar a segmentos maiores do que uma oração, sejam eles um período composto ou segmentos com vários períodos. O que verificamos, de maneira geral, é que a oração conclusiva com esses quatro conectores tende a se ligar a segmentos além de uma única oração, já desde o período arcaico até o período moderno/contemporâneo. Entretanto, vale ressaltar que, no período moderno/contemporâneo, aumenta o número de casos em que a oração conclusiva se liga apenas à oração imediatamente anterior.

A análise da correlação entre sequência discursiva e as construções conclusivas, dividida em duas etapas, apontou tendências que se conformam de forma mais significativa com a hipótese colocada. Os resultados obtidos na primeira etapa da análise mostraram que, no período arcaico, os conectores de base adverbial, *logo* e *então*, predominam em sequências narrativas, enquanto os de base preposicional se relacionam mais frequentemente a sequências argumentativas e expositivas. Essa tendência se mantém no período clássico, ainda que com algumas diferenças nos índices de frequência. Já no período moderno/contemporâneo, encontramos algumas alterações. Embora a construção com *então* continue mais frequente em sequências narrativas, torna-se mais variável em relação ao segmento discursivo em que ocorre. Por sua vez, a construção com *por isso* se torna mais frequente em sequências narrativas, ainda que seja utilizada nos demais tipos de sequências, e a construção com *portanto* mantém sua preferência por sequências argumentativas e expositivas.

Uma segunda etapa de análise da variável sequência discursiva consistiu em verificar sua possível correlação com o tipo de relação estabelecido. De acordo com a hipótese colocada, esperávamos maior correlação entre sequências mais subjetivas, como a argumentativa, e relações também mais subjetivas, como as do domínio epistêmico. Por outro lado, esperávamos correlação mais estrita entre sequências narrativas e relação referencial, confirmando o que já foi encontrado no estudo de Decat (1995). Os resultados encontrados nos três períodos de tempo mostram evidências favoráveis à correlação entre construções no domínio referencial e sequências narrativas, e também entre sequência argumentativa e relação epistêmica.

A partir desses resultados, em especial os relacionados ao domínio da causalidade, postulamos redes de construções por domínio para cada período do português. Reafirmando o que já colocamos anteriormente, desde o período arcaico, fica evidente a forte correlação entre construção conclusiva e os domínios referencial e epistêmico, especialmente o primeiro.

Uma outra pergunta que norteou este estudo foi: em que medida as construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* podem ser consideradas intercambiáveis? De maneira geral, verificamos que alguns contextos permitem intercambialidade entre as construções, já que nenhuma das propriedades é selecionada como favorecedora de uma construção específica. Por outro lado, há contextos em que uma propriedade favorece o uso de uma construção, ainda que a outra também possa ocorrer. De todo modo, há indicações de que as construções podem variar entre si em certos contextos, o que nos possibilita afirmar que elas são sinônimas. Esses resultados fornecem evidências que sugerem necessidade de relativizar o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995), segundo o qual não existe sinonímia entre construções linguísticas formalmente distintas. Evidentemente, a análise de outras propriedades seria necessária para elucidar a possibilidade de que outros aspectos discursivos e pragmáticos estejam associados ao uso das construções conclusivas.

Além disso, vale ressaltar que os quatro elementos responsáveis pela conexão das construções conclusivas, *portanto*, *por isso*, *logo* e *então*, se localizam em um *continuum* entre advérbio e conjunção. Não é possível rotular esses elementos como pertencentes a uma ou outra categoria, já que compartilham propriedades das duas.

O estudo realizado permitiu esclarecer alguns aspectos da trajetória das construções conclusivas ligadas por *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* ao longo do desenvolvimento do português. Esperamos, assim, ter contribuído para outras pesquisas sobre a relação conclusiva e sobre esses conectores. Evidentemente, há muitas outras construções e muitas outras propriedades a serem consideradas. Em um futuro desdobramento desta tese, esperamos

expandir o estudo, incorporando outras construções e outras variáveis. Uma outra linha de exploração envolveria a busca de outras evidências a partir da análise de dados de fala.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. *A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

AMORIM, F. S. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. Tese (Doutorado em estudos linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

ANTUNES, J. K. S. *A variação no uso dos conectores conclusivos então, aí, por isso e zero na fala carioca*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ARENA, A. B. *Multifuncionalidade e polissemia do então: um estudo panorâmico*. Dissertação (Mestrado em Estudos de linguagem), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do Português*. São Paulo: Editora Zahar, 2000.

BARBOSA, J. S. *Gramática philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1881.

BARODAL, J. *Productivity: Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2008.

BARRETO, T. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BOYLAND, J. T. Usage based models of language. In: EDDINGTON, D. (ed.) *Experimental and quantitative linguistics*. Munique: Lincom, 2009, p.351 – 419.

BRAGA, M. L. Aí e então em expressões cristalizadas. *Caderno de estudos linguísticos*, n.44, Campinas, 2003, p. 169 – 177.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. *The handbook of historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p.602-623.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n.4. p. 711-733, 2006.

_____. *Language, usage and cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J.; BECKNER, C. Usage-based Theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford handbook of Linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 827 – 855.

CASTRO, I. Formação da Língua Portuguesa. In: RAPOSO, E. et alii. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 7 – 13.

CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S. B. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em português. *Soletras*, n. 37, 2019, p. 133 – 154.

CHANDLER, S. Exemplar-based models. In: EDDINGTON, D. (ed.) *Quantitative and experimental Linguistics*. Munique: Lincom, 2009, p.100-158.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 5.ed, 2008.

DECAT, M. B. N. Relações adverbiais e gêneros do discurso. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, v.28, p.19 – 36, 1995.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.) *Handbook of cognitive Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2015, p.295-321.

_____. *The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. In: ARONOFF, M. (ed.) *Oxford research encyclopedia of Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016, p.295-321.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.44, n.1, p.20 – 25, 2009.

FLORET, M. F. *A ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo no Português clássico e contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

FRIED, M. Construction Grammar as a tool for diachronic analysis. *Constructions and Frames* 1 (2), p. 262-291, 2009.

_____. Principles of constructional change. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.), *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 419-437.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Express, 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C.S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola editorial, 2007, p. 15 – 66.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. São Paulo: Pontes, 2001.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar. *Language*, 56, 1980, p. 515-540.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. *The handbook of historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 573 – 601.

HILPERT, M. *Constructional change in English*. Developments in allomorphy, word formation, and syntax. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

_____. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

_____. Three open questions in Diachronic Construction Grammar. In: COUSSÉ, E.; ANDERSSON, P.; OLOFSSON, J. (ed.), *Grammaticalization meets construction grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2018, p. 21-39.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. *What makes grammaticalization? A look from its Fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21-42.

IBBOTSON, P. The scope of usage-based theory. *Frontiers in Psychology*, volume 4, artigo 255, p. 1-15, 2013.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: A Usage-based Conception of Language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.) *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1993.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LEITE DE OLIVEIRA, D. *Construções de foco com o marcador “éto” em russo*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, Niterói, n.21, p. 59 – 72, 2006.

LOPES, A. C. M. Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa*, São Paulo, 56 (2), 2012.

LOPES, A. C. M; PEZATTI, E. G; NOVAES, N. B. As construções com portanto no Português europeu e no Português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v.5, n.9, p.203 – 218, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 5.ed, p. 19 – 36.

MARQUES, N. B. N. *A relação conclusiva na Língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2014.

MARQUES, N. B. N; PEZATTI, E. G. *A relação conclusiva na Língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MARTELOTTA, M. E; SILVA, L. R. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 549 – 592.

MATTOS E SILVA, R. V. Para uma caracterização do período arcaico do Português. *D.E.L.T.A*, v. 10, Número especial, 1994, p. 247 – 276.

_____. Novas contribuições para história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Diadorim*, v. 2, 2007, p. 99 – 113.

MEDEIROS, P. T. C. *Gramaticalização de conectores: um estudo diacrônico de entretanto e no entanto*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15 – 25.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCK, I. G. V. (org.) *Gramática do Português falado: volume 6*. Campinas: Editora Unicamp, 1996, p.171-208.

_____. Uma versão integrada das construções complexas de causalidade. *Actas do XIII Encontro nacional da Associação portuguesa de Linguística*, v.2, 1998, p. 143 – 154.

_____. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, v. 7, 1999, p. 461 – 496.

_____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOËL, D. Diachronic construction grammar: a state of the art. *Colloque Bisannuel sur la Diachronie de l'Anglais (CBDA-3)*, Amiens, França, 2013.

_____. For a radically usage-based diachronic construction grammar. *Belgian Journal of Linguistics* 30, p. 39-53, 2016.

OLIVEIRA, M. C. P. *A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

OLIVEIRA, B. A. *A trajetória da construção por causa de: uma análise centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

_____. *A evolução da rede de construções causais do português*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, M. C. A. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

_____. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, A. T. *Variação e discurso*. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p. 63 – 74.

PAIVA, M. C. A.; BRAGA, M. L. Gramaticalização e especialização funcional: o caso do conector pois. *Revista Diacrítica*, Braga, v. 27, n. 1, 2013, p. 195-216.

PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 179 – 190.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros do discurso. *Alfa*, v. 41, Número especial, 1997, p. 79 – 98.

PERES, J. A. Sobre conexões proposicionais em português. In: BRITO, A. M. et al (ed.). *O sentido que a vida faz*. Porto: Campo das Letras, 1997, p.775 – 787.

PERES, J. A.; MASCARENHAS, S. Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5, 2006, p. 113 - 169.

PEZATTI, E. G. Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio. *Scripta*, Belo Horizonte, v.4, n.7, 2000, p. 60 - 71.

_____. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *DELTA*, São Paulo, v.17, n.1, 2001, p. 81 - 95.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Interface Sintaxe-Semântica : em defesa de uma abordagem construcionista para a ordem VS do português brasileiro. *Letrônica*, Porto Alegre, v.8, n.2, p.285-303, 2015.

QUIRK, R; GREENBAUM, S. LEECH, GEOFFREY; SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Pearson Longman, 1985.

ROCHA LIMA, C. H. *Teoria da análise sintática*. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

_____. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2011.

ROSA, F. S. L.; OLIVEIRA, M. R. Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia. *Revista Linguística*, v. 16, n. 2, 2020, p. 29 – 49.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147 - 177.

SILVA, M. J. F. *Propriedades sintáticas e discursivas das orações com porque*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. The nature of the node and the network – Open questions in Diachronic Construction Grammar. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020, p. 1 – 36.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, Volume Especial, p.139-151, 2016.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in Grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (ed.). *Subjectivity and Subjectivisation: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.31-54.

_____. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. (Ed.) *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p.124 - 142.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2010, p. 29-74.

_____. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, L.; GHESQUIÈRE, L.; VELDE, F. V. *English text construction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2012, p.7-28.

_____. Toward a constructional framework for research on language change. In: HANCIL, S.; KONIG, E. *Grammaticalization: Theory and data*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2014, p.87-105.

_____. Modeling Language change with Constructional networks. In: BORDERÍA, S. P.; LAMAS, O. L. (ed.) *Beyond grammaticalization and discourse markers: new issues in the study of language change*. Leiden/Boston: Brill, 2018, p.17-50.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Grammaticalization, constructions and the grammaticalization of constructions. In: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. *Grammaticalization and language changes: new reflections*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012a, p.167-198.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.) *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007, p.48 – 81.

VIEIRA, M. S. *Aí, daí e então em Campo Grande e São Paulo: análise sociofuncionalista no domínio da causalidade*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.